

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

VALORES, RELIGIÃO E CULTURA:
AS DIFERENTES CONCEPÇÕES RELIGIOSAS NA
PARÓQUIA NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS

NEIDE DA SILVA PAIVA

GOIÂNIA, 2002

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

VALORES, RELIGIÃO E CULTURA:
AS DIFERENTES CONCEPÇÕES RELIGIOSAS NA
PARÓQUIA NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS

Neide da Silva Paiva

Orientadora

Prof^a. Dr^a Carolina Teles Lemos

Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado em Ciências da Religião
como requisito para obtenção do grau
de Mestre.

GOIÂNIA, 2002

A Aneilton, esposo, companheiro, crítico e colaborador nesta pesquisa. À Ana Maria e Ana Clara, filhas que são presentes de Deus. À Maria Ramos, mãe, colaboradora, observadora e fiel a sua fé. A José Jerônimo, pai, pelo seu tempo dividido com suas netas, minhas filhas.

Epígrafe

“A ciência sem religião é aleijada,
a religião sem ciência é cega”.

(Albert Einstein)

EM AGRADECIMENTO

A Deus pelo dom da vida.

A meus pais, José Jerônimo e Maria Ramos que souberam transmitir valores essenciais para construir a vida e bem viver.

A Aneilton, esposo-amigo que compreendeu minha ausência em muitos momentos.

A Ana Maria e Ana Clara, filhas queridas que tentaram entender que nem sempre podiam contar com a minha presença.

A todos os professores doutores desse curso que muito contribuíram para minha formação intelectual.

A amiga Valéria, que nos acompanhou durante o curso como secretária do mestrado.

A professora doutora Sandra Duarte que iniciou a orientação do projeto de pesquisa apresentado, de uma forma singular.

A professora doutora Carolina Teles que concluiu a orientação desse projeto sempre presente, como amiga, companheira e acima de tudo profissional.

Aos colegas do curso de mestrado pelas trocas de experiências.

A amiga Carmem, que se tornou especial pelo companheirismo, apoio e a convivência.

Enfim, a todos que de uma forma direta ou indiretamente contribuíram com a elaboração, o desenvolvimento e as considerações finais dessa pesquisa.

SUMÁRIO

RESUMO	09
ABSTRACT	10
INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - COMUNICAÇÃO, CULTURA E RELIGIÃO: TRANSMISSO- RAS DE VALORES	19
1. Cultura e Religião como fornecedoras de sentido.....	19
1.1. Comunicação	24
1.2. Comunicação, Simbólico e Igreja Católica.....	32
1.3. Comunicação no Ato Litúrgico da Igreja Católica	36

2. Valores	43
2.1. A Comunicação no Campo Religioso como Legitimadora de Valores	48
CAPÍTULO 2 - A COMUNIDADE EM ANÁLISE.....	51
1. História	51
1.1. Sua Estruturação.....	51
1.2. Processo de Construção da paróquia Nossa Senhora das Graças	52
1.3. Processo de Formação da paróquia Nossa Senhora das Graças	54
2. Participação: Categorias do discurso do clero	58
2.1. Compromisso e Motivação.....	58
2.2. Categorias de elaboração do discurso dos padres na paróquia Nossa Senhora das Graças	65
2.2.1. Elementos na Construção teórica do discurso eclesial	65
2.2.2. Elementos de ordem pedagógica no discurso do clero.....	80
2.2.3. Elementos de ordem pragmáticos no discurso do clero.....	83
CAPÍTULO 3 – VALORES PRESENTES NO DISCURSO DOS FIÉIS	90
1. O Catolicismo de um determinado grupo de fiéis.....	90
1.1.Tradição e Trânsito Religioso de um determinado grupo de fiéis	96
2. Valores culturais na formação de uma Religiosidade	104
3. O Culto dos fiéis a Maria na paróquia Nossa Senhora das Graças	110
4. Religiosidade Pluralista.....	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	124
ANEXOS	129
FOTOGRAFIAS	135

RESUMO

PAIVA, Neide da Silva. *Valores, Religião e Cultura – As Diferentes Concepções Religiosas na Paróquia Nossa Senhora das Graças*. Universidade Católica de Goiás, 2002.

O objeto de análise dessa investigação é o discurso do clero na paróquia Nossa Senhora das Graças no período de agosto de 2000 a dezembro de 2001, durante as homilias dominicais. Visa perceber o entendimento e a interpretação que os fiéis dessa comunidade fazem desse discurso. Um discurso em uma celebração estruturada com textos bíblicos requer que o presidente, ou seja, o padre que preside a celebração, de um lado, respeite e explique as mensagens celebrativas e, de outro, se adapte à situação cultural e às exigências de fé dos ouvintes. Ele deverá ter consciência dos próprios condicionamentos culturais e espirituais. Ao pesquisar a relação existente entre os valores presentes nos discursos do clero e nos dos fiéis, visamos esclarecer os motivos que levam esses fiéis a fazerem um trânsito nas diversas paróquias que professam o mesmo credo religioso, no caso o catolicismo. O discurso do clero da paróquia Nossa Senhora das Graças tenta mostrar como é o compromisso do cristão que desenvolve atitudes concretas. Os fiéis, nem todos o interpretam dessa forma. Percebemos através da pesquisa que o fato do fiel católico não ter um entendimento do discurso utilizado pelo sacerdote nessa paróquia específica, está relacionado ao fato do conteúdo do discurso apresentar uma visão macro-social, enquanto que o fiel busca, por meio da religião ou da instituição Igreja, uma comunicação com Deus relacionando seus problemas do cotidiano, nas relações familiares e em tudo que envolve sua vida. É possível perceber no discurso dos sacerdotes e no discurso dos fiéis dessa paróquia, a concepção religiosa que cada um tem e faz questão de transmitir.

ABSTRACT

PAIVA, Neide da Silva. *Values, Religion and Culture – The Nossa Senhora das Graças Parish's different religious conception*. University Catholic on Goiás. 2002.

The object of the analysis of this investigation is the cleric's discourse in the parish Nossa Senhora das Graças in the period from August 2000 to December 2001, during the Sunday homilies. Its aim is to realize the understanding and interpretation that churchgoers of this community make about this discourse. A discourse in an organized celebration with biblical texts requires that the president, or being, the priest who presides the celebration, on the one hand, respect and explain the celebrative messages, and on the other hand, adapt to the cultural situation and the demands of the faith of the listeners. He should be aware of their spiritual and cultural conditions. Upon researching the existing relationship among current values in the discourse of the cleric and churchgoers, we aim to clear up the motives that cause these churchgoers to change to diverse parishes that profess the same religious creed, in this case the Catholicism. The cleric's discourse in the parish Nossa Senhora das Graças attempts to show how the obligation of a Christian who develops concrete attitudes is. Not all the churchgoers interpret it in this way. We know through the research that the fact of the faithful catholic not having an understanding of the discourse utilized by the priest of this specific parish is related to the fact that the content of the discourse presents a macro-social vision, while the churchgoer looks for through religion or the institution of the Church, a communication with God related to his everyday problems, in familial relations and everything which involves his life. It's possible to perceive in the discourse of the priests and the reliable of this parish, the religious conception that each one has and insists on transmit.

INTRODUÇÃO

O estudo sobre os efeitos do discurso do sacerdote da paróquia Nossa Senhora das Graças no cotidiano dos fiéis dessa comunidade, deve-se a interesses pessoais e indagações de pessoas que, se interessam pela comunicação interna e o discurso utilizado em uma homilia pelos sacerdotes católicos durante a celebração de uma missa. Após algumas breves leituras sobre o assunto, o interesse despertado aumentou, e buscamos argumentar com algumas pessoas sobre o simbolismo da linguagem que por vezes é usado em diferentes discursos. Notemos que elas também tinham várias indagações a respeito do tema. Realizei leituras mais específicas que pudessem auxiliar-me

neste estudo e, com embasamento em livros, documentos e entrevistas fundamento essas observações.

A pesquisa desenvolvida direciona o objeto de estudo de forma a desencadear argumentos que demonstrem que alguns sacerdotes não conseguem envolver a comunidade em que trabalham nos compromissos comunitários. O objeto de análise dessa investigação é o discurso do clero na paróquia Nossa Senhora das Graças no período de agosto de 2000 a dezembro de 2001, durante as homilias dominicais. Visa perceber também o entendimento e a interpretação que os fiéis dessa comunidade fazem desse discurso. Em toda comunidade a comunicação é importante para que ocorra o entendimento da mensagem religiosa. É determinante o processo discursivo de forma clara, objetiva, de acordo com a capacidade mental, intelectual e com a cultura dos ouvintes. O comunicador deve aproximar o máximo possível seu discurso com a realidade vivida pelos seus ouvintes.

A homilia tem sido uma forma privilegiada de discurso nas celebrações da Igreja Católica. Segundo o dicionário bíblico (1996), o termo homilia do grego *homilein*= conversar, entreter familiarmente, designa o estilo conversativo, próprio de quem se dirige convivialmente a familiares e amigos, desta forma de pregação. A pluralidade de palavras nas celebrações, sem dar atenção à função presidencial do presbítero, se tornou uma característica da praxe eclesial das comunidades de base, mas também de iniciativas pastorais tendentes a envolver as assembléias. Quando a distribuição desse discurso é monótona pode correr o risco de sufocar a liturgia ou de provocar tédio e aborrecimento nos presentes. Nada é mais nocivo a uma celebração do que um presidente que queira explicar todas as expressões

usadas no texto, épocas, costumes, espaço geográfico e que repetidas vezes fique exortando os membros da assembléia a participarem, porque no tempo dos apóstolos comunidade era algo em comum a todos. Um discurso em uma celebração estruturada com textos bíblicos requer que o presidente, de um lado, respeite e explique as mensagens celebrativas e, de outro, se adapte à situação cultural e às exigências de fé dos ouvintes. Ele deverá ter consciência dos próprios condicionamentos culturais e espirituais: a pertença a uma categoria social.

Ao pesquisar a relação existente entre os valores presentes nos discursos do clero e nos dos fiéis, visamos contribuir com a busca de respostas às várias indagações que os fiéis dessa comunidade fazem sobre a homilia durante a celebração de uma missa. Tentaremos esclarecer os motivos que levam esses fiéis a fazerem um trânsito nas diversas paróquias que professam o mesmo credo religioso, no caso o catolicismo. Há uma diferença na introspecção e interiorização da fé católica de paróquia para paróquia, que vai além de toda a simbologia comum existente? O discurso do clero que faz uma reflexão a partir somente da vida pessoal, dos problemas individuais e de um Deus que olha individualmente cada um é diferente daquele que tenta convencer que Jesus está presente no irmão e que só é possível se aproximar de Deus, à medida que se aproxima do próximo?

O discurso do clero da paróquia Nossa Senhora das Graças tenta mostrar como é o compromisso do cristão que desenvolve atitudes concretas. Tenta mostrar de que maneira o fiel precisa testemunhar sua fé e fazer a ligação entre o discurso sacerdotal e o seu cotidiano. Os sacerdotes pregam essa afirmação. Os fiéis, nem todos a interpretam dessa forma. Por isso faz-se necessário o discurso direto, dizendo o que quer dizer. O entendimento nas entrelinhas nem sempre é homogêneo, ocorrem distorções em certos assuntos abordados na homilia. O

discurso sacerdotal dá margens a interpretações ambíguas. Isso deixa o fiel, que não tem perspicácia, sem entendimento. O fiel então acaba por não interpretar o que não foi dito; o que o sacerdote quis deixar entender com sua estratégia particular de usar o vocabulário teológico e social que quase sempre não alcança seu objetivo.

Percebemos através da pesquisa que o fato do católico não ter um entendimento do discurso utilizado pelo sacerdote nessa paróquia específica, está relacionado ao fato de que a visão de mundo, de Igreja, de cristão, observado pelo sacerdote da paróquia Nossa Senhora das Graças é muito abrangente. Poderíamos dizer que é uma visão macro-social. A partir dos fatos sociais, ele fala em ser cristão e como é o papel do cristão na comunidade. Enquanto que o fiel, o que busca por meio da religião ou da instituição Igreja, é tentar uma comunicação, uma aproximação de Deus, para que Deus possa ajudá-lo nos problemas do cotidiano, nas relações familiares e em tudo que envolve sua vida.

Vários fiéis que participam da Renovação Carismática Católica (RCC) fiéis com os quais conversamos durante a pesquisa, não são praticantes de suas normas, apenas freqüentam as reuniões de oração quando necessitam de algum conforto, seja emocional, espiritual, material ou qualquer que seja. Estes fiéis com os quais tivemos um contato maior durante as entrevistas afirmam transitar pelo catolicismo, às vezes até transitam na própria paróquia. Eles não se dizem católicos “renovados”, termo usado pelos fiéis que seguem fielmente as normas da RCC, entendendo que renovar significa começar diariamente o exercício da fé, do amor ao próximo através da oração, mas se dizem “renovados” quando fazem uso dos “carismas ou dons” dos fiéis que fazem parte da RCC.

Os fiéis que fazem esse trânsito pelo mesmo campo religioso parecem não querer se comprometer com a comunidade, talvez por que exige um certo compromisso do fiel. No entanto, mesmo sem assumir-se um fiel comprometido com a RCC e a realidade da comunidade, esse católico busca orações de curas, missas mais alegres, e outros ingredientes que a Igreja possa lhe oferecer.

A pesquisa de campo foi realizada na paróquia Nossa Senhora das Graças como já foi mencionado. Os critérios de escolha para esta comunidade foram:

- O conhecimento da realidade da paróquia nos últimos 18 anos, pois convivemos com esta comunidade durante esse tempo.
- A permanência dos mesmos fiéis nesta paróquia, nestes últimos 18 anos, os filhos e netos desses mesmos fiéis que continuam participando ou freqüentando esta comunidade.
- A origem histórica dessa paróquia, que poucos fiéis conhecem. Este setor, bem localizado hoje, quando do seu início era uma “invasão”.
- O trânsito dos fiéis nos últimos 3 anos, para outras paróquias nas imediações do setor. Que motivos teriam para não continuarem freqüentando a paróquia onde foram batizados, onde alguns se casaram e outros, sempre a freqüentaram.

Os critérios para as entrevistas seguiram, uma lógica. Começamos entrevistando as pessoas que moram há mais tempo no setor. O senhor José Alves é um dos fundadores da Igreja, é morador deste bairro desde 1949. Dona Maria Pereira também mora no bairro desde 1949. Dona Tereza Barbo conheceu o padre Sousa, que foi quem celebrou a primeira missa nesta paróquia, e tem contato com ele até os dias de hoje. O senhor José Silva mora em frente à paróquia desde a construção da primeira estrutura em alvenaria, ele ajudou a construí-la. Carmelita freqüenta esta paróquia há mais de 25 anos e trabalha

diretamente com cada sacerdote que passa por lá. Dona Rita Castorina ajuda nas quermesses desde os tempos dos sacerdotes da ordem redentorista.

Em seguida entrevistamos 12 pessoas com idade acima de cinquenta anos por perceber que sempre estão participando das celebrações das missas, mesmo sem estarem engajadas em algum grupo específico. Depois de ouvir as pessoas que conhecem a História da paróquia e que moram no bairro há muito tempo, continuamos a pesquisa com as pessoas que estão entre 30 a 49 anos, pelo fato de serem a maioria entre os fiéis que freqüentaram a paróquia no período da pesquisa. Foram entrevistadas 28 pessoas. Por último selecionamos os fiéis mais jovens, que são poucos e quase não participaram das celebrações de missa nesse período relacionado. 8 jovens participaram da entrevista. Os jovens que freqüentaram a paróquia no período da pesquisa têm algum parentesco com os fiéis mais antigos.

O questionário utilizado como roteiro foi estruturado com perguntas fechadas e abertas. As perguntas fechadas nos interessavam para catalogarmos a idade do fiel, há quanto tempo este freqüenta a paróquia, sua formação escolar, seu líder religioso e que meios de comunicação costuma utilizar. Que programas ouvem no rádio e na televisão como forma de entretenimento. As perguntas abertas foram pessoais, relacionando o interesse do fiel pela paróquia, pelos trabalhos desenvolvidos na comunidade, pela atuação do sacerdote na comunidade e pelo discurso do sacerdote durante a homilia. (cf. anexo 2)

Durante o período de investigação, homilias foram gravadas, algumas dessas ocorreram em domingos seguidos, outras têm um espaço de tempo de quinze dias. O que pôde ser constatado no discurso dos sacerdotes, é uma coerência de pensamento crítico quanto às questões sociais. Em todas as homilias gravadas as expressões igualdade social, injustiças, cristãos conscientes, reflexão

da realidade, gesto concreto, desigualdade e termos assim foram usados. A partir das entrevistas gravadas, foram selecionadas essas idéias mencionadas nos discursos das várias homilias feitas pelos sacerdotes, para que pudessem nos orientar confrontando assim, com expressões usadas pelos fiéis como: o sacerdote tem que ter total disponibilidade para a comunidade, ser presente nas famílias e conhecer as necessidades pessoais dos fiéis. O eixo central para a análise do discurso, considerando as semelhanças entre uma e outra homilia e as coincidências das respostas dos fiéis no processo de seleção dos dados, mostra os valores dos fiéis em contra partida com os valores dos sacerdotes.

A estrutura da dissertação está dividida em três capítulos:

O primeiro capítulo tem por objetivo discorrer com pontos teóricos sobre Comunicação, Cultura e Religião como transmissoras de valores, sendo valores o eixo da nossa discussão nesta pesquisa. Como os valores são interiorizados mediante uma cultura e como a comunicação no âmbito religioso interfere nesses valores envolvendo os fiéis da comunidade religiosa Nossa Senhora das Graças é o que pretendemos mostrar. Relacionando no decorrer da pesquisa os elementos que auxiliam ou que dificultam a comunicação entre clero, na pessoa do sacerdote, e os fiéis através do discurso homilético dominical no período de agosto de 2000 a dezembro de 2001.

O segundo capítulo contempla o contexto histórico da formação da paróquia e da estruturação do bairro onde esta se situa. Evidencia o processo de formação e estruturação da paróquia, a participação dos fiéis dessa comunidade junto aos trabalhos comunitários envolvendo os sacerdotes que administraram a paróquia no período da pesquisa. Analisa algumas categorias para um melhor entendimento do envolvimento dos fiéis com a paróquia e procura entender a participação destes,

desde o momento de sua fundação até o momento do término da pesquisa. Procura vislumbrar o compromisso e a motivação dos fiéis para participarem ou não de uma mesma comunidade, visto que a maioria das pessoas entrevistadas e freqüentadoras da paróquia atua como colaboradores há vários anos. Analisa os elementos de ordem pedagógica e pragmática na construção do discurso eclesial, discutindo o discurso do sacerdote da paróquia Nossa Senhora das Graças e a reação dos fiéis dessa comunidade a esse discurso. Analisa os valores presentes na fala de quem representa o clero e os valores presentes na vida daqueles que buscam na linguagem utilizada pelos sacerdotes apenas um “conforto espiritual”.

O terceiro capítulo tem por objetivo explicitar as angústias do fiel em relação ao discurso dos sacerdotes. Procura confrontar as informações do referencial teórico com a pesquisa de campo, apontar possíveis respostas às hipóteses levantadas. Busca ainda identificar os valores culturais na formação da religiosidade dos fiéis dessa paróquia, o culto mariano, a tradição de novenas e quermesses, o trânsito religioso feito dentro da própria paróquia e como essa pluralidade de atitudes religiosas interfere na administração da paróquia e na participação dos fiéis. Tenta concluir com um olhar crítico os efeitos do discurso do sacerdote da paróquia Nossa Senhora das Graças no cotidiano dos fiéis dessa comunidade.

CAPÍTULO 1 - COMUNICAÇÃO, CULTURA E RELIGIÃO: TRANSMISSORAS DE VALORES

1. Cultura e Religião Como Fornecedoras de Sentido

Cada cultura contextualiza sua crença através de um credo religião.

Segundo Geertz uma religião é:

“um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas” (Geertz, 1989, p. 81)

Os sistemas culturais interferem e se integram na vida da pessoa, determinando a atividade e qualidade de suas experiências.

As disposições que fazem com que as pessoas se situem no plano cósmico

são os mesmos **símbolos**¹ que também as situam no plano religioso. Para Geertz "cultura é mais amplo que sociedade, é um processo dialético, em constante construção." Através do pensamento pode-se efetivamente orientar-se e compreender a vida. Tem os que são capazes de adotar os símbolos religiosos como uma garantia cósmica, não apenas para sua capacidade de compreender o mundo, mas também para que compreendendo o mundo estes dêem precisão a seu sentimento, definindo suas emoções, suportando-as de forma significativa.

A dimensão simbólica dos acontecimentos culturais, sociais e psicológicos pode ser avaliada, pois o cotidiano urbano e estes outros padrões citados acima têm uma dimensão extrínseca, fora dos limites do organismo do indivíduo, permitindo assim a análise dos padrões culturais, mostrando a importância da existência de fonte simbólica para que o homem possa desenvolver e atuar sobre o mundo.

Os símbolos viabilizam o ser humano como criatura, sem estes padrões culturais o ser humano fica sem autocontrole, sem direção guiado por impulsos e emoções vagas.

Assim como os símbolos, os mitos são vistos como resultado final de ambigüidades de fatos da vida que insistem em dar sentido a uma estrutura moral da realidade vivida. Weber aborda que:

"É justamente em termos de um simbolismo religioso, um simbolismo que relaciona a esfera de existência do homem a uma esfera mais ampla dentro da qual se concebe que ele repouse, que tanto a afirmação como a negação são feitas" (Weber apud Geertz, 1989, p. 124).

Segundo Geertz o que impulsiona os seres humanos para a crença em

1 - símbolo pode ser qualquer coisa que ganhe vários significados ao mesmo tempo, respeitando formulações e concepções individuais, pois o que pode significar para um não terá para um outro este mesmo significado. Geertz, 1989, p.75 a 80.

deuses, demônios, espíritos é um envolvente senso de beleza ou uma alucinante percepção de poder. Nas religiões místicas, reside a autoridade na força e nas religiões carismáticas, a autoridade reside na atração hipnótica de uma personalidade extraordinária.

“A perspectiva religiosa repousa justamente no sentido verdadeiramente real e as atividades simbólicas da religião como sistema cultural se devotam a produzi-lo, intensificá-lo e tanto quanto possível, torná-lo inviolável pelas revelações discordantes da experiência secular. Mais uma vez, a essência da ação religiosa constitui, de um ponto de vista analítico, imbuir um certo complexo específico de símbolos – da metafísica, que formulam e do estilo de vida que recomendam – de uma autoridade persuasiva”. (Geertz, 1989, p. 128)

É no ritual que se fortalece a convicção de que as concepções religiosas são verdadeiras, mesmo que esse ritual seja apenas a recitação de um mito. As disposições e motivações se encontram reforçando assim umas às outras: “Num ritual, o mundo vivido e o mundo imaginado fundem-se sob a mediação de um único conjunto de formas simbólicas, tornando-se um mundo único” (Geertz, 1989, p. 129).

Coincidindo com Geertz sobre os ritos, Durkheim (1989) comenta: “As representações religiosas são representações coletivas; os ritos são maneiras de agir que se destinam a suscitar, entreter ou refazer certos estados mentais destes mesmos grupos.”

E Rolim comentando Habermas, afirma que:

“...desde que se reconhece na prática ritual o fenômeno religioso mais original, pode-se ver no simbolismo religioso a mediação pelos símbolos, uma forma especial de interação. A prática ritual serve para estabelecer uma comunhão realizada na comunicação” (Habermas apud Rolim, 1997, p.39).

Não podemos nos limitar a ser espectadores de uma realidade cultural e nem conseguiríamos, pois somos agentes ativos desse processo. Na verdade é necessário não só “olhar por trás das interpretações... mas é preciso olhar através delas”

(Merrill apud Geertz, 1997, p.70).

Pode ser notado que não há nas sociedades a cultura que domina o comportamento dos indivíduos, mas a diversidade de culturas que terminam por definir traços culturais a uma determinada sociedade. Segundo Geertz, (1998, p.33) “estes fatos não só são verdadeiros, como também acontecem simultaneamente” pois o artesanato e a tecnologia desempenham um papel importantíssimo neste acontecimento que permite “*a reconfiguração do pensamento social*”. A tarefa da descoberta do sentido da representação seria a mais importante das abordagens sobre a ação simbólica.

É possível notar que a aproximação do ser humano com o sagrado se dá de uma forma curiosa, pois parece que para as pessoas “mais simples” este fato é algo comum do seu “mundo”, ou pelo menos surge essa aproximação e se expande “ao redor do emaranhado de práticas herdadas, crenças aceitas, juízos habituais, e emoções inatas, existentes anteriormente” (Geertz, 1998, p.112).

Existe grande número de razões para que seja justificado esse comportamento, mas o que vem ao caso neste contexto é tentar descobrir se existe em qualquer lugar ou em qualquer sociedade aspectos da cultura sistematizados com uma dimensão da cultura que não é normalmente considerada um de seus compartimentos organizados, como acontece no que se refere ao senso comum: “O senso comum se baseia na tradição, na construção cultural, enquanto que a religião baseia seus argumentos na revelação (...) O senso comum continua a ser, no entanto, um fenômeno que é presumido, e não analisado. (Geertz, 1998, p. 114 e 117).

O bom senso é uma forma de explicar os fatos da vida que afirma ter o poder de chegar ao máximo desses fatos. Como uma estrutura para o pensamento, ou uma espécie de pensamento, o bom senso é tão autoritário quanto qualquer outro:

“nenhuma religião é mais dogmática, nenhuma ciência mais ambiciosa, nenhuma filosofia mais abrangente. O bom senso tem a pretensão de ir além da ilusão para chegar à verdade, ou, como costumamos dizer, chegar às coisas como elas realmente são” (Geertz, 1998, p.128).

O ser humano está em constante interação com as culturas e nesse processo aparecem elementos de resistência que nem sempre proporcionam mudanças culturais. O símbolo é a mediação sócio-cultural-riqueza de sentido.

Weber considera a cultura numa perspectiva em que o ser humano estabelece significados que este mesmo teceu – nessa interpretação este procura o significado das próprias ações.

Ao discutir cultura, Weber assim como Geertz e Todorov organizam suas reflexões a partir do significado ordenado dos símbolos a serem transmitidos.

Geertz (1989) define cultura como “sistema ordenado de significados e símbolos... nos termos dos quais os indivíduos definem seu mundo, expressam seus sentimentos e fazem seus julgamentos”

Todorov (1978), relaciona tudo que é significativo ao poder da memória. Quando mobilizamos a memória o que nos é imediatamente fornecido não é uma narrativa, e sim traços que salientam momentos privilegiados, fisionomias, nomes, gestos, lugares que o pensamento organiza num todo coerente, isto é, num todo significativo.

Como, segundo Todorov (1978), a cultura recorre à memória para ser organizada enquanto pensamento, esta termina por referenciar os mitos. Numa civilização complexa como a nossa, faz-se mister considerar que os mitos sempre se inserem num sistema de gêneros escritos ou orais que difere de acordo com as culturas e que influi sobre a forma particular que nelas assumem esses mesmos mitos.

Conforme sistemas simbólicos ou padrões culturais a que Geertz se refere, ele afirma: “cultura é mais amplo que sociedade, é um processo dialético, em constante construção.” Ocorre um dado objetivado que volta para a concepção de valores, este dado objetivado é interiorizado e exteriorizado pelo indivíduo que constrói a sociedade e este adquire da sociedade construída, valores que de forma sucessiva estarão sempre em processo.

Para compreender a cultura como ação simbólica nesse processo, isso implica em compreender como ocorre a intenção do agente para expressar-se. O modelo construído pelo autor: “é um argumento no sentido de que remodelar o padrão das relações sociais é reordenar as coordenadas do mundo experimentado” (Geertz, 1989, p.22). As formas da sociedade são a substância da cultura.

A cultura se explica enquanto conjunto entrelaçado, como sistema de signos que dão forma e explicam o contexto dos acontecimentos sociais, comportamentos ou processos e compreendê-los significa relacionar uns com os outros. “compreender a cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade” (Geertz, 1989, p. 24). O que fazemos da cultura é a construção de um modelo.

A própria cultura de uma sociedade pode ser considerada como um grande sistema de códigos de comunicação. Nossos sentimentos patrióticos podem ser expressos por meio de símbolos como: o hino nacional, a bandeira ou mesmo algumas datas históricas comemorativas. A cultura funciona pela comunicação.

1.1. Comunicação

A partir do objeto de pesquisa definido considero importante relacionar de forma teórica alguns conceitos, e fundamentar em alguns autores os argumentos

que serão utilizados no decorrer de toda a pesquisa. Tentaremos começar nossa discussão levantando o que poderá enriquecer nossa pesquisa no que tange à comunicação, cultura, religião e valores.

Podemos encontrar diferentes enfoques nas ciências sociais para definição e estudo da comunicação. Ainda que as definições de comunicação variem de acordo com o quadro de referência teórico empregado e com a ênfase dada a certos aspectos do processo total, todas elas incluem cinco fatores fundamentais: A) um emissor; B) um receptor; C) um meio ou veículo; D) uma mensagem; e E) um efeito.

“Assim, em sua forma geral, o termo comunicação designa um processo no qual um emissor emite ou envia uma mensagem por meio de algum veículo a algum receptor e produz um efeito. A maioria das definições inclui também a idéia de interação, na qual o emissor é simultânea ou sucessivamente um receptor, e o receptor é simultânea ou sucessivamente um emissor”. (Silva, 1987, p.226)

Sociólogos, psicólogos e biólogos abordam o estudo da comunicação através da análise comparativa do comportamento de diferentes espécies de animais. Alguns sociólogos, no seu interesse pela comunicação direcionam seu estudo, sobretudo ao estudo da linguagem e à análise de veículos e mensagens (signos, símbolos e seus significados), embora se tenham também interessado pelos efeitos funcionais da comunicação.

A “comunicação pode ser definida como a transmissão de significados por meio de símbolos. Ao interagirem por meio de símbolos, os homens se empenham na comunicação. O transmissor e o receptor de símbolos só se terão comunicado, no entanto, se cada um deles se identificar com a situação do outro”. (Lundberg apud Silva 1987, p.360)

E é nesse sentido que faremos a análise.

A comunicação faz parte da cultura de uma sociedade, assim como tudo o que está presente na realidade humano-social dessa sociedade.

Segundo Guareschi (1991, p.16) cultura é como um “conjunto de sentidos e significados que é vivido e assumido pelo grupo como a própria expressão de sua realidade humano-social; passa de geração a geração, sendo acrescido e transformado, conforme as circunstâncias ou necessidades”. E continua seu pensamento dizendo que afirmar que a comunicação constrói a realidade não é exagero, a única realidade passa a ser a representação da realidade em um mundo simbólico, imaterial que não é concreto, palpável, mas real. Para ele a comunicação constrói ou destrói a imagem das pessoas. Como consequência lógica dessa afirmação, quem detém a comunicação detém o poder: “A Comunicação e a informação passam a ser alavancas poderosas para expressar e universalizar a própria vontade e os próprios interesses dos que detém os Meios de Comunicação” (Guareschi, 1991, p.19)

Cada vez mais verdades, valores ou o que não é considerado como valores éticos passam pela “mediação da comunicação”. Esta tem como tarefa principal universalizar os interesses, persuadir, colocar-se como pressão moral para conseguir seus intentos. O que se percebe, então, é que o tipo de comunicação tem ligação com a configuração do ser humano. Mas a comunicação estaria “configurando um novo tipo de ser humano? Estaríamos entrando num novo mundo cultural? (Guareschi,1991, p.21)

Na mesma lógica do pensamento de Guareschi, afirma Noya Pinto (1999) “que a comunicação não é um fenômeno contemporâneo e nem isolado. É necessário considerá-la integrada aos processos culturais, não há como desvinculá-la da cultura”.

Quando pensamos comunicação, logo nos vem à mente as técnicas modernas de comunicação, a falsa idéia de que a tecnologia contemporânea é que dá subsídios para entender o que é comunicar-se. No entanto, o ser humano com

suas necessidades individuais e coletivas de sobrevivência sempre se comunicou. O conteúdo e os significados da comunicação numa perspectiva histórica permaneceram os mesmos; o que mudou a cada época foram as técnicas que foram se transformando, se aperfeiçoando até chegar ao que temos hoje.

Nossa História, como todas as outras, é marcada pela comunicação. Com a chegada dos portugueses em terras brasileiras, a mímica foi, sem dúvida, o primeiro meio de comunicação entre estes e os indígenas. Ainda nesse processo há a interação das culturas através do idioma falado tanto pelos índios como pelos portugueses. E quando começa a acontecer a união entre os dois povos, surge os mamelucos e, com eles a primeira geração bilíngüe aprendendo tanto o português como o idioma nativo.

Como as culturas primitiva e européia são distintas, o choque cultural foi inevitável, sobreveio no momento em que europeus agrediram violentamente o ethos cultural dos nativos, escravizando-os ao trabalho agrícola.

Embora com mais de meio século da exploração dos portugueses em terras brasileiras, é possível ainda considerar alguns pontos que os Jesuítas introduziram na cultura dos nativos como forma de se comunicar. Além do idioma considerado o principal meio de comunicação,

“Nóbrega defendeu o uso de instrumentos musicais, cantos e danças indígenas na liturgia católica. Anchieta, além de compor hinos em língua-geral, usou músicas indígenas alterando-lhes as letras para cantos sacros.(...), porém foi com o teatro que os Jesuítas demonstraram melhor a sua capacidade de utilização da comunicação como meio de persuasão”.
(Noya Pinto, 1999, p. 12)

A história da Comunicação em nossa cultura passa por várias etapas, a começar pela colonização até chegar aos meios de comunicação de massa que hoje se encontram em poder de uma minoria. Toda trajetória política, econômica e

religiosa faz parte de um desenvolvimento que coincide com a transformação da estrutura de toda sociedade. Como conseqüência dessas transformações começam a ocorrer alterações nos valores, na sensibilidade do povo brasileiro.

Segundo Noya Pinto (1999, p.17), enquanto acontece uma redefinição da cultura brasileira em todos os setores é possível ao homem “conviver com sua cultura e os meios de comunicação de massa, sem destruir aquilo que está no mais profundo de suas raízes, ao mesmo tempo universal como patrimônio humano.”

As diferentes formas de se comunicar estão sempre presentes em todas as culturas e são de fundamental importância, tanto na criação, como na transmissão, mudança, legitimação e reprodução de determinada cultura.

A Igreja ² fazendo parte da cultura, ressalta o seu conjunto de sentidos e significados legitimando e reproduzindo os seus conceitos de valores.

Como nos propomos analisar o discurso do clero em uma paróquia da Igreja Católica, consideramos também de igual importância relacionar esse conceito, Igreja, em Weber. O termo usado por Weber considera Igreja como:

“organização homogênea racional, com direção monárquica e controle centralizado da devoção, isto é, de que ao lado do deus pessoal supramundano encontrava-se também um regente intramundano dotado com poder imenso e a capacidade de regular ativamente a vida” (Weber,1991, p.373).

Em Wach (1990), encontraremos a afirmação que toda comunidade de fé tem sua organização. Dependendo do grupo religioso o desenvolvimento em seu interior se difere, variando de acordo com as condições locais das tradições de

2 - A palavra Igreja (“*ekklèsia*”, do grego “*ek-kalein*” – chamar fora) significa convocação. Designa assembléias do povo, geralmente de caráter religioso. Assembléia do povo eleito diante de Deus. Ao denominar-se Igreja, a primeira comunidade dos que criam em Cristo se reconhece herdeira dessa assembléia. O termo “*Kyriakè*”, do qual deriva “*Church*”, “*Kirche*”, significa a que pertence ao Senhor. Na linguagem cristã, a palavra “Igreja” designa assembléia litúrgica. Estes três significados são inseparáveis, “A Igreja” é o Povo que Deus reúne no mundo inteiro (Catecismo da Igreja Católica, 1992,185)

cada grupo.

“Acompanhada de continuada reflexão e discussão, de sistematização e elaboração de doutrina, Igreja, não é um termo meramente descritivo, mas normativo, e se baseia em conteúdo (doutrina) definido, referido a um ideal”

(Wach,1990, p.180).

Embora essa Igreja se apresente de forma fragmentada no que se refere às suas organizações, ela busca o direito de representar o todo, bem como o seu ideal.

Uma organização que tem um controle centralizado e com um poder muito grande capaz de regular a vida, como afirma Weber, termina por impor valores que servirão de modelo. E mesmo que cada comunidade se organize conforme as suas condições locais, como afirma Wach, o controle interior mantido por uma organização que representa Deus, como é o caso da Igreja, tenta de todas as formas persuadir o fiel para que este se envolva fazendo parte da humanidade, embora a instituição Igreja tem um ideal a ser alcançado diferente do ideal individual do fiel, ela tenta envolver este, levando-o a acreditar que o ideal da Igreja é o mesmo ideal particular seu.

Na tentativa de abranger essa humanidade, a Igreja Católica, a qual estamos tratando, usa muitos instrumentos para alcançar seu objetivo e um desses instrumentos é o discurso. Nesse contexto, trataremos deste tema fazendo um breve comentário do termo. O conceito de discurso de acordo com o dicionário Aurélio vem (*Do lat. Discursu.*) "1. Peça oratória proferida em público ou escrita como se tivesse de o ser. 2. Exposição metódica sobre certo assunto: arazoado. 3. Oração, fala (Holanda, 1996, p.596).

Segundo Maingueneau, (1997, p.15), o termo discurso revela-se com múltiplas formas de análise. Há uma diversificação simétrica quando se estabelece

a oralidade com a lingüística. Do ponto de vista sociológico assumirá o aspecto de uma prática que mantém uma relação com as pesquisas de campo e se interessa por enunciados com flexibilidade por fatores heterogêneos.

	FRANCESA	ANGLO-SAXÃ
Tipos de discurso	Escrito-doutrinário	Oral-conversação comum
Objetivos determinados	Propósitos textuais - explicação – Construção do objeto	Propósitos comunicacionais Imanência do objeto
Método	Estruturalismo Lingüística e história	Interacionismo Psicologia e Sociologia
Origem	Lingüística	Antropologia

“F. Gadet resume neste quadro as diferenças entre a análise de discurso da escola francesa e o que genericamente é entendido nos Estados Unidos, como análise de discurso” (Maingueneau, 1997, p.16).

A noção de discurso não é estável.

“Pode ser considerado um conjunto de regras capazes de produzir uma infinidade de enunciados, realizados ou não, a partir da posição enunciativa estudada.(...) Quando falamos, adotamos uma forma de comportamento intencional regida por regras” (Maingueneau,1997, p.23 e 31)

Maingueneau afirma que ao enunciar um discurso este se concede um certo lugar e atribui um lugar complementar ao outro “peço-lhe que se mantenha nele e que reconheça aquele que fala”(p.32). Uma formação discursiva não deve ser concebida como um bloco compacto que se opõe a outros, mas uma realidade heterogênea

por si mesma. Não se constitui em um limite, como uma fronteira que se desloca em função dos embates da luta ideológica.

“ Toda dificuldade consiste, em admitir que o sentido da linguagem não se superpõe às relações econômicas e sociais, o aprofundamento do elo entre o discurso e os grupos que o geram, obrigam a remodelar as partilhas tradicionais sobre este assunto” (Maingueneau,1997, p.188)

Analisando as afirmações de Maingueneau, o discurso oral e escrito tem um objetivo por parte de quem o faz. No entanto, as relações econômicas e sociais que compõem cada grupo são muito mais fortes que a linguagem proferida, faz-se necessário adequar esse discurso aos grupos a quem são destinados. Cada grupo tem suas necessidades e gera formas de contemplar suas expectativas.

As paróquias católicas utilizam o discurso como instrumento para evangelizar? Ou somente a simbologia, os gestos, a ritualização? Os meios de comunicação de massa estão se impondo com força de atração, com criatividade, e isso, faz parte do cotidiano da população. A busca do sagrado, da fé, da religião é outra realidade também muito forte em nossos dias, para essa mesma população. Nesse processo de constante informação, terão as paróquias possibilidades de levar a um confronto real a realidade da busca do sagrado e as necessidades cotidianas dos fiéis, considerando os valores pregados pela Instituição Igreja, enquanto promotora do sagrado?

Os fiéis esperam dessa Instituição seu posicionamento quanto ao que se apresenta no meio social em que vivem, porque buscam respaldo na religião para suas necessidades, por considerarem-na como aquela que legitima a sua maneira de ver a realidade social.

Buscando responder a essas inquietações a Igreja Católica, através do docto nº 72, referente à comunicação rumo ao novo milênio traz presente em seu

discurso um novo desafio para sua ação em relação a esta temática. Trata-se de reestruturar, planejar e atuar de forma conscientizadora e crítica visando uma religiosidade que atenda aos anseios dos fiéis de acordo com o grupo local e sua realidade.

A realidade de algumas paróquias demonstra que onde se cultiva a comunicação, onde cada um se identifica com a situação do outro, emissor e receptor interagem havendo assim um envolvimento muito mais satisfatório, com maior participação dos fiéis que fazem parte dessa realidade, desta forma de vivenciar a evangelização. É necessário planejar algo novo:

“Só quando se tem coragem de inovar, as mudanças acontecem. Talvez, a falha esteja exatamente nisto: embora se insista tanto que a missão está no Ide e anunciai, pronunciado pelo mestre de Nazaré, **o padre ainda não é visto como comunicador**. Ou seja, alguém vocacionado para a tarefa específica do anúncio”(Carvalho,1993, p.46).

É possível que a mudança da forma de ministrar o conteúdo do discurso feito pelos sacerdotes deva começar por observar a realidade do fiel, por conseguinte demonstrar os valores intrínsecos de um conteúdo diferenciado, de acordo com as necessidades desses fiéis.

1.2. Comunicação, Simbólico e Igreja Católica

Independentes da classe social a que pertencem, muitas vezes as pessoas reforçam uma simbologia em objetos ou em gestos que convence mais que as palavras. No discurso direto pode-se perceber quando o que é falado nem sempre é para ser entendido em seu sentido real. Por exemplo na expressão: “a família é a célula da sociedade” indiretamente sugere que esta instituição seja mantida com sua concepção única de família, resguardando e reforçando a legitimação da

ordem.

Ser capaz de estabelecer um entendimento entre o que simboliza e como se interpreta alguma fala é muito interessante, pois um discurso pode se tornar simbólico, no momento em que o trabalho de interpretação nele feito encontra um sentido indireto.

Segundo Frazer “a historia das religiões não passa de um longo esforço para conciliar um uso antigo com uma razão nova” (Frazer apud Todorov, 1978, p.33). No nosso domínio, esse esforço toma a forma da interpretação.

Bordenave (1982, p.40) considera que para acontecer a comunicação é necessário alguns elementos básicos:

“a realidade onde ela se realiza e sobre a qual tem um efeito transformador;
os interlocutores que dela participam;
os conteúdos ou mensagens que elas compartilham; os signos que elas utilizam para representá-los; os meios que empregam para transmiti-los.”

Partindo do princípio do poder da linguagem falada, Bordenave explicita que,

“diversos estudos têm mostrado que existem diferenças importantes entre a linguagem empregada pelas classes sociais mais elevadas e as classes subalternas. Esse fato certos lingüistas denominam códigos elaborados e códigos restritos, respectivamente.” (1982, p.80)

Um discurso pode ser ambíguo, ter vários sentidos para um mesmo enunciado. O sentido de uma palavra ou de uma frase pode ocupar lugar diferente de acordo com a interpretação do receptor, o valor dado às palavras ou a simbologia a elas empregada determinará sua importância. Como Bordenave explicita, cada classe social tem um conjunto de signos que se torna para cada pessoa o seu vocabulário no dia a dia e não tem como uma pessoa entender um conjunto de códigos elaborados se o que ela adquiriu no decorrer de seu aprendizado foi apenas um conjunto de códigos restritos. Um discurso falado com

um vocabulário além do entendimento daqueles que ouvem provavelmente não será entendido.

O ser humano é um ser simbólico. Os símbolos ligam os atores sociais entre si por intermédio de diversos meios de comunicação. Os símbolos têm funções sociais: comunicação (linguagem) visão de mundo, participação/pertença; favorecem a solidariedade, definem a organização hierárquica, ligam o passado e o presente, atualizam as forças e os poderes sobrenaturais. A eficácia dos símbolos depende da adequação entre o significante e o significado destes símbolos para que sejam apropriados a alcançar seu objetivo geral sem interferências externas.

A capacidade analítica do ser humano não consegue explicar tudo o que acontece em sua volta, então ele procura também no religioso o significado das coisas, a capacidade de suportar o sofrimento de justificar e legitimar todos os mistérios como a morte, o sofrimento para o “justo” e qualquer situação de dor. O campo religioso não explica, ele dá significação, legitimidade ao sistema simbólico.

A Igreja nasceu sob o imperativo da comunicação. A ordem de seu fundador foi explícita: "Ide, anunciai a todos a boa nova..." (Mc 16,15). Nestes dois mil anos de cristianismo, percebemos que a estrutura eclesial é sobretudo comunicacional, mesmo quando não corresponde ao anseio do leigo. O ser humano vive em um mundo de símbolos que dão significados à experiência. Esses símbolos são contribuições do próprio ser humano, alterando-os parcialmente, subtraindo, acrescentando. Enquanto vive, o ser humano é usuário desses símbolos, orientando-se e construindo os acontecimentos em que vive.

A linguagem é símbolo e o símbolo é força. Mito e rito legitimam, reforçam, manipulam o sagrado. O sagrado é antes de mais nada, interpretação e avaliação do que existe no domínio exclusivamente religioso. Tudo é simbólico. Uma das funções do símbolo é trazer a memória das pessoas através do ritual, do mito, a

confirmação da versão oficial do campo religioso a que pertence.

Praticamente todas as sociedades traduzem sua história a partir de uma narrativa. Nesta narrativa está contida nada mais que ações míticas e experiências humanas de vários tipos que se apóiam na linguagem, por vezes em um tempo determinado, outras vezes na pura construção do imaginário.

As épocas diferentes vieram, cada qual com sua configuração própria e com seus desafios próprios. As modalidades comunicativas da Igreja Católica também foram sendo alteradas, adaptando-se às idades históricas. Passou o tempo da missão das primeiras comunidades, atravessando o período centralizado onde as pessoas procuravam as Igrejas-matriz para ouvirem o conteúdo da evangelização.

A produção do discurso existe em função de uma razão já estabelecida, onde a forma que ocorre garante a estabilidade social sob pena de sofrer sanções se não seguir a lógica fiel do mito. Os ritos são a repetição de um mito.

Cada pessoa tem seus conhecimentos, valores, atitudes, signos, capacidades. Elas selecionam o que desejam compartilhar com outras pessoas. Muitas vezes esta seleção é provocada por algum estímulo. Se o discurso que é proferido não traz uma mensagem clara, a interpretação será muito pessoal e poderá até fugir à mensagem intencionada. Os valores presentes nas sociedades atuais mudaram muito em relação a épocas anteriores; por conseguinte, mudaram também os símbolos que os representam. Nesse contexto, hoje a Igreja Católica perde sua condição de ser a instituição central do cristianismo ocidental. Enfrenta dificuldades em se comunicar com a grande cidade, com o indiscutível e irrevogável mundo urbano. A tentativa de adequação à realidade urbana trouxe uma mudança no comportamento dos padres a partir dos anos 60. Antes as missas eram rezadas em latim e o padre ficava de costas para o público. Com a mudança litúrgica, os padres passaram a rezar de frente para os fiéis e no idioma

de seu país de trabalho, de modo a tornar o conteúdo e a mensagem católica mais acessível. Com esta nova prática ocorre um grande avanço para a comunicação entre padres e fiéis. Hoje podemos perceber que o problema de entendimento entre ambos não está no idioma, mas no discurso dos padres, no conteúdo desse discurso que nem sempre corresponde às necessidades dos leigos.

A pessoa que comunica precisa dar a seus interlocutores uma idéia sobre o que ela deseja que seja entendido de sua mensagem, isto é, comunicação sobre a comunicação.

1.3. A Comunicação no Ato Litúrgico da Igreja Católica

Segundo Carvalho (1993), a Igreja Católica ao longo da História, preocupou-se com a comunicação, sob o aspecto da problemática voltada para os meios de comunicação social, ou melhor, com os conteúdos por eles veiculados. Porém quanto ao fenômeno comunicacional em si mesmo, e comunicação interna, missão específica do anúncio da Palavra de Deus, isso não tem sido feito.

Em sua análise ela encontra uma preocupação exagerada em relação à quantidade de conteúdo, à mensagem que se quer transmitir, por outro lado não se percebe se o receptor está ou não entendendo esse conteúdo. “O sacerdote não consegue notar isso, pois está mais preocupado que seja dito aquilo que a Igreja tem que dizer” (Carvalho, 1993, p.20).

Ela faz uma explicação básica na diferença entre Homilia e Sermão dizendo

“A homilia é um tipo de oratória mais simples, mais familiar, em muitos casos, dialogal, o sermão é um tipo de discurso composto segundo as regras da retórica ou da oratória, e proferido de forma solene, a partir do púlpito” (Carvalho, 1993, p.22).

No desenvolvimento do trabalho de Carvalho (1993), ela deixa claro que o discurso está sempre à frente da missão de evangelizador que o sacerdote tem. Fica bem explícito quando ela faz a comparação entre um vendedor que quer vender o seu produto. Este produto se torna interessante, necessário, às vezes até indispensável, como se fosse impossível a vida sem ele. E ela prossegue: isso não tem acontecido na Igreja, no que se refere à sua prática de comunicação. A Palavra de Deus, no caso o produto a ser “vendido”, em geral é apresentado de forma desinteressante, sem atrativo, descontextualizada da vida dos ouvintes.

Na celebração de domingo, a afirmação de Carvalho pode ser verificada no caso da comunidade pesquisada. Na missa das 10:00 horas, o jovem comentarista da missa segurava um quadro com um mapa, e o padre apontando com o dedo ia conduzindo os fiéis.

“Observem pelo mapa, Jesus nasceu e até certa idade ficou aqui. Ele andava toda essa região pregando, mostrando ao povo o sentido de amor ao próximo, de despojar das vaidades do luxo. Nós queremos cada vez mais conforto em nossa paróquia, ventiladores, água, bancos confortáveis, enquanto que devíamos propagar Jesus andando, até um hospital, um asilo, um lugar onde pudéssemos mostrar esse nosso Jesus vivo. Nesse mapa podemos observar a trajetória de Jesus em apenas 3 anos de pregação. E nós toda nossa vida queremos ficar aqui entre as paredes buscando conforto individual, que pensemos nisso” (Pe. Sebastião). (cf anexo 3).

O padre Sebastião se fosse professor seria muito bom em seu ofício, pois ele tem uma didática perfeita para explicar. O que acontece nesse contexto é que a maioria das pessoas que estavam participando dessa celebração não conseguiram acompanhar o raciocínio lógico dessa relação entre o que Jesus fez com o que a comunidade tem de real. Observando os fiéis percebeu-se alguns conversando, outros se levantando, saindo e entrando na Igreja, outros andando dentro da Igreja trocando de banco (tinha muitos bancos desocupados). Quando terminou a

celebração, Amilton, um fiel que é professor universitário disse: “padre, foi perfeito, o senhor é ou foi professor?” Padre Sebastião respondeu: “muito obrigado pelo perfeito, mas não fui nem pretendo ser professor”. Em compensação outras duas senhoras comentavam uma com a outra do lado de fora da Igreja, após ter terminado a missa: “não entendi o que o padre queria com aquele quadro de um mapa, mas o importante é que comungamos”. Com essa observação notamos que se todos aqueles fiéis, que na maioria eram pessoas com mais de 50 anos, não entenderam a homilia do padre, o seu discurso enquanto pregação para uma evangelização não aconteceu.

Segundo Carvalho (1993), no Novo Testamento, todos os fiéis, sem distinção, são chamados “eclesiásticos”, isto é, “eleitos”, “convocados”, “santos”. Com a liberdade concedida à Igreja pelo imperador Constantino, o título de “eclesiástico”, de “eleito”, ficou reservado ao clero. Os demais cristãos são chamados “leigos”. “O prof. Delahye afirma que o direito de todo cristão pregar no ato litúrgico tinha desaparecido já antes no século II, com a introdução do catecumenato” (Carvalho, 1993, p.34).

Assim, contra a hierarquização da pregação somente pelo clero, nota-se que não houve, por parte dos leigos uma aceitação simplista e passiva. Sempre e em toda parte, ocorrem tentativas destes de anunciar o Evangelho, em força da própria vocação cristã unida a carismas pessoais.

Segundo Carvalho (1993), foi feito um levantamento de dados e síntese muito cuidadoso sobre o discurso dos sacerdotes durante a homilia, na Arquidiocese do Rio de Janeiro e algumas comunidades na Diocese de Nova Iguaçu. O resultado de sua pesquisa evidenciou problemas de natureza semiológica, teológica, exegética e sociológica no discurso do clero.

Na comunidade onde há participação atuante do fiel, constatou problemas de natureza sociológica.

Os problemas de natureza semiológica evidenciam o que já retratamos sobre a forma de se comunicar, ou seja, os comunicadores não se preocupam se o receptor está entendendo a mensagem dada.

Sobre os problemas de natureza teológica, o que se ressalta é que a realidade não só deve ser levada para a celebração, como também tem de ser questionada, iluminada pela Palavra.

Quanto aos problemas de natureza exegética, o mais importante que é colocado não é a explicação exegética, mas a vivência. Quando o padre entra em devaneios desviando-se do tema principal, ele não consegue prender a atenção das pessoas por muito tempo.

Por fim um entrevistado na pesquisa de Carvalho afirma que a maneira como a Igreja Católica anuncia a Boa Nova, sua forma de comunicar e de passar a mensagem para o receptor é de um:

“Deus distante, por demais, ausente, um Deus lá em cima, um Deus para depois da morte. E a gente quer um Deus vida. O dia que a Igreja Católica conseguir passar esse Deus vida, que participa das alegrias, das fadigas, das aflições, de tudo que a vida contém, aí o católico permanece na Igreja” (Carvalho, 1993, p.53).

Carvalho não usa a expressão comunicação popular, mas tem-se a impressão que a afirmação acima feita por um fiel entrevistado deixa margem para que o leitor entenda assim. O fiel quer uma linguagem do cotidiano, da realidade de cada um. Um Deus que está próximo, que acompanha todos os minutos da vida.

Puntel (1994), quando discorre sobre comunicação popular, faz uma análise da situação social da pessoa, e diz que a comunicação popular começa quando as consciências transformadas conduzem à ação, ao envolvimento e à luta. Esses

movimentos, muitas vezes são o primeiro passo para que se estabeleça a comunicação alternativa, uma comunicação horizontal. A comunicação, portanto, não é vista como algo que acontece entre emissor e receptor, mas como um processo, que se torna símbolo de oposição ao modelo autoritário, vertical e hierárquico de quem domina, controla, da comunicação controlada, típico das sociedades contemporâneas. Notamos na análise desses discursos que os padres aqui referidos querem desmontar, através de sua fala, esse modelo hierárquico, no entanto não parece ser o que a comunidade espera do discurso e do comportamento de um padre. Vejamos esse discurso em um domingo, em uma missa às 10:00 horas.

“Por que estamos sempre reclamando que sempre são as mesmas pessoas que fazem tudo na Igreja? Alguns ainda falam que parece que fulano é dono da Igreja. Gente as coisas não precisam ser assim, todos devem arregaçar as mangas e trabalhar para a comunidade. Não é pra mim não! Porque amanhã eu não estarei mais aqui. É para a comunidade. Nós precisamos aprender a caminhar juntos, pensar, decidir com a opinião de todos. Os catequistas dão sua contribuição, seu tempo, as pessoas que querem fazer algo de concreto também arrumam um tempo. Aí sim seremos uma comunidade de verdade todos trabalham juntos cada um naquilo que pode fazer para o bem e crescimento de todos” (Pe. Rodrigues).

Aqui o padre deixa claro que quem faz a comunidade são todos os fiéis que dela participam. Ele chama os fiéis a um compromisso com a participação, opinando, pensando discutindo, discordando se preciso for para juntos crescerem. A fiel Leandra, estudante de 17 anos, fala: “é muito complexo e muito amplo esse assunto, ele tenta abrir a cabeça da gente, mas na maioria das vezes só deixa muitas dúvidas, o padre é que sabe como conduzir o seu rebanho”. No comentário dessa jovem fica clara a resistência em ser cristã de forma diferente que não seja como ouvinte, como receptora do discurso do clero. Pensando como não será mais difícil ainda

para um fiel que hoje tem mais que 50 anos, a concepção que este fiel mais amadurecido tem do que é ser cristão.

Para Puntel (1994), a democratização da comunicação requer um processo participativo de comunicação.

“Na Igreja Latino-Americana, há atualmente dois tipos de processos de comunicação acontecendo ao mesmo tempo. De um lado, acontece um processo de participação que incorpora a teologia da libertação. Do outro, continua um processo tradicional de comunicação, baseado na hierarquia e mantido especialmente pela ala conservadora, chamada agora de “a igreja da grande disciplina” (Puntel, 1994, p.268).

Talvez a Igreja Católica não tenha percebido ainda que é possível “fazer muita coisa com palavras”, mas a atitude dessa mesma Igreja Católica mostra que ela também quer mudança, às vezes lenta, receiosa, mas quer acompanhar o seu rebanho. Quer fazer sua mensagem ser entendida, por isso discute, elabora documentos, estuda. E o resultado virá a partir do momento em que se fizer mais vezes receptora que emissora. Ouvir o seu próprio eco. Para Díez,

”a missão da Igreja é essencialmente uma atividade comunicadora. A comunicação para ela, é feita de emissor e receptor, o ciclo comunicativo somente se completa quando emissor e receptor trocam os papéis entre si. Para que aconteça comunicação é preciso emitir uma mensagem e receber o eco que esta produz, ou seja, falar e escutar” (Díez, 1997, p.319).

Segundo este autor, a Igreja Católica anuncia o Evangelho e ao mesmo tempo escuta a mensagem que lhe chega desde a história humana. Por isso precisa conhecer as filosofias, as ideologias, as coordenadas culturais dos seus receptores. Deve manter-se num diálogo permanente com os destinatários da missão. Somente este diálogo torna possível e efetiva a comunicação da mensagem cristã.

A palavra anunciadora deve ir acompanhada pelo testemunho do

evangelizador e da comunidade evangelizadora. Não é fácil e simples viver este testemunho. Mas o mais importante, segundo Díez, é não

“Simplesmente dar bom exemplo, embora também seja necessário. Trata-se fundamentalmente de dar credibilidade ao que está anunciando; mostrar com sinais, símbolos, signos ou com práticas históricas que o que se anuncia está sendo cumprido. É a realização das práticas do Reino de Deus e que fique claro que Deus está presente e agindo. O testemunho e os sinais fazem da missão eclesial uma comunicação em plena operação”(Díez, 1997, p.325).

Diversos fatores políticos, econômicos, sociais e culturais têm facilitado a comunicação. A comunicação é essencial para a democracia. Apesar disso o ser humano está ameaçado pela solidão. O crescimento quantitativo da comunicação parece levar o ser humano para a falta de diálogo, da comunicação pessoal.

Para Díez “a Igreja tem utilizado os meios de comunicação na tarefa evangelizadora” (1997, p.319). E observa que a pastoral da comunicação percebe que os modernos meios de comunicação proporcionam à Igreja Católica a possibilidade de “anunciar o evangelho a todos os povos”. Embora com medos e alguns atrasos, ele salienta que a Igreja Católica sempre incorporou à sua missão as novas formas de comunicação, seja com a pintura, a escultura, a arquitetura, o teatro popular, o manuscrito e a imprensa.

Um recurso amplamente utilizado hoje para recuperar a comunicação perdida é a participação em novas comunidades ou novos grupos alternativos. Não tem como negar, por exemplo, a atenção que chama o êxito e a capacidade de convocação que têm os grupos de forte conteúdo emocional e de comunicação pessoal intensa: as comunidades da renovação carismática, as comunidades neocatecumenais, os focolares e os diversos modelos de comunidades de base, que surgem como um novo movimento religioso e que, se atende as expectativas

dos fiéis, se estabelece dentro da instituição.

Mesmo quando do seu jeito, o padre consegue em seu discurso mexer com a emoção do fiel ele reage diferente. Depois dessa homilia, em uma missa às 10:00 horas, veja o comentário de um fiel. O fiel Jovelino, que é membro da equipe do dízimo, ao final da celebração disse ao padre: “hoje a missa foi ótima. O que o senhor falou serviu para todos nós”. Notamos que não é uma questão de gostar do padre, mas de entender a mensagem que ele quer transmitir, e quando o fiel não entende essa mensagem, para ele a missa não foi boa.

“Agradecemos aos catequistas que aceitaram essa missão de trabalharem com nossos jovens e nossas crianças. Olhem bem pais, padrinhos, avós, tios e todos aqueles que vêem no dia das crianças, o dia de, com um presente compensar sua ausência, sua responsabilidade como educador ou educadora dessas crianças. Jesus disse: deixai vir a mim as criancinhas, porque delas é o reino do céu. Que nós possamos ser verdadeiros como as crianças e que o consumismo desse dia não nos faça deixar de lado nossas responsabilidades. Que Deus nos abençoe a todos e que ilumine nossos governantes para cuidar do presente de nossas crianças e adolescentes para no futuro termos cidadãos conscientes de seu papel na sociedade” (Pe. Rodrigues).

2. Valores

De acordo com a proposta da pesquisa, o elemento a ser considerado na comunicação será o discurso, e neste, buscaremos analisar os valores interiorizados por quem faz o discurso, no caso o clero, e os valores interiorizados por aqueles que ouvem o discurso, ou seja, os fiéis, os leigos. Em emprego geral nas Ciências Sociais, valor designa o objeto, seja qual for, de uma necessidade, atitude, ou desejo. Na sociologia o termo passou a designar os padrões culturais

compartilhados. Poderíamos também entender como valores culturais, aqueles criados pela sociedade e por ela cobrados, através dos quais se pode comparar e julgar a relação – moral, estética ou cognitiva – dos objetos de atitudes, desejos e necessidades. Entre os que compartilham uma série de tais padrões, existe a crença de que são válidos e devem ser empregados na valorização de um objeto, isto é, relacionando-o com as necessidades, desejos ou atitudes com a de outro objeto ou outros objetos.

“Por valor social entendemos qualquer dado que tenha um conteúdo empírico acessível aos membros de algum grupo social e um significado em relação ao qual é ou pode vir a ser objeto da atividade... por atitude entendemos um processo de consciência individual que determina a atividade real ou possível do indivíduo no mundo social... A atitude é, assim, o equivalente individual do valor social; a atividade, seja lá em que forma, é o vínculo entre eles... A causa de um valor ou de uma atitude nunca é uma atitude ou um valor isolado, mas sempre uma combinação de uma atitude e um valor” (Znaniiecki, apud Silva 1987, p.21).

Valor passa a designar então, não todas as normas sociais, mas apenas os seus padrões mais amplos, que quando relacionados com as realidades da vida social, podem originar normas institucionalizadas complexas. No dicionário de Ciências Sociais Parsons afirma que: “Pode chamar-se de valor um elemento de um sistema simbólico compartilhado que serve de critério ou padrão para a seleção entre alternativas de orientação que são intrinsecamente viáveis numa situação” (Parsons, apud Silva 1987, p.12).

Os critérios adotados pelos fiéis da paróquia Nossa Senhora das Graças para se constituírem valores legítimos a serem transmitidos na celebração da missa é não falar em política, injustiça social, ou qualquer assunto que não esteja relacionado ao tema da celebração. Para eles, os fiéis, principalmente os que estão com idade acima de 50 anos e que são a maioria, o elemento simbólico que deve

ser partilhado é a Eucaristia e para sentir ou saber a importância, o valor desse momento, só é necessário a interiorização, a oração, o encontro pessoal com Deus: “Durante a celebração da missa não é hora e nem lugar para se discutir assuntos que a gente vê e ouve na televisão todo dia, isso é falta de respeito com Deus” (D^a Joice, 68 anos).

Embora o grupo de fiéis pesquisado considere fundamental que na celebração de uma missa não se deve mencionar problemas sociais, o sacerdote em seu discurso faz questão de deixar claro que as injustiças sociais têm que ser analisadas, criticadas e que os fiéis não podem agir como se não notassem essas desigualdades. O sacerdote deixa claro que todos nós fazemos parte de uma sociedade que tem que ser vista de forma macro, ampla, genérica, total. Os fiéis da paróquia em análise procuram viver a comunidade em sua forma micro, relações pessoais, familiares, onde o sacerdote é mais um membro da família com quem se pode contar em todos os momentos e por ele ser um representante de Deus tem que estar à disposição da comunidade.

Nestas concepções, identifica-se valor com normas amplas, fundamentais, geralmente compartilhadas pelos membros de uma sociedade ou subgrupo e que servem para integrar e também para guiar e canalizar as atividades organizadas dos membros, dando em parte origem a complexos de normas derivados que regulam áreas de vida funcionalmente importantes.

A família é um subgrupo da sociedade e toda família tem seus valores concebidos e pré-concebidos, alimentados no âmbito do convívio e da construção social no interior de seus lares.

Ainda que o relacionamento social, as interações com a sociedade de modo geral mexam com esses valores, estes continuam arraigados, pois acabam fazendo parte da formação cultural de um povo. A formação cultural religiosa dessa

comunidade da paróquia Nossa Senhora das Graças foi historicamente constituída vendo na pessoa do sacerdote uma pessoa sempre disposta a estar presente em qualquer momento independente das circunstâncias. Durante as homilias o sacerdote fazia suas reflexões baseadas na realidade da comunidade, pois a conhecia bem, visto que convivia diariamente com os paroquianos e conhecia todas as alegrias e todas as angústias de cada família. As interações sociais cresceram, alguns relacionamentos mudaram, no entanto, a formação cultural religiosa permaneceu. Isso dificulta o trabalho de qualquer sacerdote que queira trabalhar nessa comunidade desenvolvendo projetos diferentes, como é o caso do padre Silvestre. Seu projeto de trabalho não dedica vinte e quatro horas de presença para a comunidade, sua homilia não se limita ao tema da celebração. Ele quer envolver a comunidade com o mundo através do seu discurso e muitas vezes, talvez a maioria das vezes os fiéis não entendem esse discurso.

No terreno da ética e da moral temos um caminho a ser trilhado e empecilhos surgem dificultando um diálogo sistemático identificável de valores. Um dos pontos a destacar passa pela reflexão da proposta de valores que se apresenta frente a uma cultura que já está estabelecida nos diferentes grupos e que queira ou não, interfere na totalidade do convívio social e por outro lado, valores que superam as questões culturais, mas que estão acima de tudo contemplando a própria vida, parte do princípio que estabelece a vida .

Segundo Heller (1970), nenhuma atividade moral é autônoma, “sempre alguma estrutura social concreta, alguma comunidade, organização ou idéia, alguma exigência social” será a portadora das exigências e costumes que o ser humano se permite, entendendo como necessidade moral e que precisa ser vivida.

Quando o ser humano consegue perceber seu verdadeiro lugar no mundo, consegue também se desvincular dos costumes e normas já estabelecidas pela

sociedade e passa a ver a possibilidade da felicidade, independente dos códigos construídos e do modo cristalizado que a sociedade impõe como prática de valores. Nesse contexto os valores éticos conseguem se sobrepôr aos valores morais, mesmo porquê o “critério de desenvolvimento dos valores não é apenas a realidade dos mesmos, mas também sua possibilidade”. O desenvolvimento desses valores não é algo contínuo. Quando é considerado que algum valor atingiu um lugar na sociedade pode ser que outro esteja em outra dimensão de aceitação “A realização é sempre absoluta, a perda ao contrário, é relativa” (Heller,1970, p.9). É o que nos parece acontecer na comunidade pesquisada. A suposta perda do que era a celebração de uma missa é relativa, pois a celebração continua a acontecer, apenas o discurso homilético tem um enfoque diferente.

A escolha dos valores na verdade não passa por uma elaboração lógica, racional do ser humano, mas este escolhe o que melhor relaciona com a realidade vivida a partir de atitudes concretas, finalidades concretas. Seus atos e atitudes concretas fortalecem sua escolha para esse ou aquele valor. Todo ser humano tem uma vida cotidiana, com seu trabalho, lazer, alegrias, dificuldades sentimentos. O ser humano tem tudo isso, mas não consegue viver intensamente todos esses aspectos, “a significação da vida cotidiana, tal como seu conteúdo, não é apenas heterogênea, mas igualmente hierárquica” (Heller,1970, p.18). A heterogeneidade acaba por ser importante nesse processo e essa característica de rotina de cotidiano leva ao amadurecimento do ser humano que estas se mantenham sempre em movimento. Em qualquer sociedade “o indivíduo adquire todas as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana da sociedade em questão” (Heller,1970).

O ser humano quando adulto aprende a mediar os costumes, as normas e a ética. Consegue orientar-se em situações diferenciadas, mover o seu ambiente e por ele ser movido, “dispõe de um certo âmbito de movimento no qual pode escolher sua

própria comunidade e seu próprio modo de vida no interior das possibilidades dadas” (Heller, 1970, p.22). Isso gera conseqüências: como uma relação de particularidade vivida de forma relativa. A vida cotidiana se apresenta em choque, lançada pela cotidianidade acaba determinando a ética como motivação individual, anterior à ética como necessidade da comunidade social. Essa ética como motivação chamamos de moral. E uma das funções da moral é a “inibição, o veto. Outra é a transformação, a culturalização das aspirações da particularidade individual” (Heller, 1970, p.25).

Temos que considerar no entanto, que as motivações não são isoladas, elas se complementam, pois a cotidianidade é heterogênea. Os conflitos morais surgem dessa complexidade de aceitação e também de discordância.

2.1. A Comunicação no Campo Religioso como Legitimadora de Valores

Os sistemas simbólicos agem como instrumentos de poder em toda sociedade, isso acontece com a comunicação também, uma vez que ela é parte do sistema simbólico. A ordem social acaba sendo reproduzida pelas várias funções sociais desempenhadas pela comunicação como reprodução da ordem política, da ordem econômica e da ordem religiosa. Essa ordem social pode ser mantida enquanto exerce um sentido no conjunto das concepções de mundo. Os conflitos morais, de valores podem estar relacionados a essas concepções.

Para Bordenave (1992, p.16), “a comunicação não existe por si mesma, como algo separado da vida da sociedade”. Assim, a comunidade religiosa faz parte da sociedade e se não conseguir comunicar-se eficazmente, perde a noção básica de seu papel enquanto evangelizadora, pois as motivações para se evangelizar ou

para se deixar evangelizar não se constituem fatores isolados da realidade social.

Não é suficiente perceber que a comunicação, assim como seu conteúdo ou os valores presentes em seus conteúdos estão de forma clara ligados ao poder simbólico acumulado, legitimando a dominação presente e contribuindo assim para o que Weber chama de “domesticação dos dominados” (Weber apud Bourdieu 1998, p.11). Mas também não é suficiente perceber que as diferentes classes envolvidas numa luta simbólica acabam por impor suas ideologias, conforme seus diferentes interesses.

No campo religioso as ideologias devem sua estrutura a um corpo ou conjunto chamado de “especialistas” e que ao longo das transformações do mito em religião, esse “corpo de especialistas de discursos e de ritos religiosos” (Bourdieu, 1998, p. 12), constituíram ideologias muito bem determinada em instrumentos de produção, legitimação e poder simbólico.

“ É na correspondência de estrutura a estrutura que se realiza a função propriamente ideológica do discurso dominante, intermediário estruturado e estruturante que tende a impor a apreensão da ordem estabelecida como natural por meio da imposição mascarada de sistemas de classificação e de estruturas mentais objectivamente ajustadas às estruturas sociais” (Bourdieu,1998, p.14).

Nesse sentido o poder das palavras pode aproximar ou distanciar, subverter ou manter, legitimar ou ignorar a ordem que o discurso quer manter como estabelecida, quer classificar como natural, ou mesmo impor de forma arbitrária por meio do simbolismo reproduzindo a crença.

Quando interagimos através da linguagem, do discurso, temos sempre objetivos a serem atingidos. Há efeitos que pretendemos causar, comportamentos que queremos presenciar, isto é, “pretendemos atuar sobre o outro de determinada

maneira, obter dele determinadas reações. Procuramos dotar nossos enunciados de determinada força argumentativa” (Koch, 1998, p.29).

Esse argumento que fala Koch leva-nos a exercitar a linguagem falada, que difere da linguagem escrita. A linguagem escrita dá-nos a possibilidade de rever o texto, analisar as seqüências, organizar o eixo central da mensagem a ser transmitida. Na linguagem falada, “o texto emerge no próprio momento da interação: ele é o seu próprio rascunho” (Koch, 1998, p.69). Pelo fato da linguagem falada ser fragmentária, incompleta, com predominância de frases curtas, simples ou coordenadas é que há possibilidade de interação com os interlocutores, estes acabam por co-produzir o texto do qual ouvem.

Segundo Koch (1998), a conversação é, antes de tudo, um ato social. Numa interação, tem-se o que Goffman denomina processos de figuração, isto é, processos por meio dos quais os interlocutores se representam uns diante dos outros de determinada maneira. A linguagem é palco (Vogt), lugar onde os indivíduos se representam e constituem o mundo e suas situações ao se constituírem e representarem de determinada forma.

As pessoas se relacionam entre si, porque têm uma necessidade mútua sobre a realidade que as cerca. Pela comunicação elas vivenciam experiências, trocam idéias, expressam sentimentos que modificam a realidade em que estão inseridas. As pessoas não se comunicam num vazio, mas em um contexto, como parte de um processo de um momento histórico. Hoje essa comunicação religiosa se dá também através de um conjunto de signos, letras que formam imagens, uma forma simbólica de evangelizar.

CAPÍTULO 2 - A COMUNIDADE EM ANÁLISE

1. História

1.1. Sua Formação

Este capítulo tem início contando um pouco da história do setor habitacional onde se encontra o objeto de estudo. Priorizamos este aspecto pelo fato de acreditar que todo o processo de formação e construção da paróquia relaciona-se com o processo de formação e construção desse setor habitacional e com as pessoas envolvidas nessa comunidade quando em sua origem.

A história da comunidade apresentada na pesquisa tem como fonte de informação as entrevistadas feitas aos fiéis mais idosos que freqüentam a paróquia, algumas fotos desses fiéis, relatos de pessoas que hoje não moram no

bairro onde se situa a comunidade, mas conviveram por lá muitos anos e freqüentaram a paróquia por mais de 20 anos, quando da sua fundação. A história começa com a luta por moradia, com a presença ativa da Igreja Católica e com a luta pelo direito das crianças à educação e à construção de uma escola. À medida que o povo se organizava nesse grupo, surgiram pessoas dispostas a tomar frente pela construção da Igreja, da casa paroquial e logo em seguida, a construção de uma escola.

Em 1949, a cidade de Goiânia estava se desenvolvendo e o bairro Campinas era a própria cidade. Goiânia crescia e o bairro Campinas não era suficiente para comportar o contingente da população. Sem contar que este não era um bairro para pessoas que não tinham boas condições financeiras, era sim um bairro formado pela elite, políticos, fazendeiros e empresários. Então esse povo, sem boas condições financeiras, começou a invadir terras não demarcadas e os barracos iam sendo construídos. Como o bairro não tinha nome, os moradores deram a ele o nome de Vila Operária. Neste bairro tinha uma Igreja de “crente” onde os evangélicos se reuniam e oravam. Já os católicos que quisessem assistir à missa tinham que andar muito, ir até à Matriz de Campinas, que não ficava a menos de 4km da Vila Operária.

1.2. Processo de Construção da Paróquia Nossa Senhora das Graças

Segundo o senhor José Silva, um fiel que mora no setor há mais de 40 anos, um senhor conhecido como José Baiano queria muito fundar uma Igreja Católica na vila. José Baiano e José Alves entraram em acordo e foram procurar o vigário geral da Matriz de Campinas para pedir autorização para construir uma paróquia. O senhor José Alves era um fiel atuante na Matriz de Campinas. Padre Antônio,

vigário geral, conhecia José Alves, mas não concordou com sua iniciativa. Teria falado que aquelas terras eram do Estado e em terras de Estado a Igreja não iria mexer. Mas um outro padre também da Matriz de Campinas, Pe. José Costa, ouviu a conversa e aceitou o desafio de fundar a Igreja.

O Padre Costa, que nessa época usava batina, e José Alves foram ao Departamento de Terras em Goiânia falar com Dr. Pedro Ludovico Teixeira que estava fazendo a fundação da Vila Coimbra. Dr. Ludovico os recebeu muito bem, pois nessa época um padre de batina muito impressionava. Dr. Ludovico não se opôs ao pedido da fundação da Igreja, afirmando que era terra do Estado, mas que logo deixaria de ser considerada “invasão”, pois os lotes seriam entregues aos moradores para fazerem a documentação necessária para, em prestações, pagarem o valor estabelecido. O local para a construção da Igreja poderia ser cercado e ainda acrescentou que se demarcasse mais de um lote, pois estes seriam pequenos e para que a Igreja ficasse com um terreno bom seria necessário no mínimo 4 lotes, que acabou ficando “uma quadra”. O padre, juntamente com o senhor José Alves, saíram dessa audiência com uma autorização por escrito, assinada pelo próprio Pedro Ludovico Teixeira para fazer a fundação e rezar a 1ª missa. Era necessário, entretanto, a assinatura de padre Antônio autorizando a construção da Igreja. Padre Antônio se negou a autorizar dizendo que “naquela terra só tinha comunistas, era muita bagunça e além de tudo era terra do Estado, estava cheio de evangélicos e que o governo Jerônimo Cunha Bueno iria mandar passar o trator em cima de tudo que havia ali” (José Alves). Segundo Maria Pereira, uma das primeiras moradoras do bairro, realmente havia um grupo de comunistas que se reuniam semanalmente e faziam seus discursos em praça pública, mas nada que comprometesse a ordem da vila.

Mesmo sem concordar, padre Antônio decidiu assinar a autorização desde que alguém se responsabilizasse pela construção em cartório, com reconhecimento de firma e tudo de forma legal, pois se acontecesse o que padre Antônio previa, que era a derrubada de tudo, a Igreja na pessoa do vigário geral ficaria sem nenhuma responsabilidade, uma vez que o bispo de Goiás, Dom Manoel, estava muito idoso e ficava em Silvânia sem condições de coordenar os trabalhos das paróquias. No cartório Antônio do Prado foi reconhecido firma do nome do senhor José Alves que ficou como responsável pela fundação da paróquia.

Padre Antônio recebeu os papéis do cartório, falou que a responsabilidade era do senhor José Alves que já podia construir uma “casinha de palha” e marcar o lançamento da pedra fundamental. A celebração da 1ª missa seria no dia 29 de março de 1949, às 20:00 horas. Na inauguração teve foguetes, flores no altar e a participação de todos os católicos da Vila Operária. Depois da missa aconteceu o primeiro de tantos outros leilões. A campanha para a construção da paróquia foi lançada e todos aceitaram trabalhar.

1.3. Processo de Formação da Paróquia Nossa Senhora das Graças

Com a participação de todos e o entusiasmo do padre Costa foi construído uma “casinha de madeira”, uma mesa para ser o altar e padre Sousa ficou sendo o responsável pelas celebrações que aconteciam todos os domingos às 20:00 horas. Segundo dona Tereza Barbo, as missas eram muito animadas, bem cantadas e a Igreja cheia de fiéis, tanto que, não cabiam mais no local. A primeira imagem de Nossa Senhora das Graças foi doada pelo senhor José Alves. E como ele conhecia

muita gente da matriz de Campinas, amigos seus como Juca Bibiano e Domingos Tocafunda, muito ajudaram na construção da Igreja. O senhor Domingos tinha uma olaria e doou milheiros de tijolos, o senhor Juca Bibiano ajudou muito nas festas, arrematando prendas dos leilões. Dona Carmem fala que o padre Costa era muito animado e no momento da construção da Igreja chamou todo mundo da vila que pudesse para ajudar. Cada um ajudou com o seu trabalho. Alguns foram serventes, outros pedreiros e todo tipo de ajuda chegou. Assim levantaram a estrutura da Igreja em alvenaria. Em pouco menos de 4 anos houve a 1ª “casinha de palha”, depois a “casinha de madeira”, enfim as paredes em alvenaria. No lote que foi demarcado para ser da Igreja, com o incentivo de padre Costa, a comunidade da Vila Operária ganhou uma escola pública, que também foi construída pelos próprios moradores. Ainda nesse tempo, padre Pereira, diocesano, também deu sua contribuição para a vila. Ele ajudou na melhoria da escola e construiu a casa paroquial. A vila não tinha infra-estrutura alguma, somente em 1955, a Igreja recebeu energia elétrica.

Em 1958, Dom Manoel, o Bispo de Goiás, morreu. O Papa, então, nomeou para Goiânia, Dom Fernando Gomes dos Santos para assumir todo o Estado de Goiás como Arcebispo de Goiânia. Na mesma semana da posse de Dom Fernando, em reunião, o senhor José Alves e outros fiéis que trabalhavam na paróquia pediram a Dom Fernando que tornasse a paróquia Nossa Senhora das Graças independente da Matriz de Campinas, pois eles queriam administrar algumas questões da paróquia, como por exemplo, o dinheiro que entrava com as festas. Dom Fernando os atendeu. Criaram um conselho para administrar a paróquia e somente as celebrações continuaram na responsabilidade da Matriz de Campinas. Alguns padres ficaram irritados com esse pedido da comunidade de se tornar independente em sua administração. Houve muito atrito, ofensas e mágoas

de todas as partes. Tudo isso chegou aos ouvidos de Dom Fernando que passou as celebrações para a responsabilidade dos padres dominicanos que estavam construindo a Igreja São Judas Tadeu da Vila Coimbra, na responsabilidade do Monsenhor Confalone.

Cada dia que se passava, os fiéis participavam mais e mais das missas e a vila foi passando por uma transformação: ganhou asfalto, iluminação pública, rede de esgoto, que os moradores construíram. A igreja ficou pequena para tantos moradores que foram aparecendo, foi preciso aumentar o espaço para os lados em forma de cruz.

Com o passar dos tempos, Dom Fernando designou um vigário geral para ficar responsável pela paróquia, e em 1978, era o Padre Léo que administrava todos os trabalhos. Como a Igreja estava pequena para caber todos os fiéis, começaram a construção de outra Igreja, que é a que existe até hoje. Essa construção demorou cerca de um ano para ficar pronta e o Padre Léo não a terminou, porque deixou o ministério sacerdotal, casou-se e foi morar em São Paulo. Além das quermesses, leilões e festas promovidas na Igreja, a comunidade também fazia barracas nas exposições agropecuárias para arrecadar dinheiro para a construção da nova Igreja. O Padre Léo ajudou muito. Segundo dona Maria Pereira, ele tinha muita influência com os políticos e pessoas que tinham dinheiro. Dona Maria conta que uma vez ele chegou no gabinete do prefeito e falou que ia precisar para o outro dia de 100 caminhões de terra, pois estavam trabalhando no piso. No outro dia chegavam caminhões cheios de terra de todos os lados, possivelmente os cem que o padre disse precisar. Padre Léo, segundo contam, era uma pessoa carismática que conquistava a todos com sua simpatia. Para ele, as pessoas não se diferenciavam pelo poder social, mas se alguém tem algo mais que o outro e pode ajudar, tem como obrigação melhorar as condições daqueles

que materialmente falando nada tem. Com o seu carisma, Padre Léo conseguiu muita ajuda financeira e o que mais parecia um grupo religioso sem normas ou regras institucionalizadas começou mudar e, conforme afirma Weber, entrar em um processo de institucionalização. Conforme o referido autor, para que o carisma não permaneça como um fenômeno puramente transitório, seu caráter precisa mudar radicalmente. E nas trilhas do pensamento de Weber, O'Dea (1969, p.56) afirma que "O carisma puro existe apenas no processo de origem. De tais experiências surge uma forma de associação religiosa que termina numa organização religiosa institucionalizada e permanente".

Através do relato do Sr. José Alves, 85 anos, fundador e fiel praticante da paróquia Nossa Senhora das Graças, podemos observar o processo de rotinização da instituição da qual nos fala Weber (1991). O referido autor mostra que, apesar da perda de espontaneidade existente na rotinização do carisma, um elemento carismático continua a ser central para as instituições da ordem social estabelecida. Isso percebemos que aconteceu com a paróquia Nossa Senhora das Graças.

Quando o Sr. José Alves, José Silva e Maria Pereira nos relatam como tudo começou na paróquia Nossa Senhora das Graças, é possível imaginar o fenômeno religioso se tornando real para os fiéis daquela comunidade. A pessoa que tem o carisma, que entusiasma, que desperta, que leva a comunidade a participar desse projeto possivelmente foi o padre José Costa. À medida que o tempo passa e começa a normatizar as ações da comunidade e até mesmo do padre, começam os atritos e a institucionalização vai acontecendo gradativamente tornando-se o que Weber chama de rotinização do carisma.

2. Participação: Categorias do Discurso do Clero

2.1. Compromisso e Motivação

Desde 1952, com o início da infra-estrutura do setor, as pessoas começaram a reformar suas casas e a vila foi deixando de ser invasão. Com isso o prefeito Manoel dos Reis, que fez a melhoria do setor, também indicou um nome para o bairro que era conhecido como Vila Operária. Com a aprovação do projeto, na câmara dos vereadores, pela alteração do nome da vila, esta passou a ter o nome de Setor Centro Oeste.

Muitos moradores que moram no setor hoje, vieram de outros setores próximos, como Campinas, Vila Coimbra e de outros bairros também. Com isso a paróquia ficava sempre cheia de gente. Os fiéis, as festas e as quermesses movimentavam a comunidade. Segundo dona Maria Pereira, com o passar dos anos e a troca de padres, que não estavam mais ligados à Matriz de Campinas nem à Vila Coimbra, mas indicados pelo próprio Arcebispo de Goiânia, as festas e as quermesses foram deixando de ser como antes.

“Depois de 1960, mesmo com as quermesses e as festas não tão movimentadas, os fiéis freqüentavam a Igreja e participavam das missas como antes, pois os padres eram pessoas bem próximas à comunidade, o que eles falava nas celebrações viviam com os fiéis no dia a dia, porque não tinham outras atividades fora da Igreja. Os padres estavam sempre à disposição dos fiéis, freqüentavam as casas das pessoas e eram muito acolhedores. Na década de 80 os padres deixaram de dar assistência total às comunidades” (José Alves, 85 anos, aposentado).

O primeiro padre que ali começou a desenvolver seu trabalho era da ordem redentorista, da Matriz de Campinas. Todos daquela comunidade católica, daquele

setor, no início chamado Vila Operária, estavam dando o apoio necessário ao padre Sousa. A comunidade crescia, tiveram até mesmo que construir uma segunda Igreja, pois a primeira já não comportava tantos fiéis.

Segundo o entrevistado José Alves, “os padres redentoristas gostam muito de festas, quermesses, leilões, novenas”. Ainda de acordo com o entrevistado, a concepção de comunidade deixada pelo padre Sousa incorporou nessas práticas valores que foram construídos na religiosidade dos fiéis mais antigos da paróquia. A festa é um desses valores, conforme disse o senhor José: “bem mais tarde os dominicanos trouxe também sua contribuição para a nossa comunidade, e a ordem diocesana que ficou como responsável pela paróquia, e é até hoje, tenta manter as festas”

Segundo Carmelita, fiel dessa comunidade há mais de 30 anos, “quando veio os diocesano, as festas, quermesses, leilões, diminuíram, mas os fiéis no início dessa mudança continuava participando ativamente dessa paróquia”.

Os fiéis mais idosos da paróquia relatam que gostam de participar de missa todos os dias e quando o padre por algum motivo não está presente para celebrar ficam contrariados: “Já deixei de freqüentar aqui uma vez, porque a gente nunca sabia quando o padre ia estar aqui ou não, voltei a vir aqui, mas se o padre começar a faltar às missas começo de novo ir em outra paróquia” (Noêmia, 58 anos).

A homilia proferida pelo padre, segundo dona Noêmia e outras fiéis, não tem o mesmo valor que a homilia feita por um leigo, por isso a necessidade do padre estar presente para fazer a celebração. “um ministro da Eucaristia não estudou para fazer missa e o padre estudou, cada um tem que fazer o que sabe” (Luzia,60 anos).

São as pequenas atitudes em cada grupo de uma sociedade que em conjunto chegam à transformação de uma sociedade participativa. O clero, representado pelos sacerdotes da paróquia Nossa Senhora das Graças quer uma mudança nesta comunidade com participação ativa, com compromisso pessoal e

coletivo. A comunidade, no entanto, não parece se sentir motivada e nem preparada para algumas mudanças. O fato de o sacerdote conceder ao ministro da Eucaristia o direito de fazer a celebração da Palavra é para os fiéis uma transformação com a qual eles não concordam e para o clero uma ação necessária. Assim como dona Noêmia e dona Luzia, muitos outros fiéis também não pensam como o clero sobre esse aspecto, e a comunicação entre clero e fiéis fica comprometida.

Segundo Weber, para que ocorra a sistematização da ética religiosa, é necessário uma associação organizada de seguidores, formando uma congregação: “Os alunos ou discípulos do profeta tornam-se então mistagogos mestres ou sacerdotes ou curadores de almas (ou tudo isso em conjunto) de uma relação associativa que serve exclusivamente para religiosos: a congregação de leigo”(Weber1991,312).

A ação comunitária na visão de Weber (1991, p.315) só terá “compreensão a partir das vivências, representações e fins subjetivos dos indivíduos - a partir do sentido”. O que leva o indivíduo a uma ação comunitária é o sentido que este encontra para agir. De acordo com essa prática citada, se o indivíduo não consegue entender, ver o sentido que essa ação comunitária dá em sua vida ele não se envolverá na ação. A ação religiosa nessa concepção é racional. E ela procura orientar-se pelo que essa prática poderá lhe oferecer em troca ou pelo menos o que lhe dará como experiência, uma vez que as ações cotidianas estão ligadas a um objetivo final e mesmo de cunho religioso têm como motivação em boa parte a natureza econômica.

A pessoa tem a ação ou o pensamento religioso ou “mágico” como conceitua Weber (1991), porém de acordo com a experiência, nem todas as pessoas têm a capacidade de ficar em êxtase e produzir efeitos de natureza divina,

telepática ou outras. No entanto, a essas forças fora do cotidiano, se atribuem nomes específicos como mágico ou carisma. Weber conceitua carisma como sendo:

“Um dom puro e simplesmente vinculado ao objeto ou à pessoa que por natureza o possui e que por nada pode ser adquirido. Ou pode e precisa ser proporcionado ao objeto ou à pessoa de modo artificial, por certos extracotidianos” (Weber, 1991, p.280).

A pessoa portadora do dom carismático usa-o como instrumento para conferir ao concreto sua força de ação específica. Aquele que tem consigo os carismas requisita para si o êxtase como objeto de um “empreendimento”. Em oposição a este, o leigo surge como aquele que não é particularmente dotado de características especiais e se torna uma pessoa comum. Das relações entre estes é que se constitui o domínio da ação religiosa.

Quando Weber (1991) faz um paralelo entre o mago e o sacerdote, ele menciona distinção entre um e outro: “Sacerdote” como aqueles funcionários profissionais, que, por meios de veneração, influenciam os deuses, em oposição aos magos, que forçam “demônios” por meios mágicos”. Mas o conceito de “sacerdote” não se limita somente a essa designação supra. Algumas das muitas religiões, inclusive a cristã, acrescentam a qualificação mágica. Ou ainda “sacerdotes” são vistos como funcionários de uma “empresa permanente, organizada e regulada, visando a influência sobre os deuses, em oposição à utilização individual e ocasional dos serviços dos magos” (Weber, 1991, p.294).

No caso do sacerdote católico, que é uma peça importante nesta pesquisa, vale registrar que não raramente é “um pobre vagante que vive das missas que celebra aqui e ali” (Weber: 1991, 294), ou com poucas exceções alguns atuam com carisma. O sacerdote que atua só com conhecimento teológico e não tem carisma não consegue a participação do fiel, este começa a tecer comparações e se não

encontra motivação ele não se engaja para um trabalho junto à comunidade. O sacerdote costuma desenvolver um trabalho coerente com a doutrina católica “O desenvolvimento de um sistema racional de pensamento religioso e, o desenvolvimento de uma ética sistematizada e especificamente religiosa – com base numa doutrina coerente, estabelecida de algum modo e apresentada como revelação” (Weber, 1991, p. 295). Mas se ficar só na doutrina sem a preocupação de envolver o fiel com essa doutrina não se estabelece o elo clero e fiel.

Weber (1991, p.295) desenvolve a reflexão “nem todo sacerdócio desenvolve aquilo que é fundamentalmente novo, em comparação com a magia: uma metafísica racional e uma ética religiosa”. Os sacerdotes, ao contrário dos magos, não tomam para si a responsabilidade pelo fracasso ou pelo êxito das causas. Eles atribuem a seu Deus qualquer destes posicionamentos ou levam seus seguidores a interpretarem de forma que assumam para si a responsabilidade do fracasso ou êxito pelo seu comportamento. Esta é a regra, no entanto, conta-se com a intervenção do que Weber chama poderes extra-sacerdotais: o portador de revelações, o profeta e os não-sacerdotes que cooperam em um culto, leigos.

De qualquer maneira o sacerdócio tem por incumbência a tarefa de organizar com determinação e de forma sistematizada a doutrina que será estabelecida para se defender dos ataques dos profetas e impor limites sobre o que é considerado sagrado e convencer os leigos da essência de sua crença, até mesmo para sustentar sua soberania. Essa função é importante para manter o sacerdócio com o poder firme “em suas mãos” (Weber,1991). Assim, o saber sagrado, em sua essência, vai esvaindo-se e o ensinamento sacerdotal transforma-se em tradição literária, onde os sacerdotes interpretam dogmas: “uma religião livresca deste tipo torna-se então fundamento de um sistema de educação não apenas para os próprios membros do sacerdócio, mas também e precisamente para os leigos”

(Weber, 1991, p.315).

O que pode ser observado a partir do discurso dos fiéis mais idosos da paróquia, que são a maioria, é que, o papel do sacerdote é de um representante religioso que em uma celebração não pode ser substituído por um leigo e que, somente a sua forma dogmática de proferir um discurso durante a homilia conseguirá atingir o consciente do fiel, enquanto mensagem do sagrado. No entanto, na ação comunitária da comunidade há um pleno envolvimento dos fiéis nas diversas atividades religiosas e quando o ministro da Eucaristia ou da Palavra encontra motivação para essa disposição, ele coloca seu carisma, sua disponibilidade, seu discurso em favor de uma ação comunitária que via de regra seria somente do sacerdote. Em uma missa às 10:00 horas um leigo faz a homilia.

“Hoje refletimos sobre o papel do leigo na Igreja, e o nosso papel é muito importante, porque nos dispusemos a estar à frente de qualquer atividade que nos é confiada. No nosso corrido e concorrido tempo, encontramos sempre um espaço para dedicarmos algumas horas em favor de nossa comunidade. O que importa não são títulos ou anos de escolaridade e sim o nosso compromisso, nossa disposição. Jesus quando escolheu seus discípulos não observou posição social e sim as motivações a disponibilidade de cada um que foi chamado, por isso penso que merecemos ser parabenizados, porque estamos sempre disponíveis a trabalhar por uma comunidade unida, disposta a dedicar o melhor de seu tempo” (Amilton, ministro da eucaristia).

Quando o leigo acabou de fazer sua reflexão os fiéis o aplaudiram, foi no mínimo, uma surpresa, porque ninguém esperava por esta reação e de repente, todos acompanharam o gesto das palmas. O que os fiéis comentaram, logo após a missa, foi que os padres podiam falar do jeito que eles entendessem assim como fez aquele leigo.

“É tão fácil falar pra gente entender, porque os padres não falam assim? Hoje o sermão foi bom, entendi tudo que a leitura estava falando, é desse

tipo de comentário que a gente precisa” (Gorete, 42 anos).

O fiel ouviu o que alimenta seu ego, o que o faz se sentir importante enquanto leigo, alguém que doa seu tempo e por menor que seja sua participação, essa participação tem valor. Embora os especialistas ou sacerdotes tenham formação para poder fazer seu discurso, alguns leigos com a sua maneira própria de falar conseguem envolver o fiel muito mais que alguns sacerdotes. E o que é mais importante para os fiéis, eles conseguem entender a mensagem do discurso.

Segundo Bourdieu (1998, p.28 a 38), o campo religioso se tornou autônomo enquanto os especialistas centralizam o saber religioso acumulado, usando uma linguagem não acessível ao público, podendo assim manipulá-lo em favor da manutenção da estrutura.

O corpo sacerdotal através do segredo monopoliza o saber sagrado e a ignorância profana, o segredo exprime e reforça a ignorância da religião e de estranho ao sagrado e ao corpo de administradores do corpo sagrado.

Em um tipo determinado de prática ou crença religiosa, a religião funciona como princípio de estruturação legitimando por meio da força simbólica, o estilo de vida de um grupo ou classe, as propriedades materiais e simbólicas da estrutura social. Dessa forma justifica para os leigos sua posição determinada na estrutura social a que pertence.

A estrutura de sistemas de representações e práticas religiosas próprias em diferentes grupos ou classes contribui para a perpetuação e reprodução da ordem social; “ajustando às normas éticas e a visão de mundo dos destinatários de sua prédica” (Bourdieu1998,38). Ao leigo é oferecido o ethos da renúncia, transferindo suas aspirações e conflitos através da compensação e transfiguração simbólica para

uma promessa da salvação. Ao sacerdote é dada uma autoridade de função que lhe é conferida por uma organização burocrática.

Essa função não deixa de servir para legitimar a estrutura de posição social, ou melhor, legitimar as relações econômicas desse ou daquele grupo da sociedade.

2.2. Categorias de Elaboração do Discurso dos Padres na Paróquia Nossa Senhora das Graças

2.2.1. Elementos na Construção Teórica do Discurso Eclesial

Martelli (1995), aponta para uma entrega total, um envolvimento pleno nas atividades das religiões organizadas quando indaga: “que nexos existem entre os Novos Movimentos Religiosos (NMR) e rápidas mudanças sociais?” As incertezas que resultam do processo acelerado nas sociedades pós-industrial levam as pessoas a não terem onde sustentar os seus anseios. O desenvolvimento tecnológico, intelectual e o surgimento de novas motivações, numa situação de “crise da modernidade”, avançam para o desconhecido e a para decadência psicológica do homem e o levam para a reinterpretação dos valores tradicionais, perpassando pelo sagrado, pela religião institucionalizada. Com a modernidade e a rápida urbanização no catolicismo surgem alguns novos movimentos religiosos.

A realidade da paróquia pesquisada deixa claro que a maioria dos fiéis que freqüenta regularmente as celebrações das missas são pessoas com idade igual ou acima de 40 anos. Algumas dessas pessoas mal sabem ler e escrever. O senso crítico dessas pessoas com pouca escolaridade é limitado dificultando acompanhar

o rápido desenvolvimento tecnológico e as mudanças que ocorrem em um tempo que pode ser chamado de **pós-modernidade**³. No entanto não é proposital essa falta de acompanhamento para as novas estruturas de motivações e acontecimentos novos que acontecem a cada minuto, mas uma realidade condizente com as características da cultura local do bairro onde se localiza a paróquia Nossa Senhora das Graças.

A possibilidade de classificar um período da história da sociedade em Moderna é categorizar, indicar situações, atitudes sociais em uma ordem teórica que não é legitimada pela prática. Na modernidade acontece uma ambivalência e esta é tanto “autodestrutiva” quanto “autopropulsora (...)Ela prossegue com força incessante porque cria seus próprios problemas enquanto os resolve”(Bauman,1999, p.11).

A modernidade pode ser pensada como um conceito que reflete muitas contradições. É difícil descrever o que não é ordenado conscientemente: “A ordem é o contrário de caos; ordem e caos são gêmeos modernos” (Bauman,1999, p.12). Com efeito “a modernidade é o que é – uma obsessiva marcha adiante – não porque sempre queira mais – mas porque nunca consegue o bastante” (Bauman, 1999, p.18). No entanto, uma vez que toda a certeza da ambivalência reforça ainda mais a sociedade moderna “uma sociedade transforma sua contingência em destino se os seus membros chegam à consciência de que não prefeririam viver em nenhum outro lugar e em nenhuma outra época que não aqui e agora” (Bauman, 1999, p.247).

A modernidade se expressa de forma a caracterizar uma “pluralidade de reivindicações heterogêneas de conhecimento” (Giddens 1999,p.12) assim em final do século XX os seres humanos têm sua existência enfatizada em um fenômeno que tem seu desenvolvimento voltado para grandes oportunidades antes nem sonhados

3 - Ao período presente, alguns autores intitulam de pós-modernidade. Essa denominação discutida hoje por alguns autores, Giddens, Léger, Prandi, no entanto, caracterizam esse período de pós-modernidade como transmodernidade ou mesmo modernidade radical.

em um sistema pré-moderno, mas também, a modernidade mostra seu lado “sombrio, que se tornou muito aparente no século atual” (Giddens,1991,p.16), a larga destruição em relação ao meio ambiente.

Segundo Giddens, ainda não estamos na pós-modernidade. As características que nos são apresentadas por alguns autores sempre existiram, não são novidades; apenas hoje elas estão presentes na sociedade, o mundo não está caminhando em ordem, há o descrédito no próprio conteúdo. Acontece, segundo, Lyotard “a criação de uma nova explicação” para essa realidade que não condiz com a sociedade pré-moderna. As transformações são muito rápidas e o mundo é uma diversidade que não lhe cabe apenas uma única grande verdade, nesse sentido, nenhuma “teleologia histórica” garante que a versão pós-modernidade ou modernidade radicalizada “vê o engajamento político coordenado como possível e necessário num nível global bem como localmente” (Giddens, 1991, p.150). Quando se fala em modernidade “dois complexos organizacionais distintos são de particular significação no seu desenvolvimento: o estado-nação e a produção capitalista sistemática. Uma das conseqüências enfatizada é a globalização” (Giddens,1991, p.173). Globalização esta que inevitavelmente traz riscos e perigos, pois o processo em desenvolvimento não é igualitário, ele fragmenta apesar de ordenar, todavia mesmo envolvendo o mundo em uma reorganização radical, as tendências globalizantes e suas conseqüências desestabilizadoras no tempo e no espaço não deixariam de ser pressupostos para o futuro real de um presente realismo das instituições e da diversidade cultural do mundo.

Sabe-se que é imprudente afirmar que a transformação em geral atinge só a pesquisa ou só a transmissão de conhecimentos, a natureza do saber não permanece intacta, assim como a pesquisa é acessível ao estudioso que se propõe

a desvendar e traduzir inúmeros assuntos. No entanto, existe o problema da legitimação: “admite-se como ponto pacífico que o saber científico e técnico se acumula, discute-se quando muito a forma desta acumulação, que alguns imaginam regular, contínua e unânime, outros como sendo periódica, descontínua e conflitual” (Lyotard, 1998, p.12). A “sabedoria histórica” nos diz que desde Platão a questão da legitimação está associada a direito e ao que é justo. A natureza destes termos passa por uma análise ocidental onde “o direito de decidir sobre o que é verdadeiro não é independente do direito de decidir sobre o que é justo” (Lyotard, 1998, p.13).

O jogo da linguagem constitui regras que devem ser observadas quanto a natureza, seu enunciado, para saber a quem deverá satisfazer essas regras, a quem possui a legitimação das normas desse jogo. “A invenção contínua de contradições novas, de palavras e de sentidos que, no nível da palavra, é o que faz evoluir a língua, proporciona grandes alegrias” (Lyotard, 1998, p.17).

A visão alegre, única de uma sociedade orgânica, funcionalista assume espécies de discursos diferenciados a partir da década de 50, “compara-se a sociedade a um sistema auto-regulável” (segundo Parsons apud Lyotard, 1998, p.20). Assim sendo, é possível dizer que se pode ser otimista ou não, diante das situações que poderão vir a ser de melhoria de vida, revoluções nas esperanças, harmonia entre a otimização e o pessimismo do sistema social. No entanto, a alternativa buscada para resolver as manifestações mais inusitadas do saber pós-moderno recai em funções reguladoras que voltam a reproduzir as mesmas relações sociais. Não se pode entretanto afirmar que toda relação social seja dessa ordem, ou seja de reprodução do sistema social.

“Por outro lado, numa sociedade em que a componente comunicacional torna-se cada dia mais evidente, simultaneamente como realidade e como problema, é certo que o aspecto de linguagem (langagier) adquire uma nova importância, que seria superficial reduzir à alternativa tradicional da palavra

manipuladora ou da transmissão unilateral de mensagem, por um lado, ou da livre expressão ou do diálogo, por outro lado” (Lyotard, 1998, p.29).

Na sociedade contemporânea ou pós-moderna, o grande relato ou grandes verdades perderam sua credibilidade, muito prometeram e não cumpriram. É o caso do socialismo que prometeu um sistema igualitário de classes e prosperidade com avanço dos bens e dos serviços; a harmonia e a paz que o campo religioso prometeu; o controle total das doenças que a ciência prometeu e não encontrou sua legitimidade para fazê-lo. A pós-modernidade passa a ser caracterizada pela diversidade, variedade emergencial de tudo, valores que estavam escondidos na cultura, agora aparecem, estão se mostrando, todas essas variedades são encontradas pela insegurança que os novos rumos da História trazem. “O traço surpreendente do saber pós-moderno é a imanência a si mesmo, mas explícita, do discurso sobre as regras que o legitimam” (Lyotard, 1998, p.100).

As expressões “Modernidade” e “Pós-Modernidade” não poderiam deixar de incidir no cristianismo, e a modernidade tem uma reinterpretação teológica: “O catolicismo intransigente foi a resposta histórica que tentou preservar a integridade da tradição cristã face às pretensões sacrílegas da modernidade” (Concilium/244-1992/6,784). Todavia o conceito de “Pós-Modernidade” é vago e com a reconstrução do conceito das ideologias do marxismo é possível praticar uma nova interpretação da relação modernidade e o cristianismo. Faz-se desnecessário voltar à constatação de que a Igreja e a sociedade moderna, desde o século XVIII, mantinham relações em conflitos, mas não é banal insistir que a crise à qual a modernidade nos apresenta coloca novamente em questão a relação entre religião e a modernidade como um problema que leva à exclusão dessa configuração histórica.

A Igreja Católica em sua tradição religiosa passou e passa por várias mudanças, inovações ocorreram ao longo de sua trajetória. De um catolicismo que

rezava suas missas em latim, do confessional aural, do jejum antes da comunhão, da proibição de carne às sextas-feiras na Quaresma, o concílio Vaticano II atualiza a Igreja frente ao mundo moderno, traz a abolição do púlpito, a confissão comunitária, o leigo como ajudante na administração de alguns sacramentos, enfim, são aspectos que sofreram modificações que fazem com que presenciemos hoje uma religião católica diferente de 50 anos atrás.

No entanto, outras inovações marcariam o catolicismo do século XX:

“Com a Renovação Carismática, o catolicismo banuiu as preocupações de natureza política, reavaliou os sacramentos rituais, a oração e o culto mariano, revigorou o milagre, recuperou a magia que processa a cura religiosa, centrais na doutrina e no rito dos concorrentes evangélicos pentecostais. Os grupos carismáticos de oração repovoaram as igrejas, motivando católicos desinteressados dos catolicismos sociais e desritualizados e trazendo de volta muitos que tinham saído da religião de origem para experimentar outras modalidades religiosas” (Prandi,1997.)

Com a Renovação Carismática Católica (RCC), o espaço perdido ou a perder da Igreja Católica recupera-se conquistado pelas lideranças leigas. O movimento podia assim crescer mesmo onde não encontrava apoio do pároco. O catolicismo carismático transforma a celebração da missa em farta exploração das emoções orientadas pelo canto, dança e mesmo ginástica. A música católica alcançou as paradas de sucesso.

“A introdução da nova maneira católica de promover a expansão das emoções e fruição coletiva de sensações arrebatada multidões. Muitas histórias de vida mostram momentos porque passa o indivíduo em sua trajetória, da carreira familiar e profissional, das condições de saúde, das experiências afetivas, das referências de reconhecimento social e identidade” (Prandi,1997).

A RCC traz uma fé contextualizada, onde os bens simbólicos de salvação são atrativos, atendem às necessidades pessoais, sejam elas quais forem. Está

totalmente voltada à tradição ritualizada do catolicismo romano, comum na roupagem nova, talvez, e através das músicas, gestos, ginásticas acompanhando o momento histórico social “pós-moderno”, se voltam total e fundamentalmente às necessidades do sagrado, ou seja, religiosas.

A partir dos anos 50, surgiram concorrentes agrupados nos ramos pentecostais, cujas denominações não pararam de crescer. O catolicismo também mudou tentando resgatar seus seguidores frente a uma religião nova que não conhecia. Tentando recuperar seu destaque na sociedade, começa por criar nos cristãos uma conscientização coletiva social de que a religião politiza, é a Teologia da Libertação, e aquele que se organiza e luta em nome de Deus através da CEBs, é o “bom católico” (Prandi,1997).

“A teologia da libertação é um movimento que viveu 20 anos em evidência, de 1964 a 1985” (Corten apud Smith, 1996, p.17). É um movimento religioso católico que expressa a participação de uma parte da população que adquiriu um status social por se envolver ativamente com uma ideologia em um contexto social que traduz um espaço teológico novo, capaz de traduzir moral, fé, comunidade e emoção.

Em Eleta (1997, p.153), Houtart afirma que embora concordando que uma minoria possa dar origem a mudanças importantes, no Brasil as **CEBs**⁴. Contaram com uma minoria que pudesse introduzir significado novo na vida religiosa das pessoas, determinando transformações no modo de conceber Deus. Se antes do Vaticano II, Deus era visto distante do homem, nas alturas, e não entre os homens, com a criação das CEBs, a visão espiritual e também o papel e o discurso dos padres nas comunidades transformaram. A Igreja assim assumiu novas características.

4 - CEBs são as Comunidades Eclesiais de Base onde se coloca em prática a discussão elaborada pela Teologia da Libertação.

Corten (1996, p. 23 a 30), afirma que o discurso formulado pela Teologia da Libertação aconteceu a partir de três parâmetros: pedagógico, teológico e marxista. Na visão pedagógica, a concepção a ser analisada funcionaria como a pedagogia dos oprimidos ou opressão da pedagogia que busca a conscientização via alfabetização. Influenciado pelo método de alfabetização de Paulo Freire, o Movimento de Educação de Base organizado pela CNBB, (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), experimenta a nova pedagogia, mas com o golpe de Estado e a ditadura militar, o método é suspenso por ser considerado subversivo.

Para Corten (1996, p. 30 a 35), “na concepção teológica a reflexão é uma crítica da modernidade que se encontra desde a expressão da negação de toda esperança à promessa de um Deus que abre um futuro de justiça”. Essa teologia prima-se para o “abrir-se ao mundo”.

O discurso na tendência marxista permite censurar a emoção, a compaixão e utiliza-se de uma expressão latente do marxismo, seu discurso reflete as estruturas, a necessidade de mudanças estruturais.

Na fusão entre os três parâmetros, pedagógico, teológico e marxista, encontra-se uma categoria rejeitada, a dos pobres, a qual torna-se a bandeira da Teologia da Libertação.

Em Corten (1996, p.28), a forma de explicitar a teologia da libertação acontece com o apoio da hierarquia católica, no princípio, com a criação das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), que desenvolve e sustenta essa mudança na Igreja brasileira, observando três elementos: a divulgação da Bíblia, a dramática situação das massas em uma ditadura militar e a crescente aceleração da pobreza frente ao processo de urbanização.

O encorajamento à leitura da Bíblia foi concedido acompanhado do catecismo, temendo uma interpretação pessoal que poderia levar ao sectarismo.

O que foi conhecido como a popularização da Bíblia, no entanto, aconteceu em estudos denominados círculos bíblicos, coordenados por teólogos ou estudantes de Teologia. Não foi uma simples campanha para que todos tivessem suas Bíblias em suas casas, mas que estudassem seus livros à luz do catecismo da Igreja Católica. E as explicações dos entendimentos desses livros seriam feitos mediante o estudo e a interpretação desses coordenadores.

Segundo Corten (1996,p.30), a “Igreja Popular” não é uma invenção dos teólogos, a “Igreja dos Pobres” se afirma na nova experiência do Espírito Santo, a “Igreja Popular” nunca atingiu os mais pobres, isso no entanto, não a impediu de ser animada de um espírito evangélico de pobreza. A aspiração à pobreza, antes de ser um princípio de identidade é um princípio de oposição.

O pobre latino-americano é oprimido, cativo, é aquele cujo clamor não se pode ouvir, é um pobre “solitário e secularizado não vê mais a cruz diante dele. Ele é sufocado pela angústia, individual” (Corten, 1996, p.37).

O movimento pentecostal leva o pobre a manifestar a louvação, enquanto a Teologia da Libertação discursa a libertação da opressão. A forma de distinguir essa devoção pentecostal está no modo a suscitar e gerar emoções. Enquanto a Teologia da Libertação incita os cristãos à devoção, a participar da construção do Reino de Deus, o pentecostalismo leva esse pobre marcado pela dor ao entusiasmo da alegria divina. E leva os mais pobres, mais simples a uma experiência emocional gratuita, o falar em línguas que não necessita de instrução formal, “fator que faz com que o pentecostalismo apareça como uma religião dos pobres”(Corten,1996:65 a 68), Portanto poderíamos fazer referência a oralidade e a argumentação e dizer que uma se opõe a outra. A Teologia da Libertação simboliza a argumentação, a razão, enquanto o pentecostalismo simboliza a oralidade, a emoção.

Como a emoção é o ponto que distingue um discurso do outro, o “demônio” mencionado nos cultos pentecostais é um dispositivo simbólico que serve para “jogar” com a opressão que o pobre sofre. A fome, o desemprego, a droga, os meninos de rua e tantos outros são evidenciados nos discursos cada vez mais, tanto nas Igrejas, como nos meios de comunicação. E são apresentados como males espirituais e que somente uma cura divina poderá resolver esses problemas. Na concepção dos teólogos da libertação, esse “demônio” também existe e recebe o nome de “pecado social”, no entanto, a luta contra o “demônio” é feita através da consciência, da conscientização do sujeito e que através dessa consciência pode-se reverter a situação de pobreza.

No entanto, segundo Mallimaci (1997, p.229), o que está em discussão e em crise é um tipo de se conservar ou implantar alternativas religiosas heterogêneas, que não correspondem às demandas de novos atores sociais.

Como a Teologia da Libertação usa a conscientização para envolver as pessoas com os problemas sociais, as CEBs definindo sua linha de ação junto à Igreja Católica terminam por formar muitos líderes políticos, que se filiam a um partido que mais se aproxima da ideologia desses militantes fiéis da Teologia da Libertação: “Os militantes são numerosos a terem sido formados nas comunidades eclesiais de base, quer seja na pastoral operária ou na pastoral da terra” (Corten,1996, p.93).

As CEBs trabalham com pastorais, e o nome que cada pastoral recebe indica o tipo de atividade desenvolvida. As pessoas que participam das CEBs, em um momento de discussão não se intimidam em dar sua opinião e é com esse exercício do discurso no senso comum que muitos se aprimoraram e tornaram-se líderes políticos dentro de um partido político.

A discussão era de todos, a opinião de cada um era considerada importante e a construção da comunidade era feita por todos, fiéis e sacerdote. O sacerdote por sua vez coordenava as pastorais e a sua ação. Era como um pastor dirigente da paróquia.

As reflexões feitas pelas CEBs levam-nos a perceber sua preocupação com o que era designado de “pecado social”: tudo o que oprime o pobre, tudo o que não proporciona direitos iguais, oportunidades iguais e deixa esse pobre em condições de desigualdades comparado aos ricos é de causar indignação aos fiéis da teologia da libertação.

Os sacerdotes consagrados ao seu ministério de pastor da Igreja Católica na década de 70, possivelmente sofreram grande influência da Teologia da Libertação, pois esta estava em evidência como afirma (Corten, apud Smith1996). E aqueles que há poucos anos serviam a Igreja Católica através do sacerdócio, possivelmente também discutiam e fortaleciam seus posicionamentos nessa perspectiva de reflexão. Considerando a idade do padre Silvestre, 60 anos, e como conduz a comunidade Nossa Senhora das Graças, notamos que sua formação está pautada na teologia da libertação, pois seu discurso reflete uma sociedade que necessita ser questionada, não só observada, e que o cristão católico consciente, segundo ele, não pode nem deve ficar à margem dos problemas sociais que rodeiam a todos, mas faz-se necessário agir, fazer algo para minorar problemas como a fome, o desemprego, a droga e tantos outros.

“Não adianta falar para o nosso irmão que está com fome que ele precisa rezar, ir à Igreja. É preciso primeiro, dar-lhe condições de matar sua fome com dignidade, dar-lhe trabalho. Não é Deus que dá o emprego, mas o homem que com sua ganância, só quer o lucro, explora o trabalhador e acaba gerando o desemprego” (Pe. Rodrigues)

A realidade é muito difícil para muitos fiéis que freqüentam a paróquia Nossa Senhora das Graças e um discurso como esse termina por angustiar esses fiéis que não têm como resolver problemas tão grandes. Essa angústia é registrada no discurso do fiel quando ele deixa claro que vai à Igreja para rezar, para ouvir falar das “coisas de Deus”

“a homilia é muito longa e os assuntos que o padre fala já se escuta, vê ou lê nos jornais, gostaria que a homilia falasse das coisas de Deus, ensinasse por quê a gente precisa de religião, no catolicismo não se estuda as coisas da Bíblia.” (Karmem, 23 anos, professora)

Essa realidade da paróquia Nossa Senhora das Graças traduz talvez uma situação da necessidade de mudanças. As inovações na Igreja Católica vêm acontecendo ao longo do século XX e no início do século XXI percebemos que os fiéis dessa paróquia se angustiam por não conseguirem administrar a idéia de ficar ouvindo sobre os grandes problemas sociais, como aparece no discurso do padre Silvestre, e nem estão motivados a discutirem sobre algo que os faz se sentir impotentes, o que eles querem é se sentir mais próximos de Deus pela oração e ajudar o seu “irmão” através da oração.

“Sem Deus nós não somos nada, temos que converter as pessoas é pela oração, Deus é muito importante para nós e ter muita oração é muito bom” (Ilda, primário, 48 anos). “O que adianta falar dessa fome se a gente só pode dar um pedaço de pão ou um prato de comida, emprego e tudo que uma pessoa precisa, a gente nada pode fazer. Somente com a nossa oração é que a gente pode ajudar” (Elnice, 48 anos).

Percebemos a falta de entusiasmo dessas fiéis pelo discurso que o padre Silvestre defende. Os valores presentes no discurso eclesial representado por padre Silvestre são reforçados por elementos que permeiam o conteúdo da Teologia da Libertação, onde se valoriza a participação do fiel na sociedade, percebendo as diferenças sociais e lutando para reverter o quadro de

desigualdades e injustiças que assolam o país. Em contra partida, o fiel não quer para si a responsabilidade de mudar as condições sociais de desigualdades e injustiças do país. Seus valores estão presentes na memória da tradição da Igreja Católica retomados pela RCC: o poder da oração, o valor à família, a aproximação de Deus através da oração e a impotência de transformar o mundo a não ser pelo poder da oração.

Segundo a RCC, a oração assim como os dons carismáticos são utilizados para o bem comum, no entanto na interpretação ao dom da profecia existe uma diferença essencial entre os membros da Teologia da Libertação e os carismáticos. Os membros que comungam da idéia que o dom traz consolo e edificação pessoal e comunitária são os carismáticos, enquanto que os que consideram que o dom encoraja a pessoa para uma ação de denúncia social que alimenta e “legitima teologicamente as lutas sociais e políticas” (Carranza, 2000, p.90), são os membros da Teologia da Libertação.

A maioria dos fiéis entrevistados que freqüentam a paróquia pesquisada vivenciaram outras décadas e por isso viveram o catolicismo de uma tradição ritualizada, conhecem formas tradicionais de se dizerem cristãos e se identificam com alguns dos valores praticados pela RCC, pois esta valoriza a instituição família e seus valores tradicionais, o papel de pastor do sacerdote na comunidade e a memória coletiva quanto ao valor significativo da Eucaristia.

Em se tratando de memória faremos um breve comentário sobre esta. Uma análise a partir dos fatos sociais. “A lembrança é a sobrevivência do passado” (Bergson, apud Bosi. 1994, p.53). Segundo Bosi (1994, p. 53 a 63) “Halbwachs vai além das reflexões de Bergson que ficam nas relações memória e percepção, espírito e matéria”. Para fundamentar suas formulações nos quadros sociais da memória, onde a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com os grupos de convívio e

os grupos de referência a que pertence, como: a família, a Igreja e outros, Halbwachs afirma que “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar”, e se lembramos, é porque as outras pessoas ou situações presentes nos fazem lembrar. E continua, a lembrança de um fato antigo não é a mesma imagem que experimentamos no passado, “porque nós não somos os mesmos nossa percepção alterou-se, e com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor” (Bosi apud Halbwachs, 1994, p.55).

Conforme a reflexão de Halbwachs, a memória de uma pessoa está condicionada à memória do grupo a que pertence ligada à tradição que é a memória coletiva de cada sociedade. O instrumento utilizado pela memória é a linguagem. Ela é capaz de reduzir, unificar e aproximar as imagens lembradas às imagens atuais. A linguagem verbal produzida em sociedade constitui a memória coletiva. A interpretação social que Halbwachs concede à capacidade de lembrar é de caráter objetivo, transubjetivo, onde as imagens resistem e se transportam em lembranças. No estudo das lembranças das pessoas idosas, Halbwachs procura relacionar os diferentes cotidianos entre a vida de um idoso e a vida de um adulto ativo. Para um adulto em plena atividade cotidiana “memória é fuga, arte, lazer, contemplação”, enquanto que para o idoso lembrar o passado não é descanso, mas está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado que é sua vida no presente. No momento de velhice social sua função própria é de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade.

Segundo Léger (1996, p.9 a 28), há uma justificativa para se explicar essa situação atual de memória social, pois acontece uma fragmentação da memória coletiva e individual. Em uma sociedade moderna, cada indivíduo pertence a uma pluralidade de grupos, a fragmentação moderna é de espaço, tempo é uma situação que implica com muita rapidez até mesmo a destruição daquilo que faz

parte da própria cultura. “la crisis de esta memoria social total está em el fondo ligada a la emergencia de la modernidad, y acompaña el despliegue histórico de ésta” (Léger, Sociedad y Religión 1996, nº 14/15, p10). Essa crise também ocorre na estrutura da instituição Igreja.

“Esta crisis estructural de la institución de lo religioso es evidentemente de una amplitud y de un peso particular para una religión em que la autoridad de la tradición está formalizada de manera explícita bajo el gobierno de un magisterio al cual se reconoce el poder exclusivo de controlar la regularidad de las fidelidades de creyentes y practicantes”.

Porém, segundo Léger, a Igreja do catolicismo romano da sociedade moderna perde sua autoridade e o peso de seu próprio discurso dificulta a continuidade de uma tradição. Esta deve procurar outra forma de conduzir seu rebanho para reduzir o abismo entre os valores da Igreja e os de uma sociedade moderna com valores universais se atualizando de maneira plural no tempo e no espaço. A grande memória está ligada a um universo cultural que resulta de um lado na mobilização emocional e de outro a racionalização cultural. Porém “la identificación eminentemente religiosa de la continuidad de una tradición no procede más que del compromiso personal de individuo que se reconocen mutuamente como parte de una comunidad de hecho y de espíritu que trasciende la inmediatez del presente”. A instituição Igreja Católica tem encontrado resistências à adesão das novas idéias religiosas presentes na Teologia da Libertação, uma vez que os valores da família da relação direta com Deus, da força dos sacramentos enquanto tal, da imagem de Maria como doce mãe foram por séculos apresentados aos fiéis como fundamentais. E são esses valores que povoam a memória coletiva e não as novidades apresentadas pela Teologia da Libertação e que os padres da paróquia ressaltam em seus discursos.

2.2.2. Elementos de ordem Pedagógica no Discurso do Clero

A presença deste instrumento de caráter categórico norteará com mais exatidão a organização sistemática de nossa pesquisa. Alguns pontos desta análise se basearão em opções de caráter pedagógico visto que essa opção consciente proporcionará um entendimento mais coeso da proposta elaborada.

O Padre Rodrigues teve sua posse na paróquia Nossa Senhora das Graças em janeiro de 1999. A comunidade compareceu para recepcioná-lo com uma expectativa muito grande, pois o pároco anterior, em sua passagem pela paróquia, havia cativado grande parte da comunidade e esta sentiu muito a sua transferência. Em seu discurso, Padre Rodrigues se colocou receptivo a esta paróquia, pois há 19 anos atrás, ele havia trabalhado um tempo com esta comunidade. À medida que os meses passavam a relação pároco e comunidade se estreitava apesar de todas as atividades fora da paróquia que o Padre Rodrigues desempenhava, entre elas professor universitário. Sua postura quanto a coordenador e administrador da paróquia Nossa Senhora das Graças era de muita responsabilidade e coerência com seu discurso de participação, serviço, transformação, quebra de rotulações de poder, de hierarquia desnecessária e de igualdade entre todos. O conselho paroquial tinha poder de decisão, quando chegava a um consenso sobre tudo o que envolvia as atividades da paróquia.

“Devemos incentivar o jovem para participar com mais vontade, com mais esclarecimentos para ter clareza dos fatos, os jovens são o futuro de tudo, o jovem bem acompanhado hoje será um adulto crítico, que não se deixará enganar. Não podemos colocar bobagens, coisas sem importância na cabeça desses meninos. Quando falamos de Deus não podemos esquecer de dizer a esses jovens que Deus não é aquele bonzinho que concorda com todas as desigualdades, ao contrário, Deus nos fez inteligentes, e se, preciso for, lutarmos contra as desigualdades.” (Pe. Rodrigues)

Analisando o discurso do Padre Rodrigues, nota-se a preocupação que este demonstra em articular uma comunidade participativa, ativa, onde todos são importantes. Não escapa em suas ações a capacidade de inserir cada fiel como peça fundamental na construção de uma Igreja viva, com capacidade de transformar a prática comunitária e envolver a todos rumo ao que ele designa como construção social da realidade. Padre Rodrigues defende a idéia que cada um tem o seu saber “ainda que seja este saber meramente opinativo” (Freire,1983). E a partir desse saber, mesmo que empírico, faz suas colocações ainda que elaborado apenas a partir do senso comum. O fiel é considerado sujeito do processo que constrói uma verdadeira comum unidade.

A resistência ao novo, ao expor-se, ao opinar, ao criticar, a comprometer-se com a construção de uma forma diferente de ser Igreja, dificultou a continuidade das atividades desenvolvidas por Padre Rodrigues. As palavras geradoras em seu discurso, carregadas de sentido existencial começam a ser confrontadas por um teor emocional que gerou uma insatisfação de alguns fiéis, comprometendo as perspectivas de elaboração de sistematização de uma combinação de discurso e ação. É impressionante deparar com a quebra da operacionalidade de um processo, cuja pedagogia da comunicação não funciona, ou pelo menos, não acontece como esperado por quem o operacionaliza. Os valores individuais caracterizam a emoção, a espiritualidade individual acontece em primeiro lugar. E com esse posicionamento o fiel da paróquia Nossa Senhora das Graças sai em busca de outra paróquia que corresponda aos seus anseios quanto a essa interiorização. A comunidade não está preparada para um discurso progressista.

O primeiro ano de permanência do Padre Rodrigues na paróquia foi de aprendizado. A maioria dos fiéis não o conhecia. Com o tempo a participação, o compromisso cobrado por ele não estava sendo correspondido como se esperava.

Os fiéis não estavam acostumados àquela prática de falarem em público, darem suas opiniões durante a homilia, e cada vez mais sentavam longe do altar, com receio que o Padre Rodrigues os chamasse para opinar sobre algum assunto. Os diversos temas e argumentos apresentados pelo padre durante a homilia se baseavam em um caráter heterogêneo de informações e para se fazer entender ele enfrentava um grande desafio.

“Estamos chegando na Quaresma. Que tipo de reflexão iremos fazer neste período? Podemos nos organizar em pequenos grupos de vizinhos para acompanhar a campanha da Fraternidade. Fazer jejum pelo prazer de dizer que faz jejum não adianta nada aos olhos de Deus. Não comer carne toda 4ª feira e toda 6ª feira e continuar com essa carne guardada não adianta . Por que não fazer um gesto concreto? Pegar essa carne e dar para alguém que não pode, não tem condições financeiras de comer carne mais de uma vez por semana? Aí sim faz sentido o gesto de não comer carne. Precisamos entender o sentido dos gestos concretos para entendermos os ensinamentos de Deus, a fraternidade, a justiça, a igualdade” (Pe. Rodrigues).

Teria que se reavaliar o passado e levar em conta a forma como esse fiel que faz parte da fundação dessa comunidade concebe a idéia de Quaresma, avaliar o contexto atual que influencia com uma suposta emocionalidade. Fazendo uma análise da possível compreensão de uma realidade particular dessa paróquia, para se detectar as motivações efervescentes destes fiéis, através de elementos fundamentais, considerando os pioneiros como sujeitos e com uma identidade histórica e os que chegaram recentemente e são sujeitos desse momento da história pode-se construir uma nova concepção de viver e entender a Quaresma nos dias atuais.

2.2.3. Elementos de Ordem Pragmáticos no Discurso do clero

O discurso analisado na pesquisa evidencia uma discussão em que a evangelização do ser humano se dá num terreno bem fértil que é o terreno da ordem social, ou seja, não há como se cuidar do espírito sem cuidar da matéria, do corpo. Cristãos na verdade, segundo o ponto de vista do padre, devem se preocupar em transformar a sociedade, em transformar o meio em que se vive, transformar as estruturas de uma sociedade muito desigual.

“Que bom que temos alguns visitantes de outras paróquias, isso é motivo para comemorarmos. O reino de Deus entre nós se constrói assim, uns crescendo com os outros. Falando em comemorar, essa semana vamos comemorar o aniversário de Goiânia, mas será que todos têm o que comemorar? Orgulhar-se de morar em cidade arborizada, com muitos jardins urbanos e tantas outras coisas? Tem até algumas bobagens que não servem para nada. Será que aquelas pessoas que engrossam as filas do Hospital das Clínicas têm o que comemorar? as crianças e adolescentes sem nenhuma condição de viver sua infância, sua juventude têm o que comemorar? Vamos em nossas orações, pedir pelos nossos governantes, que eles possam comemorar mais um ano de nossa cidade, mas também olhar pelos menos favorecidos que fazem parte dessa cidade” (Pe.Rodrigues).

Para ele, o ser humano não deve se preocupar só com o emocional, é preciso que o verdadeiro cristão tente mudar o mundo à sua volta, faça acontecer a mudança social, fazendo uma justaposição da realidade da vivência com o que é ensinado pela doutrina religiosa, enxergando além desse intervalo vida e emoção, onde se está inserido, alargar novos horizontes, conseguindo perceber as diferenças sociais, as injustiças que estão presentes em todas as instituições. Muitas vezes no discurso do padre percebe-se claramente críticas à própria instituição religiosa, hierárquica.

“Não precisamos entrar em detalhes sobre os meus compromissos no final deste ano, apenas gostaria de lembrar: como eu já havia falado, nesse ano ficarei no máximo com 4 atividades diferentes, já falei com o arcebispo. E relembro uma atitude da Igreja nesse ano que passou, ela, pediu perdão aos índios em Porto Seguro numa solenidade simbolicamente perfeita, mas será que foi o suficiente? Por que não resolver as coisas de forma concreta? Eu falo, discordo dessas coisas floreadas com intenção de mostrar na mídia. Temos que avaliar nossas ações para começarmos um ano diferente mais justo socialmente”(Pe. Rodrigues).

Seu discurso progressista reflete uma integração à sociedade. E nem todos os fiéis estão preparados para observar, analisar e compreender esse teor tão vigoroso. Para ele só a aparência da paróquia não é suficiente, ele faz questão de ir além, discordar se preciso for, exigir compromisso de participação. Sua ação extrapola os limites da própria paróquia. Seu discurso e ação não permitem se limitar às paredes da paróquia, ele fala em transformação e “briga” por isso. Sua forma de ver o mundo se traduz em uma transformação por inteiro, do ser humano.

“ Estou com muitas atividades acumuladas, hoje tenho mais de 10 atividades diferentes com responsabilidades diferentes. Na Universidade é preciso falar de uma forma que os alunos possam refletir, não podemos mais ficar escutando outras pessoas ditarem as regras para nós. Quem leu o jornal hoje? Gente, não podemos ficar cegos aos problemas sociais. Não aceito colocações que possam ser entendidas de várias formas, precisamos ser firmes em nossas convicções” (Pe. Rodrigues)

Quando necessário, seu discurso contundente mexe com as estruturas sociais, porque ele fala em que se resume o poder e quando as instituições se sentem ameaçadas em seu poder, seus comportamentos se alteram. “Esta estrutura social da qual somos participantes nos cobra, nos pressiona, nos coage de tal forma que sem perceber obedecemos às regras por ela imposta” (Padre Rodrigues).

E essas regras, o pároco as coloca de maneira que não devemos obedecê-las como quem não raciocina, não pensa, como verdades arraigadas nas

consciências e que dificilmente serão abaladas. As conseqüências de se perceber as estruturas sociais desiguais, de acordo com o discurso analisado, leva a análises de categorias que são utilizadas e que constituem investigações que não se identificam com as fraquezas do ser humano, e esta análise nem sempre é feita e também não é compreendida.

“As poucas crianças que aqui estão precisam aprender o quanto antes que falam que criança precisa decorar muita coisa, principalmente na catequese, isso de decorar é bobagem, não adianta saber falar um tanto de coisa, se não viver essas coisas, não colocar em prática. É preciso mostrar que perdoa perdoando e não só falar: eu te perdô. É preciso ajudar o próximo e não só falar: coitadinho do fulano. É preciso minha gente fazer algo de concreto, pôr a mão na massa, ficar só falando não resolve nada” (Pe. Rodrigues).

Analisando os elementos do discurso proferido pelo padre da paróquia pesquisada é possível perceber uma postura que não é conservadora e que busca uma aproximação da realidade social à vida em comunidade. Nesse sentido, padre Silvestre tenta mostrar à comunidade que o papel do catolicismo enquanto campo religioso tem o interesse de aproximar a realidade social da vida em comunidade.

Weber afirma que o campo religioso tem por função específica satisfazer um tipo particular de interesse, o interesse que leva os leigos a esperar de certas categorias de agentes que realizem “ações fundamentalmente mundanas e práticas, realizadas a fim de que tudo corra bem para todos muito tempo na terra” (Bourdieu, 1999, p.84).

Conforme Bourdieu, o fenômeno religioso se apresenta com inovações, rupturas, reformas, fundamentalismos como forma de conservar o que se institucionalizou, desde que essas mudanças correspondam aos interesses dos leigos e ou principalmente da instituição.

Nossa pesquisa se baseia no discurso do clero representado pelo padre, e

como nesse discurso, os fiéis percebem ou compreendem essas inovações, rupturas ou mudanças a cerca dos diferentes enfoques contidos nesses discursos.

A experiência religiosa individual é vivida por algumas pessoas em particular. Essas pessoas dão sentidos a essa experiência mostrando alguns elementos importantes como ritos e símbolos que são usados como forma de fortalecer e fazer perpetuar a experiência que era individual passar a ser coletiva. A partir das respostas que o fiel encontra através da experiência religiosa, este se envolve em instituições religiosas e formam-se grupos religiosos, assim são elaboradas idéias religiosas e padronizam-se em práticas religiosas. A religião para o fiel tem uma função, talvez, a de trazer conforto espiritual, legitimar valores, reforçar comportamentos e outros. No meio social enquanto instituição, a religião tem a sua função. Portelli e Durkheim vão trabalhar com as seguintes idéias:

Segundo Durkheim (1989,p.79):

“Uma religião é um sistema solidário de crenças seguintes e de práticas relativas a coisas sagradas, ou seja, separadas, proibidas, crenças e práticas que unem na mesma comunidade moral, chamada Igreja, todos os que a ela aderem. A idéia de religião é inseparável da idéia de Igreja, faz pressentir que a religião deve ser eminentemente coletiva”.

Para Gramsci:

“Toda religião, inclusive a católica (ou antes, notadamente a católica, precisamente pelos seus esforços de permanecer “superficialmente” unitária, a fim de não fragmentar-se em igrejas nacionais e em estratificações sociais), é na realidade uma multidão de religiões distintas, frequentemente contraditórias: há um catolicismo dos camponeses, um catolicismo dos pequeno-burgueses e dos operários urbanos, um catolicismo das mulheres e um catolicismo dos intelectuais, também este variado e desconexo” (Gramsci apud Portelli, 1984, p.25).

Pessoa (1999), faz uma observação na afirmação de Gramsci. O catolicismo brasileiro é simbolicamente diferenciado, é marcadamente laico e sem a ortodoxia

e a disciplina clericais pretendidas pelo Concílio de Trento. Essa expressão catolicismo, como uma multidão de religiões distintas a que Gramsci se refere, é uma concepção gramsciana de pluralidade religiosa dentro da religião católica, e o parâmetro básico que Gramsci se utiliza para fazer essa reflexão é a existência de intelectuais e não intelectuais no interior do catolicismo. Por isso a colocação (catolicismo de intelectuais e catolicismo dos simples).

Na realidade da comunidade apresentada é possível fazer a reflexão que Pessoa (1999) nos sugere. O padre responsável pela paróquia seria da categoria dos intelectuais e a maioria dos fiéis que freqüentam essa paróquia seria o católico simples. O aspecto cultural do fiel e a linguagem utilizada pelo padre não estariam em sintonia, em comunicação. O mundo da vida tem como elementos constitutivos básicos a linguagem e a cultura. A ação comunicativa não se constitui “somente de processos de interpretação onde o saber cultural é testado contra o mundo, eles são, ao mesmo tempo, processos de integração social e de socialização” (Habermas apud Pessoa 1999, p.139). O simbolismo religioso é interpretado por Habermas como uma raiz “pré-linguística” do agir comunicativo. Na modernidade, costuma ocorrer o que Habermas chama de “verbalização” do sagrado, a obtenção de um caráter normativo fundado na validade racional dos atos de fala e, com isso, a instauração de procedimentos discursivos que conduzem a uma formação democrática da vontade política. Os valores que determinam a prática dos sacerdotes da paróquia apresentada são aqueles que podemos chamar de valores do catolicismo de intelectuais, eles falam da participação política e social que cada fiel como cidadão tem que possuir independente de qualquer classe social a que pertence. É um direito, um dever de todo cidadão ser consciente, crítico, ter a capacidade de observar e discernir o que é uma sociedade que reforça um sistema capitalista que mantém as desigualdades sociais. Um discurso com esse conteúdo não é para os

fiéis da comunidade pesquisada, que em seu cotidiano quer continuar com o que Pessoa (1999) chama de catolicismo dos simples, onde seus valores religiosos são aqueles em que a Igreja é lugar de falar com Deus, das dificuldades do dia a dia e pedir em oração para Deus encaminhar as soluções; o papel do padre é ouvir e confortar os fiéis em seus momentos de angústias e o padre é uma pessoa presente na comunidade durante todo o seu tempo.

Enfim é muito complexa a idéia de cristão para os sacerdotes que representam o clero na paróquia Nossa Senhora das Graças e a idéia de cristão para o fiel dessa comunidade. Rolim faz uma reflexão desses posicionamentos e acrescenta a importância em não se isolar somente no emocional. É necessário ter uma visão ampla do papel da religião na sociedade.

Segundo Rolim (1997), não basta dizer que as Igrejas pentecostais aumentam o número de fiéis, porque não falam de política e se enclausuram no emocional religioso. É necessário ver, examinar a visão que estes têm do cosmo, qual o lugar que este ocupa no interior da fé que pregam e praticam. A visão religiosa não deve se restringir aos ritos e crenças, à santificação individual, à libertação do pecado. É chamada a considerar que o pecado não é só individual, ou mesmo social, ele tem também uma face ecológica. Quanto mais se fecha no emocional, mais se distancia da dimensão histórica, e tanto mais se distancia da visão de mundo progressivamente submetido aos interesses do capitalismo. Não se considera que a sociedade de consumo, com implicações no urbano e no rural, cria e alimenta um materialismo prático que corrói os valores da vida. Vida que o cristianismo prega, mas de fato é rejeitado por muitos praticantes, em seu comportamento diário.

Com essa visão crítica a Igreja Católica enquanto instituição deve examinar sua postura de um “catolicismo com uma multidão de religiões distintas”(Pessoa, 1999).

e procurar um eixo determinante que corresponda ao que o fiel católico busca no catolicismo.

CAPÍTULO 3 - VALORES PRESENTES NO DISCURSO DOS FIÉIS

1. O Catolicismo de um Determinado Grupo de Fiéis

As grandes e médias cidades guardam em seus antigos bairros habitacionais pequenas cidades. Vamos explicar melhor essa afirmação.

Quando um bairro tem moradores no seu interior que ali convivem desde seu surgimento, esses moradores tendem a formar uma grande comunidade singular dentro de uma grande cidade. A história dessa comunidade, Nossa Senhora das Graças, é analisada perpassando por esta afirmação.

A maioria dos fiéis que freqüenta essa paróquia hoje, é composta por pessoas que lutaram juntos pela construção do bairro e sua melhoria, fundação e construção da Igreja. Seus familiares continuam o que seus pais ou mesmo avós começaram. Por isso, sente-se quase uma família no que se refere a laços afetivos. Quando falamos da história do bairro e toda trajetória dos fiéis para

construírem a paróquia, percebe-se que a religião passa a ser um elo de união, onde lutam juntos, sofrem juntos, e ultrapassam barreiras juntos.

Segundo Prandi e Pierucci (1996), “a religião constrói uma identidade, um grupo, uma comunidade, que ampara, auxilia, e tem um jeito próprio de viver”. A luta por moradia, por uma Igreja Católica e pela construção de uma escola, uniu de tal forma essa comunidade que os padres que passaram pela paróquia nesse período eram considerados da família, como afirma o senhor José Alves. “O padre Costa, o padre Pereira, o padre Léo e os outros que moraram aqui com a gente era de casa, quando ainda não tinha a casa paroquial eles só comiam na casa da gente, igual alguém da família” (José Alves, 85 anos).

Segundo José Alves, “os padres redentoristas gostam muito de festas, quermesses, leilões, novenas”. Ainda de acordo com esse entrevistado, esses valores foram construídos na religiosidade dos fiéis mais antigos da paróquia. Ainda hoje quando acontecem as quermesses na paróquia, esses fiéis mais antigos estão presentes, seja na novena, como ajudantes durante a festa ou mesmo com suas presenças. “Em um outro momento, os dominicanos trouxeram também sua contribuição para a formação dessa comunidade, mas foi a ordem diocesana que ficou como responsável pela paróquia e é até hoje” (José Alves, 85 anos).

Segundo José Alves os dominicanos tiveram sua participação na construção e formação da comunidade, no entanto, Carmem relata que a partir da coordenação dos diocesanos, as festas, quermesses e leilões diminuíram, mas os fiéis no início dessa mudança continuaram participando ativamente da paróquia. Com o trânsito dos padres que por lá passaram e passam, alguns fiéis passam também acompanhando o padre, outros permanecem independentes desse fator: “Com o passar dos anos e a troca de padres, as festas e as quermesses foram deixando de ser como antes, mas eu continuo aqui ajudando, alguns nem vêm mais na Igreja. Eu

acho isso errado a gente tem que ajudar porque mora aqui nessa comunidade” (Carmelita, 65 anos).

A realidade do catolicismo hoje é bem diferente de 52 anos atrás, quando se deu a fundação da paróquia Nossa Senhora das Graças. Neste contexto refletimos que o catolicismo desse grupo de fiéis guarda motivações que gostariam que fossem vivenciadas como foi no início de sua História. Como afirma dona Maria Pereira:

“Os padres de hoje não freqüentam a casa da gente, eles não são só padre, têm tanta coisa pra fazer, que nem sobra tempo para dar atenção aos fiéis e alguns nem celebram a missa todo dia, deixa para ministros da eucaristia, e ainda tem uns que parece que vai ficar celebrando missa não sei quantas horas”.

Não podemos analisar se a questão da permanência do fiel nessa paróquia hoje está ligada à figura do padre ou ao comportamento deste, enquanto pároco. O que podemos observar pelo discurso dos fiéis é que dependendo da disponibilidade do padre no que diz respeito a visitar as casas dos fiéis, estar na Igreja quando ele é procurado, celebrar uma missa não muito longa e animada, faz diferença na presença desse fiel na paróquia para participar das celebrações.

Com as mudanças ocorridas nas sociedades modernas, no relacionamento familiar, no plano cultural e o fim da identidade entre valores sociais e valores cristãos, o fiel católico dessa comunidade encontra dificuldades em perceber essas mudanças e se apega ao que ele já conhece, ou seja, os valores com os quais construiu sua fé. Para ele esses valores são os corretos.

Os fiéis da paróquia relatam que nas celebrações carismáticas o sacerdote aproxima “Cristo Vivo”, na hóstia consagrada, ao fiel. Este é incentivado a tocar na hóstia e depositar suas necessidades no Cristo que está passando, eles gostam desse ritual. Para os fiéis mais antigos no bairro é imprescindível participar de

missa todos os dias. Mas já tem alguns anos que os padres que coordenam os trabalhos na paróquia por algum motivo que nem sempre explicam, não estão presentes para celebrar. Os fiéis ficam indignados, pois para alguns, quem é ordenado padre tem essa rotina como algo que não pode deixar de ser cumprido.

“Teve uma época que o padre que estava aqui ficava por conta da comunidade e quando ele não celebrava missa, arrumava um padre para rezar e agora cada um que chega faz do seu jeito. Parece até que a missa tem que ser do jeito do padre e não o padre celebrar uma missa normal” (Daniel, 68 anos).

Voltando a esse fiel e entendendo dele o que para ele é uma “missa normal”, ele diz que seria uma celebração em que as pessoas possam se sentir bem, dentro da Igreja, sentir a presença de Deus e o padre fazer uma reflexão durante a homilia que ajudasse o fiel a sair da Igreja melhor ser humano do que quando entrou: “Quando a gente procura a Igreja é porque está procurando calma para o coração, a gente quer que o padre fale das leituras da missa e que essas leituras melhore a gente como pessoa” (Daniel, 65 anos).

Considerando o que o fiel acima citado conclui como importante em uma celebração, entendemos que fazer uma breve reflexão sobre a RCC a partir do discurso dos fiéis e as suas justificativas quanto à afinidade ao que o movimento propõe é importante para complementar o entendimento do leitor, quanto à opção do fiel pelo discurso interiorizado, e não o discurso politizado, que é usado pelos sacerdotes da comunidade pesquisada.

Segundo enfatiza Carranza (2000), pouco a pouco a RCC foi trilhando seu próprio caminho e hoje se propõe a ser o “âmbito privilegiado no qual o católico pode vivenciar os dons e os carismas”. Entre os dons que a RCC professa, existe um que é considerado surpreendente e polêmico, chamado repouso no Espírito. Segundo De Grandis (1993), orador internacional da RCC, esta experiência de “êxtase”, também

chamada “dormição do espírito”, “cair sob o poder” é uma experiência de concentração no Senhor. No cristianismo a experiência do êxtase não é algo novo, mas quem definiu essa experiência do êxtase como válida e legítima foi sempre a hierarquia da Igreja.

Segundo a RCC, os dons carismáticos são utilizados para o bem comum tendo como pressupostos os dons infusos e carismáticos, pois os “dons de carismas nos levam a agir, os dons infusos nos fazem ser; para fazer temos que ser” (Seminário de Vida apud Carranza, 2000, p.90). Os dons infusos são relacionados dessa forma: Temor a Deus, Fortaleza, Piedade, Conselho, Ciência, Inteligência, Discernimento de Espíritos, Sabedoria. Os dons carismáticos dessa forma relacionados são: Fé, Cura, Milagre, Glossolalia, Interpretação, Línguas ou Discernimento, Profecia.

A maioria dos carismáticos são atraídos pela promessa de cura, falar em línguas e pelos milagres. É como se o sagrado se aproximasse da pessoa, pois o fiel do catolicismo tradicional parece não conseguir estabelecer essa mesma relação de estreitamento entre si e a pessoa de Jesus como os carismáticos dizem estabelecer.

Com a promessa de fazer milagres, as comunidades da RCC atraem multidões e o fato de acreditar que a vida cotidiana terá a presença divina, o imaginário do católico carismático alcança uma proporção extraordinária em relação às explicações dos acontecimentos observados. Segundo Assmann, “milagres é o termo que o povo usa para falar de alívios que sente mediante recursos religiosos” (apud Carranza, 2000, p.101). A verdade é que com essa prática a RCC atrai grande número de seguidores dentro da Igreja Católica e o fator milagre conecta-se de maneira geral com o imaginário do catolicismo popular. Talvez seja essa uma das razões que explica porque a RCC tem tamanha aceitação no

ambiente popular e seja ele o consumidor maior de seus inventos de massa. O catolicismo popular em sua tradição conta com o que a RCC chama de pilares da fé católica e essa é mais uma razão para a aceitação do consumidor fiel em massa. Evidencia-se, no entanto, que a RCC é um dos pontos em que mais se expressam as controvérsias ideológicas no catolicismo. Acusada por alguns setores da Igreja de assimilar uma espiritualidade nos parâmetros pentecostais, Pe. Jonas Abib não concorda com essa assimilação e afirma que a RCC reforça a identidade católica:

“As três pilastras da fé católica são: a Eucaristia, o amor a Nossa Senhora e a obediência ao Santo Padre. Não tenhamos vergonha de ser católicos!... Não tenhamos medo de aliar-nos a Nossa Senhora... Fiquemos de joelhos diante do Santíssimo, arranquemos a Deus a promessa de cuidar da nossa vida...” (Entrevista 1997 apud Carranza, p.144).

No entanto de acordo com Carranza (2000, p.134 a 138) há um paradoxo na RCC. De um lado, ela tem força exclusiva dentro de si, atrai as massas, o que a torna independente da Instituição Igreja; do outro lado está sempre se adaptando, submetendo-se à Instituição: no plano de ação de 1998, para as atividades da ofensiva nacional, há a adaptação de todas as atividades do ano ao Projeto Rumo ao Novo Milênio, da CNBB. Na interpretação de alguns teólogos da libertação sobre o porquê de a RCC ter recebido a aceitação da Igreja, mesmo de alguns conservadores, são os seguintes:

“apoio que a Cúria Romana tem dado ao Movimento (Alberto de Souza); a RCC não atacar a estrutura clerical da Igreja, propõe uma reforma social sem questionar o sistema político vigente (Clodovis Boff); os membros da RCC não levam até o seu limite o potencial carismático do qual são portadores, isto é, explodir anti-institucionalmente, e só alteram a dimensão litúrgica, justamente essa que é a estrutura mais flexível da Igreja (João Batista Libânio)” (Entrevistas apud Carranza, p.138).

Todas as dimensões expostas, abordadas por Carranza, do discurso e da prática carismática e sua ação política definida ajudaram a perceber a especificidade da RCC na Igreja Católica, diante das resistências que encontra e o tipo de apoio que lhe é oferecido. A RCC ganha cada vez mais a legitimidade na instituição eclesial e, ao mesmo tempo, avança nos setores populares do catolicismo.

1.1. Tradição e Trânsito Religioso de um Determinado Grupo de Fiéis

As associações estabelecidas entre a conduta de comportamento dos membros da RCC com a instituição família e sobretudo como o “marianismo”, deixa clara a intenção da Igreja instituição, em não conceber uma nova implantação de um ethos familiar, devendo a mulher e o casamento, educação, filhos e sexualidade manterem-se nos padrões do tradicionalismo religioso católico.

A partir das entrevistas aplicadas na comunidade Nossa Senhora das Graças fazemos alguns questionamentos. Por que algumas pessoas continuam na mesma instituição produtora de sentido, nesse caso, Igreja Católica? porque elas não se sentem motivadas a procurarem outro campo religioso, e sim continuam ligadas à mesma tradição, apenas transitando entre os movimentos internos do campo religioso católico? O que há de sedutor nessa instituição que mesmo as pessoas se sentindo muitas vezes tristes, decepcionadas com seu padre, angustiadas com as normas eclesiásticas, fazem de tudo para permanecerem nesse campo religioso? Por que transitar dentro da mesma instituição? Qual a razão da resistência eclesiástica em perceber as necessidades dos fiéis de cada paróquia de acordo com a realidade de cada comunidade?

Em Todorov (1978), buscaremos a compreensão desses questionamentos. Ele afirma que quando mobilizamos a memória, o que nos é imediatamente fornecido não é uma narrativa, e sim traços que salientam momentos privilegiados, fisionomias, nomes, gestos, lugares que o pensamento organiza num todo coerente, isto é, significativo.

De acordo com observações aos grupos variados que compõem a Paróquia Nossa Senhora das Graças foi possível perceber que várias pessoas transitavam por vários grupos, fazendo trabalhos diferenciados na Paróquia. Isso acontece porque esses fiéis encontram essa coerência que fala Todorov, eles vêm significados para suas ações, mesmo transitando entre os movimentos, pois para esse grupo de fiéis o que é importante é não deixar de freqüentar a Instituição ou mesmo para alguns, essa paróquia.

Para a RCC as respostas plausíveis a todas esses questionamentos estão ligadas a apenas uma palavra: conversão. E a conversão dentro da RCC é identificada a partir de duas realidades praticadas pelos fiéis. Uma realidade é aquela em que o fiel transita pelo mesmo campo religioso, mas ainda não experimentou a espiritualidade da RCC e a outra é a realidade do fiel que deixou seu campo religioso de origem, o catolicismo, conhecendo outras religiões, mas ao entrarem em contato com a RCC voltam ao catolicismo. Segundo Machado são identificados pelo cardeal Suenens dois tipos de conversão dentro da RCC, na década de 70, este traça a espiritualidade da RCC e o processo de conversão.

“De um lado os fiéis que tiveram um trânsito religioso mais amplo, participando em outras religiões, mas ao terem contato com a RCC sofrem uma reconversão, isto é, voltam para o Catolicismo. De outro lado, os fieis católicos que sem terem saído da Igreja, tendo às vezes experiências só de migração interna (participar de diversos movimentos), ao entrarem em contato com a RCC sofrem uma renovação espiritual, reavivando assim sua religião de origem, a católica” (Machado apud Carranza, 2000, p. 124).

Machado (1996, p.113 a 114) acrescenta que a ênfase na experiência religiosa destaca a ética individual e a busca dos valores morais, na medida em que o aperfeiçoamento moral dos adeptos leva a uma redefinição de suas relações com os familiares. A adesão à RCC não tem sua significação na reconversão, mas sim na renovação da espiritualidade católica, pois a trajetória de muitos é marcada por um trânsito dentro do mesmo fervor religioso, no caso, o católico. Mas temos também adeptos ao movimento que vieram das mais diversas práticas religiosas. De qualquer forma, sejam quais forem as origens dessa conversão, rupturas com o estilo de vida anterior irão acontecer e conseqüentemente a adoção de novas formas de comportamento. De acordo com os testemunhos que os membros da RCC divulgam, há mudanças radicais que vão desde a maneira de se vestir, a abandonar o hábito de ver novelas todos os dias, substituindo esse atos por leituras bíblicas, livros sobre moral familiar, vídeos, fitas k-7, CD's e tudo o que leva a valores e importância da convivência familiar. "A mulher carismática chega a afirmar que hoje não se casaria de novo e, mesmo se ficasse viúva, não namoraria um homem separado." (Machado, 1996, p.113). Essa questão do homem separado é unânime entre as mulheres, as jovens e solteiras, as solteiras e não tão jovens, mesmo as que passaram por uma Universidade, não concebem a idéia de namorarem ou casarem com um homem vindo de um outro casamento, ou seja, "separado". "A posição dos carismáticos parece bem afinada com a doutrina oficial da Igreja Católica, que prega a indissolubilidade dos laços matrimoniais" (114).

Os grupos dessa comunidade não demonstram mudanças tão radicais e sempre que se reúnem, a discussão gira em torno de assuntos comuns à Paróquia, cada grupo de acordo com seus interesses de atuação dentro da paróquia, se encontra para determinar a prática da realidade de seu grupo. Dos vários grupos que tivemos a oportunidade de visitar, o Apostolado da Oração tem uma

particularidade, é composto somente por pessoas acima de 55 anos, mulheres, a maioria, e tem em média 12 participantes. O grupo dos Ministros da Eucaristia é formado por 15 pessoas: 10 têm acima de 40 anos, destes 05 são mulheres e 05 homens: os outros cinco estão na faixa dos 30 anos, são 03 mulheres e 02 homens. O grupo de catequistas para preparar para a 1ª eucaristia e crisma são 15 pessoas. Destes 15, apenas 04 são homens, e nenhum catequista tem menos de 20 anos. A preparação para o batismo é feita por 03 catequistas, a idade varia entre 35 a 55 anos. O grupo Legião de Maria é composto por jovens solteiras, tem 08 participantes com idade acima de 20 anos. O grupo do Dízimo tem 10 pessoas, todas com idade acima de 30 anos e apenas 01 homem. O grupo da Renovação Carismática tem como freqüentadores assíduos 40 pessoas, destes apenas 03 homens. No início da pesquisa começou a se formar um grupo de jovens que comporia um coral para animar a celebração da missa das 10 horas do domingo. Esses jovens que animam a celebração das 10:00 horas receberam o sacramento do Crisma e como “gesto concreto de seu aprendizado doaria um pouco de seu tempo à comunidade através da música” (padre Rodrigues, 60 anos.) A paróquia não tem um grupo de jovens que se reúne semanalmente. Houve tentativas de se formar um grupo com essas características, porém o que ficou mais tempo, segundo informações dos membros da comunidade foi uma: “turma de jovens carismáticos e o padre não deu apoio necessário que eles esperavam, em menos de 05 meses acabou. Estes jovens hoje freqüentam a Paróquia Sagrada Família, no setor Canaã” (Camila, 17 anos, estudante 2º grau).

Um fato nesta pesquisa chama a atenção, às vezes uma mesma pessoa participa de vários grupos, desses que foram mencionados acima. Outro fato interessante é que quase não tem jovens participando das missas. Nos grupos da paróquia somente os jovens que cantam e tocam na missa dominical às 10:00

horas têm menos de 20 anos. No domingo tem celebração de 03 missas: às 7:00 horas comparecem apenas umas 20 pessoas com idade acima de 45 anos; às 10:00 horas comparecem umas 100 pessoas, mais ou menos 20 crianças, umas 15 pessoas com idade entre 20 e 30 anos e o restante dos fiéis com idade acima de 40 anos; na missa das 19:00 horas comparecem aproximadamente 250 pessoas, umas 20 crianças, umas 50 pessoas com idade entre 20 e 30 anos e o restante dos fiéis com idade aparente acima de 40 anos. E o discurso utilizado durante a homilia é praticamente o mesmo nas várias celebrações, com duração entre 30 a 40 minutos. De acordo com essas informações, com as entrevistas feitas aos participantes da paróquia Nossa Senhora das Graças, tentaremos analisar os valores apresentados pelo clero em seu discurso na pessoa do padre e suas implicações nos valores dos grupos citados.

“Temos aqui na paróquia, todas as terças-feiras o curso de Teologia. Muitos estão participando, aprendendo o que nos diz os estudos dos textos bíblicos. Não adianta ficar querendo adivinhar o que está escrito. Cada livro da Bíblia, cada parte das parábolas foram escritas em um contexto histórico, em um momento da história e para um povo determinado. Devemos ler a Bíblia, mas devemos ter o cuidado para não fazermos interpretação própria, individual; as pessoas que estão freqüentando o curso têm aprendido muito e este curso está aberto a todos” (Pe. Rodrigues).

O discurso do padre Rodrigues evidencia uma necessidade de que o fiel precisa se preparar para entender os escritos bíblicos e que não se deve fazer um entendimento superficial ou fora do contexto mencionado nos livros, a leitura bíblica é importante desde que orientada como deve ser entendida a mensagem dada. O fiel dessa paróquia não demonstra muita preocupação em ter formação nesse sentido ou esclarecimento sobre teologia. O curso tinha um número significativo de participantes, porém muitas pessoas não eram moradores do bairro ou

freqüentadores dessa paróquia, sem contar que a maioria das pessoas que fazia o curso era de idade variando entre 30 a 65 anos.

A referida paróquia, nosso campo de pesquisa, não fica isolada. Ao contrário, fica ladeada por outras Igrejas Católicas nos vários setores que são próximos ao Setor Centro-Oeste, antiga Vila Operária. Pelas observações e pelas entrevistas concedidas pode-se perceber que há migrações de fiéis de paróquia para paróquia. Suspeitamos então que, quando o fiel não encontra respostas para suas necessidades, este fiel procura outra Igreja Católica que lhe dê o significado esperado para sua prática diária, tendo a facilidade de encontrar outra paróquia a poucos minutos de sua casa.

As pessoas que participaram das entrevistas têm formação escolar diferenciada e tempo de participação na paróquia variado. De acordo com a idade e o tempo que participam da paróquia Nossa Senhora das Graças, seu interesse pela celebração muda. Os jovens entre 12 a 18 anos que foram entrevistados disseram que freqüentam a Paróquia Sagrada Família no Setor Canaã e somente “quando não tem jeito de ir até lá é que freqüentamos a Paróquia Nossa Senhora das Graças” (Letícia, 17 anos). Estes jovens moram bem próximo à Paróquia Nossa Senhora das Graças, mas dizem não se envolver com a celebração da missa.

“Tudo é muito parado a gente não entende o que o Padre diz, não porque ele não é brasileiro, mas o assunto mesmo não dá para entender. Todo jovem aqui fala que o padre faz um discurso, só falando da Reforma Agrária, Dívida Externa, compromissos com CNBB, problema social tudo longe da nossa realidade e por mais que a gente escuta ninguém consegue saber o que fazer com a informação ouvida” (Izabela, 14 anos, estudante 8ª série).

Segundo Bourdieu (1998), “a urbanização contribui para a “racionalização” e para a “moralização” da religião apenas na medida em que a religião favorece o desenvolvimento de um corpo de especialistas incumbidos da gestão dos bens de

salvação”. O discurso utilizado pelo padre fala de uma racionalidade que os fiéis dessa paróquia não entendem, por isso transitam no mesmo campo religioso, mudando apenas de paróquia por entenderem que, se não encontram o significado para suas ações enquanto cristão no discurso do padre em questão, não tem nenhum problema buscar o conforto espiritual que procuram em outra paróquia.

Um grupo de 15 entrevistados com idade entre 20 e 30 anos fez também referência ao discurso do padre. Segundo uma das entrevistadas,

“a homilia é muito longa e os assuntos que o padre fala já se escuta, vê ou lê nos jornais, gostaria que a homilia falasse das coisas de Deus, ensinasse por quê a gente precisa de religião, no catolicismo não se estuda as coisas da Bíblia.” (Karmem, 23 anos professora).

Outros entrevistados com idade acima de 30 anos também participaram da pesquisa. Uma das entrevistadas que mora perto da Paróquia Nossa Senhora das Graças, disse que: “apesar de não gostar muito de missa longa já aprendeu a gostar do padre e quando quer se sentir mais perto de Deus, da comunidade, encontrar paz interior, visita o grupo de oração da RCC que se reúne todas as quartas-feiras” (Olga, 37 anos enfermeira).

Essa paróquia é formada na sua maioria, por fiéis que compõem o grupo de entrevistados que estão com idade acima dos 30 anos. Menos de 10% dos fiéis do que são freqüentadores assíduos das celebrações das missas pertencem a um grupo de trabalho da Paróquia. “Os jovens com idade entre 15 e 25 anos só vem a essa Paróquia quando não tem jeito de irem a outra Paróquia que corresponde ao que eles esperam da celebração da missa” (Denilson, 24 anos, professor).

Agora, os adultos com quase 50 anos ou mais, quase todos que freqüentam a Paróquia não só estão engajados em um grupo, mas em vários grupos. Algumas dessas pessoas dizem não se importar quem é o padre responsável pela paróquia. Outro entrevistado fala que:

“a falta de espiritualidade durante as missas causa um trânsito na religião católica, pois o católico procura em outras paróquias aquilo que vai atender suas necessidades. Eu só não vou em outra paróquia porque aprendi a gostar das pessoas que freqüentam aqui e quanto à espiritualidade procuro em minhas orações pessoais.” (Jovelino, 39 anos, professor).

Percebemos pela fala de alguns entrevistados que nem eles mesmos conseguem entender porque continuam dizendo-se católicos, a impressão que se tem é que estão tristes, descontentes, mas insistem em freqüentar o mesmo campo religioso. Uma outra entrevistada fala que:

“mesmo não concordando com muita coisa que o padre fala e faz, eu continuo nessa paróquia, aqui estão as pessoas que conheço há mais de 20 anos e quando estou muito deprimida, triste precisando de oração procuro o grupo de oração da RCC, mesmo não acreditando na oração em língua que eles fazem eu gosto da oração dirigida só pra gente” (Marilene, 52 anos, dona de casa).

O falar em línguas, Glossolalia, é um componente importante da proposta da RCC, que é a espiritualidade carismática original dentro do catolicismo. Essa experiência é a marca registrada da doutrina pentecostal, segundo Mariano “alguns antropólogos denominam de transe de inspiração, distinguindo-a dos tranSES de possessão” (1995, apud, Ibid, 105). As pessoas não sabem explicar, mas identificam a experiência como algo diferente e na RCC, glossolalia é valorizada como uma prática de louvor: “Parece que as pessoas não se preocupam com o que falam ou se o Espírito Santo realmente se manifesta, ficando a experiência unicamente na esfera íntima, privada e subjetiva do indivíduo” (Carranza, 2000, p.107).

Os fiéis da paróquia Nossa Senhora das Graças, em sua maioria, têm uma concepção formada, pronta e estabelecida do que vem a ser a celebração de uma missa, ou, como o tempo de um padre para sua paróquia deve ser disponibilizado. Considerando todas essas características acima relacionadas, e comparando aos

valores construídos por esse grupo de fiéis, a forma de conceber o espaço sagrado e quem representa este sagrado nessa paróquia, passa por uma tradição ou costume como alguns dizem. “O costume da nossa paróquia não é ficar falando de política e sim das leituras da missa” (Olga, 69 anos).

2. Valores Culturais na Formação de uma Religiosidade

“A oração é a renovação do Espírito Santo em cada coração, pois ele sopra onde quer. E assim podemos entender melhor as palavras de Deus em nossa vida e em nossa Igreja Católica” (Adão, 2º grau, 35 anos).

Com a pesquisa desenvolvida pretende-se contribuir com as várias indagações que católicos fazem sobre a comunicação interna na Igreja Católica durante a celebração da missa, através da homilia. Pretende-se esclarecer os valores que levam fiéis católicos tradicionais, a se tornarem fiéis cada vez mais desligados de sua paróquia. Alguns desses fiéis da paróquia pesquisada freqüentam as reuniões de oração quando necessitam de algum conforto, seja emocional, espiritual, material ou qualquer que seja, e participam das missas somente em ocasiões especiais como batizados ou casamentos.

Quando mencionamos valores não estamos falando de forma isolada, mas refletindo as motivações ou desinteresses ocasionados por um conjunto de relações que constituem sociedade, valores e família.

Uma entrevistada que há 14 anos participa da paróquia, conta que sua família sentiu a falta de tempo do padre para com o seu cunhado em um momento de doença, quando a família, no ano de 1991, só queria a visita do padre para confortá-los, e, através de suas palavras possivelmente prepará-los para o que pudesse acontecer. O valor dado à presença do padre no seio da família interfere

na ação e motivação desse fiel que por se sentir valorizado pela pessoa do padre preferiu mudar-se para outro campo religioso. Sua cunhada conta:

“meu cunhado sofreu derrame ficando alguns meses de cama e pedia sempre a presença do padre em sua casa, mas este nunca encontrou um tempo para visitá-lo, até que meu cunhado desistiu de pedir a visita, ele recuperou quase totalmente, mas hoje meu cunhado participa da Igreja Universal Reino de Deus. Sua mágoa ele fala que é, por uma Igreja que nem considera os seus fiéis” (Magda , 42 anos, professora).

A construção de valores forma-se culturalmente, no conjunto de costumes. À medida que uma escolha é mais importante em detrimento à outra, vai-se fazendo escolhas e formando descobertas que farão parte de um conjunto de opções que integram valores culturais. A opção por viver de forma concreta esse conjunto de valores, faz o ser humano usar um discurso em determinadas situações totalmente coerente com a sua prática.

“Este é o último domingo do mês das vocações. Estamos tendo poucas vocações sacerdotais. Os jovens, as jovens de hoje não querem se envolver em trabalhos missionários. Poucos entendem a missão de evangelizar, de levar Jesus vivo a outras pessoas. Quando vivemos uma missão ou uma vocação temos que fazer bem feito. Nossa missão de cristão, nossa vocação de viver o evangelho de Jesus tem que passar pelo nosso próximo, não é possível praticar os ensinamentos de Jesus concordando com as desigualdades, as injustiças, ou mesmo fazendo de conta que não estamos vendo que não é conosco, que é melhor deixar que o governo resolve e que isso não é problema nosso. Devemos viver nossa vocação de sermos cristãos por inteiro”(Pe.Rodrigues).

Nesse discurso, notamos que uma pessoa politizada fala com propriedade as questões sociais, sua opção, enquanto valores, se relaciona com uma imagem de mundo e não somente com questões internas da comunidade: “Escolhem sempre idéias concretas. Seus atos concretos de escolha estão naturalmente relacionados com

sua atitude valorativa geral, assim como seus juízos estão ligados à sua imagem do mundo” (Ribeiro e Ribeiro, 1994, p.53).

Esse entrevistado, há 19 anos participando dessa paróquia, considera que cada pessoa tem o seu jeito de viver sua religiosidade e diz que o problema da não participação da comunidade nas celebrações das missas, não está somente no fato de o padre ter ou não tempo para visitar esta ou aquela família, e sim pela sua postura religiosa de conceber o quem vem a ser um cristão ou a forma de viver o evangelho.

“o problema é muito mais que tempo, o discurso dos padres quase não se aproxima dos interesses ou dos anseios dos fiéis, hoje a mensagem que os padres tentam passar foge ao que os fiéis esperam, o povo quer mesmo é sentir a palavra de Deus, quer rezar e não ouvir discurso político ou ficar 30 minutos apenas ouvindo coisas que eles não entendem” (Divino, 36 anos, bancário).

Nesse trecho da homilia Padre Rodrigues fala:

“não adianta ser cristão fora do mundo e se não acompanharmos as notícias do mundo, qualquer uma, seja de fome, de miséria, de falta de emprego e de todos os problemas sociais, não estamos sendo cristão de verdade, porque Cristo denunciou as desigualdades.”

Assim o sacerdote que é quem representa o clero, utiliza o período em que o fiel está presente na Igreja, durante a celebração para, na homilia, mencionar notícias que o fiel julga política, mas o sacerdote considera informação necessária.

“Hoje atrasei uns minutos para começar a missa. É que eu estava lendo o jornal. Não concebo a idéia de fazer uma celebração sem antes saber o que está acontecendo no mundo. Precisamos nos informar para sabermos como agir ou o que falar. Não podemos ficar alienados aos acontecimentos, pensando que ao participar da missa semanal já fizemos nossa parte como cristãos. Deus nos fez livres, inteligentes, temos que saber usar nosso livre arbítrio. As manchetes do jornal não são muito diferentes do que já estamos acostumados a ouvir e a ler: um conjunto de desigualdades sociais, de

exploração pelo mais fraco, mas enfim não podemos fechar nossos olhos ao que está acontecendo, o verdadeiro cristão vê as coisas do mundo e faz parte dele tentando mudá-lo e não se fecha às coisas do mundo” (Pe. Sebastião).

Observamos na fala dos fiéis que as suas expectativas para participarem da paróquia não estão sendo correspondidas, pois vêem no sacerdote um líder religioso que não retrata suas motivações de fiéis enquanto pessoas que são agentes, sujeitos de construção na vida dessa comunidade. Enquanto o sacerdote fala de problemas sociais, os fiéis querem conforto espiritual. Percebemos no discurso do fiel que não adianta saber de tudo o que acontece no mundo, se não depende dele a resolução desses problemas. Na oração, ele se sente mais útil, pois acredita que com o poder da oração, Deus poderá fazer alguma coisa por todos que necessitam de conforto espiritual e bens materiais também. “Se não posso fazer nada por tanta gente, pelo menos posso orar por eles, porque Deus sabe a necessidade de cada um” (Silvana, secretária bilíngüe).

A cura física e espiritual é uma das necessidades que vem ao encontro de muitas carências dos fiéis. No que diz respeito a serviços de saúde, segurança, as pessoas se vêem cada vez mais obrigadas a procurarem formas alternativas para enfrentar essas dificuldades e encontram na RCC a promessa de cura para esses e outros males. A cura, seja ela física ou espiritual, só tem eficácia se o fiel crer no poder divino. O leigo, ou mesmo o sacerdote, como Pe. Marcelo Rossi, ou Pe. Alberto Gambarini, são tidos como intermediários do dom divino da cura. A função social que a crença cumpre é discutida por Bourdieu, “ao desenvolver o papel que a crença tem no campo religioso enfatizando que o seu êxito depende da capacidade que os empresários religiosos tenham que ocultar os diferentes interesses e contradições sociais implícitos na própria ideologia religiosa “(apud Carranza, 2000,p.111). A crença na cura tende a ocultar as contradições e interesses sociais, hoje facilmente encontrados

nos sistemas de saúde e segurança. Mas também a crença na cura dá elementos que ajudam o fiel a suportar essa contradição, sem contar que a função terapêutica da religião também contribui para a adesão do fiel ao grupo.

A respeito da vida sacramental observa-se que a RCC representa um resgate da Igreja romanizada que enfatiza na vivência dos fiéis experiências sacramentais e à doutrina católica. Alguns leigos, até mesmo por tradição a seus valores, costumam usar frases prontas construindo assim posicionamentos extremistas. Segundo Margarida (dona de casa, 53 anos), “Igreja não é lugar para se falar em política, que vigário bom é aquele que visita as famílias toda semana”. E frases assim, são justificadas pelas referidas pessoas como o pensamento certo para as coisas da Igreja Católica. Conforme as falas das pessoas entrevistadas, as alterações surgidas no modo de ver a Igreja Católica hoje são consideradas como mudanças de valores ou a troca de valores que a sociedade acaba por impor às pessoas sem que elas percebam. E podemos perguntar o que se entende por “valor” quando se afirma que estes estão sendo alterados. Segundo Ribeiro e Ribeiro (1994)

“Tudo o que faz parte do ser genérico do homem e contribui, direta ou indiretamente, para a explicação desse ser genérico e tudo aquilo que, em qualquer das esferas e em relação com a situação de cada momento, contribua para o enriquecimento dos componentes essenciais é considerado valor.”

As instituições sociais transmitem ou legitimam valores para a sociedade, e mais especificamente as instituições religiosas.

As instituições religiosas dessa forma, são procuradas porque o fiel supõe serem respondidas suas indagações espirituais neste espaço sagrado. Às vezes a formação teológica, intelectual ou mesmo o carisma daqueles que desempenham a função de sacerdotes dificultam a comunicação em relação às inevitáveis

necessidades dos leigos. Estes, de acordo com seus valores, por vezes querem apenas um líder carismático, outras vezes querem um líder revolucionário.

Os fiéis deixam claro esse anseio por respostas imediatas. A partir das entrevistas nós perguntamos: por que o católico praticante ou não, dessa paróquia, transita dentro da mesma instituição fazendo trabalhos diferenciados, participando de vários grupos de trabalho sem se fixar em nenhum? Algumas pessoas com as quais convivi esses meses, se diziam angustiadas por serem católicas. Uma fiel disse: “estou pertinho de me tornar evangélica, porque eu não aguento mais aquela falação da Igreja Católica” (Marta, 46 anos, professora de educação física). Será que o clero, na pessoa do padre, assiste toda essa movimentação angustiante desses fiéis? Ou nem as percebe? Uma fiel diz que é “a oração que segura e ajuda a Igreja Católica” (Maria Vieira, primário, 32 anos).

A experiência religiosa individual é vivida por algumas pessoas em particular. Essas pessoas dão sentidos a essa experiência mostrando alguns elementos importantes como ritos e símbolos que são usados como forma de fortalecer e fazer perpetuar a experiência que era individual e passa a ser coletiva, valorativa.

“Cada dia que se passava, os fiéis participavam mais e mais das missas e a Vila foi passando por uma transformação, ganhou asfalto, iluminação pública. A rede de esgoto, nós moradores que fizemos. A igreja ficou pequena para tantos moradores que foram aparecendo, foi preciso aumentar o espaço para os lados em forma de cruz e a Igreja foi aumentada.” (Maria Pereira).

A partir das respostas que o fiel encontra através da experiência religiosa, este desenvolve instituições religiosas e formam-se grupos religiosos, assim são elaboradas idéias religiosas e padronizam-se em práticas religiosas. “Eu acho que os padres é muito importante, mas é importante também a oração, nos grupos de oração

tem muita amizade, muita união, também gosto de todos os dias, ouvir o programa do padre Marcelo, no rádio e na televisão sempre que eu posso” (Ione, primário, 58 anos).

O comentário de um fiel que participa da RCC, reforça essa idéia de prática religiosa. Esse jeito da renovação carismática de fazer oração veio dar vida nova a nossa Igreja (Carlos, primário, 31 anos).

3. O Culto dos Fiéis A Maria na Paróquia Nossa Senhora das Graças

“As missas eram muito animadas, bem cantadas e a Igreja muito cheia de fiéis, que não cabiam mais na Igreja. Eu que doei a imagem de Nossa Senhora das Graças” (José Alves, 85 anos).

As pessoas acima de 45 anos que freqüentam essa paróquia vêm de famílias tradicionalmente católicas, que rezam novenas, fazem terços juntas, e participam da Igreja na festa da padroeira. Elas se dizem católicas por tradição e quase todas nunca freqüentaram outra Igreja com denominação diferente que não seja católica. A justificativa que algumas delas dão em nunca ter se afastado da religião católica é como nos fala essa fiel:

“a Eucaristia e o amor a Maria só tem aqui, para mim um culto religioso sem Eucaristia é o mesmo que não participar dos projetos de Jesus, ou seja, de não se fazer presente para Jesus. É o fato de não ter Nossa Senhora no meu dia-a-dia é como se renegasse a própria mãe. Jamais deixarei a Igreja Católica, porque antes de fazer parte da RCC, isso há 8 anos, eu não sabia conversar com Jesus, com Deus, e através de Nossa Senhora, Jesus sempre ouvia meus pedidos e meus agradecimentos. Hoje, conheço a Igreja Católica, conheço a Bíblia, com a formação dada pela RCC e como disse Pe. Jonas Abib, em uma de suas palestras: uma das pilastras da RCC é o culto a Maria, rezar terços, fazer pedidos e agradecimentos a Nossa Senhora, mas também fazê-los diretamente a Jesus, isso aprendi aqui” (Nilba, 53 anos, funcionária pública).

Uma outra senhora, também se referindo ao seu sentimento em relação a Nossa Senhora, nos falou que mesmo estando afastada da Igreja Católica algo a envolve quando se fala de Maria:

“eu tive um desentendimento com um padre que passou por aqui há algum tempo e fui visitar uma Igreja Pentecostal. Gostei dos cultos e acabei ficando por lá, mas esses pastores são muito falsos, falam uma coisa e vivem outra, então hoje não são nem uma coisa nem outra, mas quando na televisão vejo a imagem de Nossa Senhora, eu me emociono, arrepio e fico pensando em voltar a ser católica” (Aparecida, 50 anos, esteticista).

Para ela, o culto a Nossa Senhora é tão forte que mesmo afastada do catolicismo, suas emoções, sua tradição fala mais forte. A partir da fala da entrevistada, podemos perceber que o fato de no momento acontecer uma crise com o sagrado, não implica que no futuro essa crise não possa passar e o ser humano voltar a renovar sua experiência religiosa, pois segundo Acquaviva (1995), o sagrado pode não estar presente na vida social, mas sempre permanece na mente humana sua figura simbólica está sempre pronta para dar sentido consciente a esse sagrado, assim que for possível.

O ethos familiar no catolicismo tem suas ligações com as tradições que são: a devoção a Maria, a participação nos sacramentos e a obediência ao Papa. “A devoção à virgem Maria foi estimulada para demarcar as fronteiras entre o catolicismo e o pentecostalismo e em certa medida reforçar a identidade religiosa católica” (Machado, 1996, p.48).

A direção que cuida de impedir os excessos entre os carismáticos tem uma tarefa fácil que é o de enfatizar a devoção à Virgem Maria, fácil, porque o marianismo faz parte do catolicismo popular brasileiro.

Para Segato (1999, p.55 a 70), a construção do catolicismo tendo a virgem Maria como identidade constitui no papel principal frente aos evangélicos

pentecostais. A virgem é um ícone do catolicismo que ultrapassa a identidade que figura características globalizantes de identidade política histórica.

“Me parece, entonces, que ricos y pobres, niños y adultos, mujeres y patriarcas son el contexto habitual y constante de la emergencia de Piedade. Mostrando que, em la formación histórica de la diversidad brasileña, estos son los clivajes estructurantes de la matriz tradicional, pre-moderna” (Segato, Sociedad y Religión, nº18/19, 1999, p. 65).

O culto a Maria traduz um compromisso diário com Jesus como nos fala a fiel Helena, que participa da RCC, “se queremos nos sentir próximos do filho de Deus não podemos esquecer a louvação, o terço, a novena, e tudo que se tem na Igreja Católica podendo colocar Maria, mãe de Jesus, como mediadora dos pedidos e agradecimentos dos fiéis junto a Jesus.” E se esse compromisso é verdadeiro não se deve esquecer de tomar a Eucaristia o máximo de vezes por semana.

“Maria é só uma intercessora, ela é a mãe de Jesus e tudo que a mãe pede o filho atende, mas pra que esse pedido seja atendido a gente precisa estar em paz com Deus e com o próximo e só quem dá pra nós essa paz é Jesus vivo na Eucaristia. A gente tem que participar da Eucaristia se possível todos os dias” (Helena, 50 anos).

Os fiéis que participam da RCC têm um discurso sobre culto a Maria bem diferenciado do católico que não participa. Alguns padres consideram exagero a forma como esses fiéis manifestam sua fé. E nos dias atuais o último sábado de cada mês, é rezado, durante toda a tarde na paróquia Nossa Senhora das Graças, (1000) mil Ave – Marias, uma iniciativa do grupo de oração da RCC.

“Dia 07 de setembro fizemos uma parada em favor dos excluídos, não vi faixa, nem grupos organizados dessa paróquia. Tem gente que vem a missa todos os dias, comungam, fazem suas orações e pensam que a Igreja poderia proporcionar isso ou aquilo outro. Gente, a Igreja somos nós e não estas paredes, este prédio. Quem não se considera Igreja e é capaz de lutar pelo próximo, ir além de papar hóstias, não é cristão de verdade. Temos que refletir em nossas atitudes. Que Igreja somos nós? Mortas, despedaçadas?

Sem consciência? Individualista? Egoísta? Refletir o evangelho sem refletir nossa prática, não chegaremos a lugar nenhum”(Pe. Sebastião).

Algumas pessoas que freqüentam o grupo de oração da RCC na paróquia Nossa Senhora das Graças dizem sentir essas emoções, comentam que o padre faz restrições a esses comportamentos, uma delas disse que: “o padre não gosta muito dessa cantoria, barulheira e ele falou que não quer saber de oração em línguas, aqui na paróquia, ele fala que esse povo da RCC só reza, canta e não faz nada de concreto” (Márcia, 35 anos, dona de casa).

Muitas pessoas com as quais conversamos querem ser beneficiadas pelo que a RCC proporciona, como elas mesmas dizem, querem paz, alegria, espiritualidade, mas também, não querem se indispor com o padre. Elas querem ficar bem com o sacerdote, apenas visitando o grupo de oração e ao mesmo tempo recebem desse grupo, aquilo que os outros grupos não fazem, “como por exemplo oração individual, de acordo com a necessidade de cada um, os padres daqui não têm carisma” (Manoel, 2º grau, 30 anos).

4. Religiosidade Pluralista

O catolicismo, assim como a religiosidade na sociedade pós-industrial é pluralista. Temos as CEBs, o catolicismo popular, a RCC e segundo Pessoa (1999), essas formas de ser católicos se misturam na prática social. As pessoas hoje não se prendem a uma religião porque nascem nesse determinado campo religioso, elas escolhem aquela que melhor lhe convém, isso caracteriza o trânsito religioso tão comum na modernidade radical em que vivemos. Prandi (1999) ressalta que o trânsito religioso pelo qual os féis passam é conseqüência de uma busca de realizações para as necessidades próprias, e ele salienta que

experimentar novas formas de religião não significa mudar de religião. E acrescenta que esse momento caracteriza a busca individual da espiritualidade, que é um momento pouco fiel à instituição, o que se procura é a satisfação pessoal.

Quando Prandi (1999) afirma que o fiel está em busca de satisfação pessoal, analisamos que parece ser isso que acontece com o fiel da paróquia Nossa Senhora das Graças. Embora esse fiel não deixe o catolicismo como campo religioso de sua fé, ele transita na própria paróquia a procura de um grupo que melhor o acolha, ou procura outra paróquia próximo à sua casa para freqüentar, mas não deixa de ir à busca de suas necessidades individuais.

A oferta no mercado de igrejas que oferecem gozo, alegria, prazer em viver, podem ser escolhidas na sociedade de acordo com os valores de cada fiel, e não há mais a homogeneidade católica de outrora.

“Está difícil para os padres reacender a chama de Jesus nos corações das pessoas, eles não demonstra alegria em ser padre” (Simone, 2º grau, 25 anos).

“Se depender dos padres os católicos vai só sumindo, a RCC com os carismas chama de volta os católicos distantes e renova os que estão quase deixando o barco virar, mas a gente vai sozinho não tem apoio de padre, pelo menos aqui na nossa paróquia não” (Lúcia, primário, 33 anos).

A pluralidade religiosa existente faz com que as pessoas procurem aquela igreja que lhe dê respostas mais rápidas, mais precisas em curto espaço de tempo de acordo com suas necessidades. “As doenças e bebidas na família fez a gente procurar a Igreja, mas os padres não dá muita confiança para os problemas da gente” (José Silva, primário, 40 anos).

Segundo Pierucci (2000, p.283),

“Hoje, a situação do quadro religioso brasileiro é de competição pluralista entre religiosidades as mais diversas. O quadro é de pluralismo religioso,

complexo e dinâmico, não raro com a passagem do converso por várias possibilidades de adesão religiosa. O recuo do catolicismo em território brasileiro não significa nem implica o recuo do cristianismo. Mais que um país católico o Brasil parece se tornar cada vez mais um país cristão.”

Acompanhando o raciocínio de Pierucci (2000) percebemos que a instituição católica se preocupa com o número de fiéis, e o povo vai a procura de uma igreja que lhe dê respostas imediatas, independentes de serem católicas ou não.

Interessante notar é a utilização de elementos antigos na elaboração de novas tradições inventadas para fins originais, é o que acontece com o catolicismo hoje, a ritualização da RCC nada tem de novo, mas utiliza de suas tradições com uma roupagem nova.

Uma das faces que o catolicismo mostra, hoje, é a relação do neo-antigo (Concilium/.244,1992/6), usa os recursos atuais da modernidade buscando recuperar o tradicional enquanto igreja na sociedade européia antes da secularização. No catolicismo tradicional, a religião oficial, é marcada por ritos de transição – batismo, 1ª eucaristia – casamento religioso. É nostálgico, traz os valores tradicionais, acontece sempre uma concorrência na área urbana, pois há outros campos religiosos.

No catolicismo popular há uma mística, é espontâneo, criativo, leigo, muito rural e sempre há um santo para ser homenageado. Com a modernização, a urbanização relativiza cada vez mais o sagrado, as diferenças culturais causam o impacto, não há mais a homogeneidade cultural, o que faz sentido no presente foi uma matéria-prima no passado, reinterpretada para o momento e o futuro são apenas formulações. O modelo de catolicismo já não consegue absorver a massa e as disputas no campo religioso, passam também pelos meios de comunicação, onde há disputas econômicas e culturais.

Muito já se fala no pluralismo religioso, oferece-se dentro do catolicismo o entendimento de múltiplas formas de ser católico. Para Brandão (1998), podem se identificar três modalidades básicas de católicos:

“o fiel que procura a Igreja para realização de sacramentos e que eventualmente assiste aos cultos; o católico com uma prática que vai das missas dominicais ao engajamento nas pastorais e movimentos leigos; e finalmente, aquele que se diz católico por ser batizado ou pertencer a uma família tradicionalmente católica, mas não se sente comprometido nem participa das atividades de sua comunidade religiosa.” (Brandão apud Carranza, 1998, p. 82)

A maioria das análises costuma abordar os efeitos da adesão religiosa sobre os fiéis. As poucas reflexões sobre a RCC foram feitas por “intelectuais dos setores progressistas da Igreja Católica que viram na ética individual e na mensagem intimista do movimento uma ameaça às experiências de politização da fé praticada nas CEB’s” (ibid,86).

O campo pesquisado mostra-nos pontos antagônicos de formas diferentes de entender o universo religioso em um momento que se fala em pluralidade religiosa. Diferentes posicionamentos se articulam deixando claro que a experiência do ser humano com o sagrado traduz uma relação de dependência, um sentimento que se manifesta, se mostra sustentado pela significação dos padrões culturais de uma dada realidade social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de nossa análise pudemos perceber que através da comunicação oral vão-se acumulando informações da cultura em que se vive. No campo religioso, a comunicação oral é muito importante, o discurso é muito presente, mas frente a tantas mudanças sociais as Igrejas Cristãs viram-se obrigadas a acompanhar o momento histórico e evangelizar buscando símbolos que pudessem fazer parte não só do dia-a-dia, mas também em qualquer lugar que se encontre o ser humano. Nessa perspectiva, a evangelização no catolicismo, ao mesmo tempo que busca reforçar suas tradições com a simbologia do catolicismo romano, procura também uma diversificação na forma de contextualizar essa evangelização acompanhando o processo da pós-modernidade que tem como uma de suas características a diversidade de ofertas religiosas.

O catolicismo, assim como a religiosidade na sociedade pós-industrial é

pluralista. Temos as CEBs, o catolicismo popular, a RCC. Segundo Pessoa (1999), essas formas de ser católico se misturam na prática social. As pessoas hoje não se prendem a uma religião porque nascem nesse determinado campo religioso, elas escolhem aquela que melhor lhes convém. Isso caracteriza o trânsito religioso tão comum na modernidade radical em que vivemos. Prandi (1999) ressalta que o trânsito religioso pelo qual os féis passam é consequência de uma busca de realizações para as necessidades próprias, e ele salienta que experimentar novas formas de religião não significa mudar de religião. E acrescenta: esse momento caracteriza a busca individual da espiritualidade, é um momento pouco fiel ao credo enquanto instituição, o que se procura é a satisfação pessoal.

Carvalho (1996), para explicitar esse comportamento do fiel, usa a expressão de caráter migratório, provisório, onde o fiel migra de um lugar para outro de forma provisória, fica enquanto sente satisfação, bem estar, enquanto suas necessidades são supridas.

Antoniazzi (1998) analisa esse período pós-moderno religioso de época religiosa em transição, quando outros valores são reconhecidos como tal e as limitações são outras. Para ele, essa transição, esse processo, é o real o qual passamos hoje.

Toda sociedade depara-se com a religião e esta está sempre ligada ao poder, tradição e cultura. A tradição é fragmentada, muito se perde através das gerações. Os contatos entre várias culturas e vários campos religiosos alteram as tradições que são diluídas, fragmentadas. Considera-se que a invenção de tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição. Importante notar é a utilização de elementos antigos na elaboração de novas tradições inventadas para fins originais.

O que uma das faces do catolicismo mostra hoje, é essa relação do neo-antigo (Concilium,n.244,1992/6), usa os recursos atuais da modernidade buscando recuperar o tradicional. No catolicismo tradicional, a religião oficial é marcada por ritos de transição – batismo, 1ª eucaristia – casamento religioso – missa de finados. É nostálgico, traz os valores tradicionais. Na pós-modernidade, no entanto, na área urbana acontece uma concorrência pela adesão do fiel a algum campo religioso que atenda às suas necessidades.

No catolicismo popular há uma mística, é espontâneo, criativo, leigo, muito rural e sempre há um santo para ser homenageado. Com a modernização, a urbanização relativiza cada vez mais o sagrado, as diferenças culturais causam impacto, o catolicismo é incapaz de absorver a massa, as disputas no campo religioso passam também pelos meios de comunicação, onde há disputas econômicas e culturais. Nesse contexto de velocidade, transitoriedade, descartabilidade, paradoxos, consumismo da fé, dessecularização vivem a religião e o sagrado na pós-modernidade.

O fenômeno carismático católico é aparentemente formado por leigos, estes se apropriam dos bens simbólicos de salvação, enquanto a estrutura eclesial reforça a tradição. A RCC consegue uma fé contextualizada, com bens simbólicos de salvação atrativos que até certo ponto respondeu às necessidades pessoais do fiel. Diante dessa realidade, o fiel da paróquia Nossa Senhora das Graças que transita entre os grupos ou de uma paróquia para outra se apropria desses bens atrativos quando não se sente sujeito da fé, fiel a algo que justifica sua fé.

O discurso dos sacerdotes da paróquia Nossa Senhora das Graças, até março de 2001, tem sido um discurso que busca o envolvimento do fiel com a comunidade, que visa um olhar crítico do fiel para a sociedade da qual todos fazem parte. No entanto, essa paróquia não conseguiu ainda desenvolver trabalhos de

pastorais que possam integrar os fiéis em diversos trabalhos diferenciados. O que a paróquia tem como trabalho é um grupo de 15 catequistas que desenvolvem a preparação da 1ª Eucaristia e Crisma e um coral com 10 jovens que animam a missa das 10:00 horas. O grupo de jovens não consegue se organizar. O último grupo que atuava na paróquia deixou de se reunir faz 8 anos. O grupo de Oração da RCC e o Apostolado da Oração são os grupos em que os fiéis têm mais idade e participam da comunidade há mais tempo.

A comunidade se diz ociosa, as pessoas mais idosas que freqüentam as missas dizem ter todas as tardes livres para ajudar em trabalhos diversos, querem colocar suas experiências de vida ou mesmo seus dotes manuais à disposição de outros, mas não há projetos que visam essa prática. Halbwachs, citado por Bosi (1994), afirma: “no momento de velhice social, o idoso tem por função própria ser a memória da instituição” e esses idosos da paróquia Nossa Senhora das Graças querem ser mais que memória, querem se sentir ativos, participantes de um processo social, mas do jeito que eles sabem. Não pelo discurso, mas na doação do seu tempo.

Quando a comunidade é convocada a participar, ajudando com o seu tempo e com o que podem fazer, percebe-se que comparecem com prazer como no caso das quermesses, dos almoços festivos, festival de sorvetes e outros eventos. Alguns fiéis reclamam a falta de tempo de cada padre que por lá passa. Reclamam que eles não têm tempo integral para a paróquia, que eles não conseguem estruturar pastorais ou mesmo atividades que possam ser desenvolvidas pelos fiéis da paróquia. Não têm tempo para as visitas às famílias e ficar a disposição na paróquia. “A gente gosta de ajudar aqui na paróquia, mas só tem o que ajudar quando tem festa. E a festa acontece só em novembro. Quando estava construindo o prédio a gente trabalhava mais, porque precisava de dinheiro para a construção.” (Maria Cristina,

62 anos)

Quando a fiel se refere à construção do prédio, ela se lembra que o prédio atual chamado Centro de Formação Catequético ficou pronto há pouco mais de 3 anos. Toda a comunidade ajudou nesta construção desde o seu início há aproximadamente 7 anos atrás. Durante todo o tempo da construção a cada 2 meses acontecia um evento para angariar recursos financeiros para o término do prédio. Os eventos eram: quermesses, festival de sorvetes, pamonhada, feijoada, jantar dançante, almoço festivo entre outros. Todos os eventos tinham leilão e bingo.

Ao concluir a pesquisa nota-se que o discurso dos sacerdotes não transmite uma mensagem clara aos fiéis dessa comunidade porque como afirma Geertz (1998, p.102) o ser humano está inserido no contexto do tempo em que se socializa, com isso os comportamentos são passíveis de serem compreendidos enquanto conjunto que explica uma cultura. A cultura religiosa dos fiéis da comunidade pesquisada é fundamentalmente reduzida ao papel que o sacerdote deve desempenhar na paróquia e esse papel é limitado a se fazer presente na paróquia e estar receptivo aos problemas do cotidiano dos fiéis, a encontrar uma forma de fazer o fiel se sentir útil e importante para a comunidade.

Para que a homilia satisfaça exigências tão complexas é oportuno que o presidente se prepare com um grupo de fiéis. O que esses grupos dão ao sacerdote é a percepção mais direta de como são entendidas as mensagens bíblicas e quais delas correspondem às necessidades das pessoas da comunidade. É difícil estabelecer um reencontro dessas dimensões, cultural e religiosa, visto que o ser humano está sempre entre dois opostos que o faz ficar cada vez mais distante ou próximo do sagrado. Segundo Ales Bello (1998, p.179), esse sagrado está centralizado na salvação “uma salvação ligada à sobrevivência,

mas também uma salvação como vida além da morte”. Para alguns dos entrevistados, a salvação da qual Ales Bello se refere está presente em seus discursos, pois entendem que para alcançar a salvação é preciso ser um fiel que tem uma vida constante de oração. Essa forma de buscar respostas para o seu dia a dia na oração é a melhor opção religiosa que esse fiel encontra e pratica para resolver seus problemas familiares, de saúde, profissionais ou qualquer outro, ele acredita que só poderá contar com Deus. As incertezas de uma sociedade justa são muitas, as mudanças sociais são muito rápidas e as pessoas não sabem como se preparar para receber tantas inovações. Alguns conseguem a segurança que procuram na religião, que é o seu refúgio, seu porto seguro. Não se trata de não aceitar o sacerdote, de brigar ou de deixar de freqüentar a paróquia por capricho. É uma questão de entendimento cultural religioso. Para esse grupo de fiéis entrevistados a Igreja é um lugar para falar em Deus e não em política. Da mesma forma, para o sacerdote, da paróquia pesquisada, ser Igreja e atuar nela, falar em Deus é falar em justiça social, em igualdade de condições humanas, é não esperar somente pela vontade de Deus, mas ir à luta em busca de uma sociedade melhor tendo Deus presente no próximo. Essa diferença de concepção entre o padre e os fiéis, sobre os valores fundamentais do cristão nos parece como um dos motivos que levam as pessoas a migrarem da paróquia em foco para outras paróquias senão também para outras confissões religiosas. Como a homilia é o meio utilizado para o padre transmitir os valores que quer que a comunidade siga, concluo que a homilia tem que ser também um momento de reflexão para os fiéis. Faz-se necessário observar que tipo de reflexão a comunidade quer fazer, porque se os fiéis não estão preparados para ouvir falar em questões sociais, os sacerdotes precisam encontrar uma forma de se fazer entender de acordo com o entendimento

sócio cultural religioso da paróquia a qual administram independente de sua forma de perceber o mundo.

Por outro lado, esta postura pode levar à inércia, à não incorporação de novos valores que estão se introduzindo na cultura atual. Encontrar o meio termo, eis o desafio que se coloca à Igreja institucional e aos fiéis que querem encontrar sentido para suas vidas concretas no campo religioso a que pertencem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALES BELLO, Ângela. *Culturas e Religiões*. Bauru: EDUSC, 1998.

ARAÚJO, Luiz Bernardo Leite. *Religião e Modernidade em Habermas*. São Paulo: Loyola.

BELTRAMI, Arnaldo, *Como Falar com os Meios de Comunicação da Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1996.

BERGER, Peter L. *O Dossel Sagrado*. Organização Luiz Roberto Benedetti; Tradução José Carlos Barcellos. São Paulo: Paulus, 1995.

BÍBLIA SAGRADA, Edições Paulinas.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. *O que é Comunicação*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva,1998.

_____. *O Poder Simbólico*.Rio de Janeiro; Bertrand Brasil,1998.

CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, Templo e Mercado*. Petrópolis: Vozes,1997

CARRANZA, Brenda. *Renovação Carismática Católica: Origens, Mudanças e Tendências*. Aparecida: Ed. Santuário,2000

CARVALHO, Dirce de. *Homilia*. São Paulo: Paulinas, 1993.

CIPRIANI, Roberto, ELETA Paula e NESTI, Arnaldo organizadores. *Identidade e Mudança na Religiosidade Latino-Americana*. Petrópolis: Vozes,1997.

CORTEN, André. *Os Pobres e o Espírito Santo: O Pentecostalismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes,1996.

D'EPINAY, Christian Lalive. *O Refúgio das Massas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

DÍEZ, Felicísimo Martínez. *Teologia da Comunicação*. São Paulo:Paulinas,1997.

DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Paulinas, 1989.

ECO, Umberto. *Interpretação e Superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes,1993.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1983.

GAARDER, Jostein. *O Livro das Religiões*. Trad. Isa Mara Lando; revisão Técnica e apêndice Antônio Flavio Pierucci. São Paulo. Companhia das Letras,2000.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC,1989.

_____. *O Saber Local*. Petropólis: Vozes, 1998.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da Modernidade*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: UNESP,1991.

GUARESCHI, A. Pedrinho. Organizador, *Comunicação e Controle Social*. Petrópolis: Vozes, 2000.

HARTMANN Jorge E MUELLER Néelson, *A Comunicação pelo Microfone*. Petrópolis: Vozes,1998

HELLER, Agnes, São Paulo: Paz e Terra, 1989.

HOLANDA, Aurélio Buarque de, *Novo Dicionário Aurélio* São Paulo: Nova Fronteira,1986. .

JORNAL informativo *LUZ da VIDA da Comunidade Católica de Evangelização* – Arquidiocese de Goiânia. AnOII.N.23 Out/Nov.2000

_____ Ano III.nº .27 Fev/Mar.2001

KOCH, Ingedore Villaça, *A inter-Ação pela Linguagem*. São Paulo: Contexto,1998.

LÉGER, Danièle Hervieu. *Sociedad y Religión*. nº 14/15. Noviembre, 1996.

MACHADO, Maria das Dores. *Carismáticos e Pentecostais. Adesão Religiosa na Esfera Familiar*. Campinas: ANPOCS,1996.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em análise do Discurso*. Campinas: UNICAMP,1997.

MARTELLI, Stefano. *Religião na Sociedade pós-moderna*. Trad. Euclides Martins Balancin. São Paulo. Paulinas,1995.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. Petrópolis: Vozes,1994.

NEIVA JR, Eduardo. *A Imagem*. São Paulo: Ática, 1986.

NOYA PINTO, Virgílio, *Comunicação e Cultura Brasileira*. São Paulo: Ática,1999.

PESSOA, Jadir de Moraes. *A Igreja da Denúncia o e silêncio do fiel*. Campinas: Alínea,1999.

PIERUCCI, Flávio Antônio e PRANDI, Reginaldo. *A Realidade Social das Religiões no Brasil*, São Paulo: HUCITEC, 1996.

PORTELLI, Hugues, *Gramsci e a Questão Religiosa*. São Paulo: Paulinas, 1994.

PRANDI, José R. *Religião, Biografia e conversão: Escolhas Religiosas e Mudanças da Religião*. Trabalho apresentado na IX Jornada sobre Alternativas Religiosas na América Latina. Rio de Janeiro: IFCSS/UFRJ, 1999.

PUNTEL, Joana T., *A Igreja e a Democratização da Comunicação*. São Paulo. Paulinas, 1994.

RIBEIRO, Ivete e RIBEIRO, Ana Clara Torres, *Família e Desafios na Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Loyola, 1994.

ROLIM, Francisco Cartaxo. *Dicotomias Religiosas*. Petrópolis: Vozes, 1997

SEGATO, Rita Laura. *Sociedad y Religión*. nº 18/19. 1999.

SILVA, Benedito. *Dicionário de Ciências Sociais*/ Fundação Getúlio Vargas, Instituto de Documentação. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1987

TODOROV, Tzvetan. *Simbolismo e Interpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

VÃZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

VEJA, São Paulo: Abril Cultural, 32 nº 45, 1999.

WACH, Joaquim. *Sociologia da Religião*. São Paulo. Paulinas, 1990.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Brasília: UNB, 1991.

DOCUMENTOS DA IGREJA CATÓLICA

Catecismo da Igreja Católica. São Paulo, Ed. Paulinas, 1993.

CNBB. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil. 1992

CNBB 72, Comunicação e Igreja no Brasil. São Paulo, 1994

Dicionário Bíblico, 1996

IGREJA e Comunicação Rumo ao Novo Milênio

Itaici, Indaiatuba, SP, 17 de abril de 1997

CNBB, nº 61 2000. Coleção. Paulinas. São Paulo, 1999.

CONCILIUM, Revista n.244, 1992/6

ANEXOS

FOTOGRAFIAS

